

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
Instituto de Psicologia  
Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica

SIMONE KELLY NIKLIS GUIDUGLI

**Um estudo qualitativo sobre o pré-natal e o puerpério na perspectiva do pai**

São Paulo  
2022

SIMONE KELLY NIKLIS GUIDUGLI

**Um estudo qualitativo sobre o pré-natal e o puerpério na perspectiva do pai**

Versão Corrigida

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Doutorado em Ciências.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Isabel Cristina Gomes

São Paulo

2022

AUTORIZO A REPRODUÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTA TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação  
Biblioteca Dante Moreira Leite  
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo  
Dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Niklis Guidugli, Simone Kelly

Um estudo qualitativo sobre o pré-natal e puerpério na perspectiva do pai / Simone Kelly Niklis Guidugli; orientadora Isabel Cristina Gomes. -- São Paulo, 2022.

102 f.

Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica) -- Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2022.

1. Paternidade. 2. Pais. 3. Psicanálise. 4. Gravidez. 5. Puerpério. I. Gomes, Isabel Cristina, orient. II. Título.

Nome: GUIDUGLI, Simone Kelly Niklis

Título: Um estudo qualitativo sobre o pré-natal e o puerpério na perspectiva do pai

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Ciências.

Aprovado em: 27/05/2022

Banca Examinadora

Prof. Titular Isabel Cristina Gomes

Instituição: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Assinatura:

Prof. Dr. Andrés Eduardo Aguirre Antúnez

Instituição: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Assinatura:

Prof. Dr<sup>a</sup> Izabella Paiva Monteiro de Barros

Instituição: Universidade Federal do Pará

Assinatura:

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Carine Valéria Mendes dos Santos

Instituição: Centro Universitário Cesmac de Maceió/AL.

Assinatura:

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maíra Bonafé Sei

Instituição: Universidade Estadual de Londrina

Assinatura:

*Aos pais desta pesquisa que compartilharam suas histórias e me possibilitaram aprender com eles.*

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Nicácio e Mercedes (sempre presente †), que me deram a vida e me possibilitaram tudo e todo o restante.

Às minhas irmãs, Claudia e Regina, pelo companheirismo e parceria de sempre.

Ao Marcio, pela paciência e respeito ao meu tempo e dedicação, consequente ausência, durante os anos de elaboração desta tese.

A Professora Isabel Cristina Gomes, pela acolhida em ter me recebido em seu grupo, e pelo cuidadoso e valioso conhecimento compartilhado através de suas orientações.

A Professora Eliana Herzberg, minha gratidão, carinho e profundo respeito por sua trajetória acadêmica e parceria de sempre.

As professoras Izabella Paiva Monteiro de Barros e Tania Mara Marques Granato pelas valiosas contribuições na banca da Qualificação.

A Dr<sup>a</sup> Arianne Angelelli, psiquiatra e psicanalista, que com seu olhar sensível sob a paternidade, me ensinou tanto nesse percurso.

Aos colegas do grupo de orientação pelas contribuições atentas e cuidadosas, assim como pela torcida de sempre.

Aos professores e colaboradores do Instituto de Psicologia da USP, pelos ensinamentos e orientações pontuais e sempre muito efetivas.

A Evelyn Fabrini, ex-aluna dedicada que, com seu interesse ímpar, desejou trilhar este percurso comigo, me auxiliando nas transcrições das entrevistas, em meio a tantos compromissos. Como te admiro!!

Ao Diego Rodrigues, parceiro de trabalho desde o mestrado, com seu olhar concentrado e competente, meu agradecimento por todas as contribuições.

A todos os amigos e colegas que, na torcida para que esta pesquisa acontecesse, me indicaram casais grávidos e ofereceram seu apoio para tudo o que fosse possível.

Aos pais participantes desta pesquisa, minha gratidão por terem me permitido adentrar em suas vidas e aprender com as histórias lindas como as que vocês me contaram.

É difícil começar a descrever as maneiras pelas quais  
um pai enriquece a vida dos filhos, tão amplas são as possibilidades.  
(WINNICOTT, 1945/2022, p. 103)

## RESUMO

As transformações dos modelos de família, no decorrer da história, fizeram com que homens e mulheres se reposicionassem socialmente, sendo a paternidade um tema que sofre impactos dessas transformações e tem sido constantemente revisitado. Esta pesquisa teve como objetivo geral analisar a vivência da paternidade, antes e depois do nascimento, em homens primíparos e, como objetivos específicos, compreender o processo de identificação dos pais com as esposas grávidas, nos períodos pré-natal e puerperal, e analisar os impactos da pandemia no processo de paternidade, nos mesmos períodos. O método utilizado foi o clínico qualitativo e longitudinal, com duas entrevistas realizadas individualmente (uma no pré-natal e outra no puerpério) com cinco homens casados, na faixa etária entre 30 e 36 anos. Do total de participantes 04 eram profissionais de empresas privadas e 01 autônomo, o que repercutiu diversamente no tempo de licença paternidade e na renda salarial, considerando os impactos do isolamento social na pandemia; 02, da raça/cor negra, apresentaram preocupações específicas frente à experiência do racismo que o filho poderá vir a sofrer; as diferentes crenças religiosas também tiveram influência no significado atribuído pelos pais aos filhos. A partir da análise de conteúdo, que considerou a perspectiva psicanalítica, especialmente winnicottiana, foram elaboradas cinco categorias temáticas: 1. Expectativas *versus* paternidade real; 2. Da invisibilidade ao protagonismo do pai; 3. Da identificação com a mãe à inveja; 4. A pandemia: do isolamento à necessidade de privacidade; 5. A valorização desse novo pai. Considerações finais: compreendeu-se que os participantes da pesquisa possuíam um desejo de também serem protagonistas de ações na interação com os filhos/bebês de modo quase similar às mães. Aos profissionais da saúde mental, psicólogos e psicanalistas, a pesquisa pode contribuir para mostrar a importância de oferecer escuta, visitar conceitos e colaborar para uma visão mais atualizada que agregue antigos e fortalecidos temas às constatações contemporâneas. Sendo assim, considera-se que é possível que homens sejam *pais suficientemente bons*, parafraseando o termo winnicottiano de *mãe suficientemente boa*, uma vez que a característica principal para que esta seja assim considerada é a disponibilidade temporária a uma tarefa única, o que implica em primeiro lugar no desejo, algo que os pais participantes desta pesquisa claramente possuíam.

**Palavras-chave:** Paternidade. Pais. Psicanálise. Gravidez. Puerpério.



## ABSTRACT

Transformations of family models throughout history led men and women to change their social roles and affected paternity, which has been constantly revisited. This research aimed to analyze the experience of fatherhood, before and after child birth in primiparous men. As secondary objectives, it aims to understand the identification process of fathers with pregnant wives in the prenatal and puerperal periods and to analyze the impacts of the pandemic on the paternity process in the same periods. The research has qualitative and longitudinal design and used two interviews carried out individually (one in the prenatal period and the other in the puerperium) with five married men, aged between 30 and 36 years. The sample is described as the following: 04 were professionals from private companies and 01 were self-employed, which brought differences on the time of paternity leave and salary income, given the impacts of social isolation in the pandemic; 02 were black race/color, presented specific concerns regarding the experience of racism that the child may suffer in the future; different religious beliefs also had an influence on the meaning attributed by parents to their children. A content analysis was carried out based on the following thematic categories: 1. Expectations versus real paternity; 2. From invisibility to the role of the father; 3. From identification with the mother to envy; 4. The pandemic: from isolation to the need for privacy; 5. The appreciation of this new father. In general, it was concluded that the sample has a desire to also play a leading role with the children almost likely the mothers. However, there was a lack of information and interventions, mainly by mental health professionals, which included husbands in the preparation for puerperal pregnancy cycle. Finally, the pandemic condition was observed as a possibility to protect the family's privacy due to isolation, even adding economic concerns depending on the employment relationship of the participants.

**Key words:** Fatherhood. Parents. Psychoanalysis. Pregnancy. Puerperium.

## RESUMÉ

Les transformations des modèles de famille, à travers l'histoire, ont amené hommes et femmes à trouver une nouvelle place sociale, la paternité étant un thème qui subit les impacts de ces transformations et qui est sans cesse revisité. Cette recherche avait pour but général d'analyser le vécu de la paternité, avant et après la naissance, chez les hommes primipares et, comme objectifs spécifiques, de comprendre le processus d'identification des pères aux épouses enceintes, dans les périodes prénatale et puerpérale, aussi que d'analyser les impacts de la pandémie sur le processus de paternité, dans les mêmes périodes. La méthode clinique qualitative et longitudinale a été utilisée, avec la réalisation de deux entretiens individuels (l'un en période prénatale et l'autre en puerpérale) auprès de cinq hommes mariés, âgés de 30 à 36 ans. Sur le nombre total de participants, quatre étaient employés d'entreprises privées et l'autre, travailleur indépendant, ce qui a eu des répercussions différentes sur le temps de congé de paternité et les revenus salariaux, compte tenu des impacts du confinement pendant la pandémie ; les deux pères de race/couleur noire ont manifesté des préoccupations spécifiques concernant l'expérience du racisme que l'enfant peut subir ; les différentes croyances religieuses ont également eu une influence sur le sens que ces pères attribuent à leurs enfants. À partir de l'analyse de contenu, qui a considéré la perspective psychanalytique, notamment winnicottienne, cinq catégories thématiques ont été élaborées : 1. Expectatives versus paternité réelle ; 2. De l'invisibilité au rôle central du père ; 3. De l'identification à la mère à l'envie ; 4. La pandémie : de l'isolement au besoin d'intimité ; 5. L'appréciation de ce nouveau père. Considérations finales : il a été compris que les participants à l'étude souhaitaient être des protagonistes d'actions dans l'interaction avec les enfants/bébés d'une manière presque similaire aux mères. Aux professionnels de la santé mentale, les psychologues et psychanalystes, cette étude peut aider à montrer l'importance d'offrir une écoute, de revisiter les concepts et de collaborer pour une vision plus actualisée qui ajoute des thèmes anciens et renforcés aux découvertes contemporaines. Dès lors, on considère qu'il est possible que les hommes soient des pères suffisamment bons, en paraphrasant le terme winnicottien de mère suffisamment bonne, puisque la principale caractéristique pour que celle-ci soit considérée comme telle est la disponibilité temporaire à une seule tâche, ce qui implique en le désir, ce que les parents participant à cette recherche possédaient clairement.

Mots clés : Paternité. Pères. Psychanalyse. Grossesse. Puerpéralité.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ADCT - Ato das Disposições Constitucionais Transitórias

CLT - Consolidação das Leis do Trabalho

CNS – Conselho Nacional de Saúde

DPP – Depressão Pós-parto

DSM – Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders

OMS - Organização Mundial da Saúde

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	13
2. REVISÃO DA LITERATURA.....	19
2.1 A família e suas configurações: uma trajetória histórica.....	19
2.1 Maternidade e paternidade versus parentalidade.....	21
2.3 À espera do filho: a gravidez e o pai.....	28
2.4 O corpo do pai atravessado pela gestação.....	31
2.5 O puerpério: da centralidade da mulher à entrada do homem.....	33
2.6 Da Preocupação Materna Primária à Preocupação Parental Primária.....	37
3 JUSTIFICATIVA.....	44
4 OBJETIVOS.....	46
5 HIPÓTESE.....	47
6 MÉTODO.....	48
6.1 Tipo de pesquisa.....	48
6.2 Participantes.....	49
6.3 Instrumentos:.....	49
6.3.1 Questionário para caracterização do perfil dos participantes.....	49
6.3.2 Entrevista semidirigida.....	49
6.4 Cuidados Éticos.....	50
6.5 Procedimento de coleta de dados.....	50
6.6 Procedimento de análise de dados.....	51
7 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	52
7.1 Caracterização dos participantes.....	52
7.2 Categorias temáticas.....	54
7.2.1 Expectativas versus paternidade real.....	54
7.2.2 Da invisibilidade ao protagonismo do pai.....	63
7.2.3 Da identificação com a mãe à inveja.....	65

7.2.4 A pandemia: do isolamento à necessidade de privacidade.....	70
7.2.5 A valorização desse novo pai .....	75
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	82
REFERÊNCIAS .....	86
APÊNDICES .....	94
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO .....	98
ANEXOS .....	100

## 1. INTRODUÇÃO

O desenvolvimento deste estudo deu-se após longa trajetória profissional da pesquisadora pela qual pode atender casais à espera de fetos com anomalias congênitas e diante de tal fato percebeu que homens e mulheres, na condição de estarem se tornando pais, se manifestavam no espaço terapêutico frequentemente de maneira diferente. Mulheres habitualmente ocupando o lugar de fala e compartilhando as emoções mais dolorosas diante aquela situação de adoecimento do filho, e homens presentes neste espaço, mas posicionando-se de forma a apoiar a esposa/companheira e nem sempre apresentando suas dores emocionais enquanto sujeitos desejantes do filho.

A partir daí surgiram algumas questões... homens que estão se tornando pais tem espaço para falar de si? Quando há espaço (escuta) utilizam-se dele? Existe demanda dos homens para um espaço privativo para falar sobre a paternidade? Como é o desejo de ser pai? Que conflitos possuem com a paternidade? Sentem-se vistos e escutados nessa demanda ou como mero apoiadores da mulher com suas próprias demandas? Tais questões e tantas outras estimularam a pesquisadora a investigar o processo de paternidade a partir da perspectiva do próprio homem enquanto sujeito desejante do filho, buscando compreender a relação estabelecida entre o pai e a sociedade contemporânea quanto ao seu papel e lugar a ser ocupado.

Segundo Santis e Barham (2017), apesar do interesse crescente pelo estudo sobre o envolvimento paterno, inicialmente o tema estava relacionado à presença versus ausência física do pai no ambiente familiar, sobre a qual estabelecia-se uma relação com o desenvolvimento infantil a partir destas condições. A partir da década de 90 no entanto, foram acrescentados ao estudo dessa temática os conceitos de acessibilidade, ou seja, o grau de disponibilidade do pai com a criança – física e psicologicamente – e ainda, de responsabilidade, sendo este relacionado à constatação de quanto o pai assume responsabilidades do tipo levar o filho ao médico, acompanhar o trabalho de cuidadores e babás, etc. Atualmente, as autoras afirmam que, o conceito de envolvimento paterno, está relacionado ao constructo multidimensional, que abrange uma gama de habilidades de ordem afetiva, cognitiva e ética, assim como componentes comportamentais observáveis diretos – como a interação com a criança – e indiretos - como o sustento financeiro e suporte psicológico à mãe.

Embora seja de extrema importância constatarmos a evolução deste conceito, a presente tese não objetiva focar nas questões comportamentais de homens que estejam se tornando pais, mas sobretudo em suas vivências, emoções e sentimentos que lhes acometem diante dessa novidade, por vezes, descrita como uma vivência “inominável”. O termo vivência pode ser

compreendido genericamente como uma experiência (Barreta, 2010), termo este que foi utilizado por Freud em sua teoria quando descreveu a etiologia da histeria, trazendo à discussão a vivência traumática. Embora não tenha explorado o termo em si, fez uso dele para trabalhar a concepção de experiência. Este mesmo sentido estará sendo considerado nesta pesquisa.

Drago e Menandro (2014) discutiram sobre a baixa frequência de estudos que investiguem as repercussões emocionais que acometem os homens frente a paternidade. Os autores explicam que, até poucas décadas, na família tradicional recaía sobre o pai a função de prover o sustento do lar e da família, enquanto à mãe cabia a função de cuidar das crianças. Em decorrência disso, pode-se pensar que, à mulher era investido um olhar científico que buscava compreendê-la no contexto da maternidade, bem como encontrar formas de auxílio em saúde mental. Com isto, ao pai, que até então, saía de casa para dedicar-se ao trabalho e conseqüente sustento da família, não havia o mesmo investimento, pois não se considerava que repercussões, semelhantes às da mulher, pudessem ser uma realidade para ele.

No decorrer da história, sabe-se que homens e mulheres passaram a ocupar diferentes papéis sociais, transformando a estrutura familiar tradicional (ROUDINESCO, 2003) na qual o homem detinha a autoridade sobre a família para uma nova configuração, em que, segundo Gomes (2021), é compreendida por diversos autores

como um espaço complexo de trocas afetivas onde ocorrem identificações, alianças conscientes e inconscientes<sup>1</sup>, aquisição de comportamentos, valores culturais, éticos e morais, que interagem no desenvolvimento das personalidades individual e grupal (p. 95).

Ferrari e Ribeiro (2020), ressaltam que diante de tantas transformações nos papéis femininos – e conseqüentemente na família – ocorridos nas últimas décadas, o olhar sobre os cuidados com os bebês foi se impondo como uma questão urgente. Referem que antes era natural que a mãe biológica cuidasse de seus bebês, porém isso deixou de ser o óbvio, e outras alternativas precisaram ser construídas. É um fato que a mãe, pelo motivo de ter adentrado ao mercado de trabalho, não está mais disponível em tempo integral para cuidar dos filhos além de ser possível considerar que haja outros interesses para além da maternidade, ou seja, “a família e a sociedade têm tido que inventar novos dispositivos e repensar os papéis familiares para dar conta dessa questão” (p. 226).

---

<sup>1</sup> Alianças (pactos) inconscientes trata-se do pacto ou aliança ou vínculo ou laço afetivo estabelecido entre dois ou mais sujeitos. Presentes em todos os casais, famílias, grupos e instituições nos vários níveis de subjetivação (LEVISKY, 2021, p. 41).

Seguindo a trajetória cronológica acerca das mudanças na família contemporânea Araújo (2009) abordou a relação entre gênero e novos papéis familiares. Nesta perspectiva, a mulher veio se colocando como grande modificadora dos tempos anteriores, quando se torna uma co-provedora e, dessa forma, não somente divide despesas, mas também passa a compartilhar e exigir que o homem divida de forma mais igualitária as tarefas domésticas e os cuidados com os filhos. A autora pontuou, no entanto, que tais mudanças não ocorrem de forma tranquila, mas sim, com enfrentamentos diários de conflitos e contradições que se mostram nas práticas ainda desiguais, no cotidiano familiar.

Diversos autores vieram discutindo sobre as mudanças no papel do homem na sociedade, trazendo à tona as transformações nas relações de gênero, as quais propiciaram o surgimento de novos valores e padrões comportamentais, assim como novas representações referentes ao masculino e ao feminino. Há de se considerar que a migração da mulher do ambiente familiar para o trabalho tirou do homem a tarefa exclusiva de proventos à família e, tais mudanças, passaram a conferir a ambos – homem e mulher - um outro lugar para ser ocupado na sociedade, tanto em termos de gênero, quanto em termos de maternidade e paternidade (MATOS; MAGALHÃES, 2019; BERNARDI, 2017; CAMPANA; SANTOS; GOMES, 2019).

Matos e Magalhães (2019, p. 153) observam a emergência de um novo ideal de pai, “que não se restringe à disciplina e ao provimento de recursos financeiros, mas que envolve o cuidado e a educação dos filhos desde bebês, com participação nas trocas de fraldas, na alimentação, nas idas ao médico e na vida escolar”. A partir disso, surge esse novo pai que desenvolve um contato mais próximo ao filho e que sente satisfação com isso. Não parece então, segundo as autoras supracitadas, que se trate de uma inversão de papéis entre mães e pais, mas sim de uma relação mais complexa que os pais estabelecem com seus filhos na contemporaneidade. Sendo assim, a paternidade não é mais compreendida e vista somente como uma obrigação, mas passa a ser relacionada ao desejo do homem de ocupar esse novo papel. Entretanto, para que o cuidado faça parte da subjetividade masculina, torna-se necessária a desconstrução das dicotomias pai-provedor e mãe-cuidadora (MATOS; MAGALHÃES, 2019).

Tornar-se pai ou mãe, segundo Cherer, Ferrari e Piccinini. (2018), concerne a uma vivência que não se restringe ao fato de ter um filho, mas também implica em experiências e transformações que abrangem diversos aspectos da vida. Rodriguez, Gomes e Oliveira (2017), afirmam que “tornar-se pai ou mãe implica um trabalho interior que começa pela aceitação de



que herdamos algo de nossos pais e do qual podemos nos tornar meros repetidores ou autores de um novo legado” (p. 139).

Quando do aporte da psicanálise para a discussão sobre as diferenças de gênero e suas influências nos papéis parentais, nos lembramos da importância que Freud atribuiu ao Complexo de Édipo e de castração para as questões da sexualidade humana, evidenciando importantes diferenças entre meninos e meninas. Freud (1924/1996) relacionava ainda, a maternidade à castração. Diz:

O complexo de Édipo da menina é muito mais inequívoco do que o do pequeno portador de pênis; segundo minha experiência, raramente vai além da substituição da mãe e da postura feminina diante do pai. A renúncia ao pênis não é tolerada sem uma tentativa de compensação. A garota passa — ao longo de uma equação simbólica, poderíamos dizer — do pênis ao bebê, seu complexo de Édipo culmina no desejo, longamente mantido, de receber do pai um filho como presente, de lhe gerar um filho (p. 198).

Em consonância à teoria freudiana, Faria e Lima (2004) afirmaram “é por ter deparado com o fato de não ter um pênis que a menina poderá deslizar da decepção em relação ao órgão de que não é dotada, para o desejo de ter um filho” (p.16). Sendo assim, a própria ideia de que a menina sente inveja do menino a partir de quando se depara com a falta do pênis que lhe acomete, coloca-a em um lugar de ser “faltante” em comparação ao outro (homem), o que talvez, para algumas, poderá ser compreendido como uma posição inferior em virtude do “não ter”.

Diferentemente de Freud, que calcou sua teoria nos conflitos sexuais inconscientes, Winnicott fundamentou sua teoria de desenvolvimento emocional a partir da relação mãe-bebê. Nela, atribuiu ao pai especialmente um papel de cuidador da mãe, objetivando que esta pudesse ficar absolutamente envolvida nos cuidados ao bebê, além de prover o sustento necessário à família (Winnicott, 1957/2008). Embora haja nesta teoria uma importância atribuída ao pai que se direciona mais evidentemente aos cuidados com a mãe, Winnicott também discorreu sobre a importância do pai a partir de suas próprias características que o incluíam no rol de potenciais cuidadores do bebê, o que será discutido mais adiante.

Santos (2018) desenvolveu em sua tese uma pesquisa com famílias, na qual um dos objetivos foi investigar o processo de constituição das interações diádicas e triádicas entre pai, mãe e bebê. Nela, a autora observou as famílias participantes durante três meses, além de entrevistar por duas vezes cada casal. Por meio dos resultados encontrados, concluiu-se que

a possibilidade de um cuidado parental igualitário sustentou a existência de um modelo de interação triádica, enquanto o cuidado exercido a partir de um referencial parental hierárquico foi associado a um modelo de interação diádica (SANTOS, 2018, p. 8).

Colletti e Scorsolini-Comin (2015) realizaram um estudo qualitativo com homens de meia idade, considerados na faixa etária de 44 a 58 anos, que foram pais pela primeira vez. A paternidade para esse grupo estudado, segundo os autores, está intimamente relacionada à percepção que tiveram de seus próprios genitores, embora “aberta a (re)criações” (p. 383). Cabe ressaltar que neste sentido, a literatura existente sobre a gestante também traz algo semelhante no que diz respeito à identificação desta com a figura materna e, portanto, no desenvolvimento do processo de maternagem a partir de suas próprias experiências enquanto filhas. Ao passo que a maternagem ocorre a partir de tais experiências, a paternagem (ABADE; ROMANELLI, 2020) ocorre com os pais também por este motivo e porque podem aprender os cuidados com o bebê assim como as mães.

Santos e Antúnez (2017) discutem as interações afetivas observadas entre dois pais e seus respectivos bebês, trazendo a reflexão sobre o fenômeno que vem sendo compreendido como uma nova paternidade na família contemporânea. Segundo os autores, trata-se de um possível reordenamento quanto a papéis e funções de homens e mulheres no que diz respeito ao cuidado com os(as) filhos(as). Por meio de um estudo qualitativo, os autores citados afirmam que a característica essencial da nova paternidade é, principalmente, a inserção paterna implicada afetivamente nos cuidados diários oferecidos à criança, ao que denominam “paternidade afetivamente inscrita” (p. 234). Nesta categoria insere-se o pai na inscrição da subjetividade da criança, papel no qual imprime-se características próprias do cuidado paterno na relação com o filho.

Falceto, Fernandes e Kerber (2012) fizeram um levantamento bibliográfico a respeito dos transtornos psiquiátricos paternos, especialmente a depressão. Os autores nos alertam para a realidade da negligência no meio médico para com o tema e, a partir de seus estudos, procuram oferecer suporte às recomendações atuais de incluir o pai nas consultas de pré-natal com a finalidade de estimular a formação de vínculos familiares saudáveis.

Os autores acima citados afirmam que a depressão pós-parto (DPP) é tipicamente tratada como um problema exclusivo das mulheres e que ocorre, ao longo do primeiro ano de vida do filho, acometendo entre 10 e 15% delas. Entretanto, afirmam que os pais também passam por mudanças significativas após o nascimento da criança, as quais se assemelham às que ocorrem com as mães. Ambos vivenciam transformações importantes no sentido de sua identidade

pessoal, papéis familiares e sociais. Mudam especialmente as relações interpessoais do casal e também as rotinas diárias, principalmente do sono.

Rodrigues (2019) concluiu em sua pesquisa com homens que estavam sendo pais pela primeira vez, que as experiências do pós-parto no homem também são caracterizadas por sentimentos positivos e negativos. Encontrou uma média elevada na escala de Depressão, o que revela um alto nível de humor depressivo, relacionando-se com a diminuição da autoestima e do foco na relação conjugal, dificultando a passagem para a parentalidade, diminuindo a satisfação com o papel parental, e criando tensões com a parceira. A autora ressalta que este humor depressivo relacionado com o processo da gestação traz ao profissional de saúde uma importante responsabilidade no que diz respeito a constatar tal diagnóstico ainda durante este período.

Diante deste cenário em que alguns estudos já sinalizam a presença de repercussões emocionais importantes, bem como quadros psicopatológicos em homens que se inserem na vivência da paternidade e seu cotidiano, a relevância do aprofundamento desse tema mostra-se necessária. (RODRIGUES, 2019; MORALES; CATALÁN; PEREZ, 2018). Com isso, propôs-se, então, investigar como é a vivência da paternidade desde o período em que o homem idealiza o nascimento da criança até a realidade do puerpério imediato, considerando o primeiro mês após o nascimento desta.

Pretende-se com este estudo compreender de modo aprofundado e contribuir com o conhecimento especializado, para que homens e mulheres, no processo de construção da parentalidade sejam igualmente valorizados, esperando com isso, que o cuidado do profissional de saúde, principalmente o psicólogo, seja direcionado às necessidades psíquicas de ambos.

## 2. REVISÃO DA LITERATURA

Apresenta-se a seguir a revisão de literatura que contempla uma retrospectiva histórica sobre a família e todas as transformações ocorridas, perpassando pela maternidade e paternidade e suas implicações a partir dos novos papéis que homens e mulheres desempenham na contemporaneidade.

### 2.1 *A família e suas configurações: uma trajetória histórica*

Nesta tese iremos focar nas mudanças ocorridas na família nuclear heterossexual ao longo do tempo. Portanto, para compreender sua dinâmica atual, é preciso realizar uma retrospectiva sobre o conceito de família e seu modo de funcionamento em um contexto sociocultural. Rodriguez et al. (2017) afirmam que a família nuclear constituída por pai, mãe e filho(s) vivendo juntos em um mesmo espaço, e além disso, com uma divisão rígida de papéis entre os gêneros masculino e feminino, é algo novo na história da humanidade. As autoras relembram o advento da industrialização, no século XVIII na Inglaterra, como um marco para que tais mudanças ocorressem. Neste período, por motivos políticos foi necessário estabelecer um espaço privado para a família conviver entre si e não mais em um espaço público. A partir desta nova forma de vida, a família heteronormativa foi a referência de identidade na constituição dos sujeitos.

Roudinesco (2003) ao fazer uma retrospectiva histórica, nos lembra que a família sempre foi definida na literatura pelo “conjunto de pessoas ligadas entre si pelo casamento e a filiação, ou ainda pela sucessão dos indivíduos descendendo uns dos outros” (p. 12). Quanto à família conjugal ou restrita, tal como se conhece no mundo ocidental atualmente, a autora afirma que se trata de uma construção que evoluiu ao longo dos séculos XVI ao XVIII, onde o núcleo pai-mãe-filho se diferencia do que antes era considerado família, que era uma casa ou um grupo em que se incluíam outros parentes, pessoas próximas, amigos e criados. Segundo Phillipe Ariès (1981), até o século XVII, a vida era vivida em público, diz:

As cerimônias tradicionais que acompanhavam o casamento, e que eram consideradas mais importantes do que as cerimônias religiosas, como a bênção do leito nupcial, a visita dos convidados aos recém-casados já deitados, as brincadeiras durante a noite de núpcias etc., são mais uma prova do direito da sociedade sobre a intimidade do casal. Por que haveria alguma objeção, se na realidade não existia quase nenhuma intimidade, se as pessoas viviam misturadas umas com as outras, senhores e criados, crianças e adultos, em casas permanentemente abertas às indiscrições dos visitantes? A densidade social não deixava lugar para a família. Não que a família não existisse como realidade vivida: seria paradoxal contestá-la. Mas ela não existia como sentimento ou como valor (p. 146).

Ainda segundo Roudinesco (2003), há três grandes períodos na evolução da família. Numa primeira fase, a família dita “tradicional” tinha como principal objetivo assegurar a transmissão de um patrimônio. Os casamentos eram arranjados entre os pais, e a vida sexual e afetiva dos futuros esposos, em geral unidos em idade precoce, não era levada em conta. Nesse contexto, o núcleo familiar submetia-se a uma autoridade patriarcal, onde aquilo que não estava dentro de tal perspectiva não podia ser considerado.

Numa segunda fase, tem-se a família chamada “moderna”, a qual torna-se o receptáculo de uma lógica afetiva cujo modelo se impõe entre o final do século XVIII e meados do XX. Fundamentada no amor romântico, ela permite a reciprocidade dos sentimentos e os desejos carnavais através do casamento. Também valoriza a divisão do trabalho entre os esposos, e a educação dos filhos é assegurada pelo Estado. Por este motivo, a atribuição da autoridade torna-se uma divisão incessante entre o Estado e os pais, de um lado, e entre os pais e as mães, de outro (ROUDINESCO, 2003).

Badinter (1985) já afirmava que o século XIX trouxe a possibilidade de os cônjuges viúvos chorarem seus mortos, o que significava manifestar socialmente o amor ao morto, através das lágrimas, ou seja, houve neste período a transformação do casamento por conveniência para o casamento por amor. Lembrava, no entanto, que não se podia afirmar que o sentimento de amor não existia anteriormente, mas que não era valorizado como atualmente.

Já a partir da década de 1960, tem-se a família denominada “contemporânea” – ou “pós-moderna” –, que une dois indivíduos em busca de relações íntimas ou realização sexual. Baseada pela ordem do desejo, tanto as uniões quanto as separações são possíveis. O casamento deixa de ser um pacto indissolúvel (TRAGE; DONELLI, 2020). A lógica da transmissão da autoridade vai se tornando então cada vez mais problemática à medida que divórcios, separações e recomposições conjugais aumentam. Não há dúvida de que este modelo familiar trouxe uma mudança de destaque visto a história das famílias até este momento percorrida (ROUDINESCO, 2003).

Atualmente, família é definida por Houaiss (2022) como “um núcleo de pessoas unidas por laços afetivos, que geralmente compartilham o mesmo espaço e mantem entre si uma relação solidária”. Tal definição trouxe importante mudança que afasta a concretização de um casamento e da filiação para que se considere a constituição da família (DIAS, 2021). Nas últimas décadas pode-se dizer que os estudos acerca do tema família tem se modificado de maneira significativa, envolvendo inclusive a própria definição do termo.

Levisky (2017) propõe um outro conceito de família, no qual a nomeia como um espaço vincular íntimo, com sentimentos de compromisso recíproco, independentemente de sua estrutura, organização, gênero e tempo. A essência da família, para o autor, é a continuidade que possibilita a transmissão de valores, hábitos, processos e conflitos psíquicos no decorrer de gerações, mesmo com as transformações que possam ocorrer ao longo da história.

Rodriguez et al. (2017) afirmam que não se pode mais falar em família como uma instituição com lugares e funções pré-estabelecidas, mas sim como uma “organização filiativa que permite a construção de lugares de cuidado e de inserção social” (p. 144). Tais reflexões retratam as mudanças ocorridas socialmente ao longo do tempo, cujas mudanças se presentificam neste estudo ao nos depararmos com as falas paternas. Estas muito diferem da antiga posição masculina das famílias tradicionais onde o homem encontrava-se na posição do provedor único da família e distante do cuidado com os filhos.

### ***2.1 Maternidade e paternidade versus parentalidade***

Uma análise retrospectiva histórica sobre o conceito de família traz consigo a constatação de mudanças significativas nos papéis desempenhados por homens e mulheres, o que por consequência, influenciou o exercício da maternidade e da paternidade e sua intersecção com as questões de gênero.

Desde a primeira configuração familiar descrita por Roudinesco (2003) – a família tradicional – o homem ocupa o lugar de provedor único da família e à mulher foi estabelecido e atribuído o papel de mãe e cuidadora do lar. Nesta configuração a maternidade era considerada inerente à existência da mulher, sendo gerada, equivocadamente, ao longo do tempo, a associação da maternidade com a plena satisfação da mulher em ocupar esse lugar.

Iaconelli (2015) afirma que nas sociedades estáveis – primitivas ou arcaicas – ser mulher significaria procriar, “sendo a fertilidade, em muitas delas, condição *sine qua non* para se obter um lugar no grupo” (p. 41). Anteriormente, Costa (2008) afirmava que

Nas sociedades ocidentais desenvolvidas, a reprodução é cercada de significados simbólicos, predominando ideias tais como as de continuidade individual, de recriação do eu, de realização pessoal por meio da maternidade e da paternidade definidas em bases biológicas – enfoque que pode estar sendo reforçado pelas novas tecnologias reprodutivas (p.110).

Já na antiguidade, segundo Iaconelli (2015), as mulheres nobres eram incumbidas de reproduzir a classe da nobreza, o que por um determinado tempo, considerava-se o número de filhos que garantiria o direito à herança. No entanto, este período e estas práticas trouxeram

muito mais riscos à vida da mulher, com intercorrências e mortes relacionadas aos partos, sendo a abstinência sexual a única forma de protegê-las.

Em continuidade, Iaconelli (2015) pontua que a Idade Média foi marcada pelo discurso religioso no âmbito social, e com isso, a igreja acabou por ditar as questões femininas à época. A figura da mulher, portanto, era associada a Virgem Maria, mãe de Jesus, a qual é cultuada por sua maternidade virginal. Sabe-se que tal passagem bíblica teve importante influência na legitimidade da sexualidade feminina neste período histórico, sendo ressaltada a importância da manutenção da virgindade para a mulher, até seu casamento, onde deveria ocupar o papel de quem satisfaz ao homem e procria.

Há algumas décadas atrás, Badinter (1985) resgatou dados relevantes na história da maternidade, que diziam respeito à relação entre mães e filhos, onde eram demonstrados sentimentos de indiferença e frieza após o bebê nascer, não havia apego, tampouco vinculação afetiva, uma vez que à época – meados do século XVIII – o índice de mortalidade infantil era alarmante, então seria mais prudente que as mães não se apegassem para não sofrerem imensamente frente à provável perda do filho.

Tal explicação tem a ideia implícita de que a mãe somente não se apegaria ao bebê em razão de uma proteção contra a possível perda, mas não por outros motivos, afinal socialmente, uma mãe não poderia não amar seu filho. Badinter (1985) lembrou que por muito tempo os historiadores mantiveram essa argumentação, não havendo questionamentos pois quem julgaria uma mãe que não se vincula ao filho por proteção reativa à possibilidade de perda? Provavelmente ninguém, ou poucos.

Essa linha de raciocínio traz até os dias atuais a imagem da mãe como aquela que somente tem um único sentimento, o amor. Segundo Badinter (1985),

(...) a partir daí, alguns concluíram que podia haver maior ou menor amor materno, de acordo com as dificuldades externas que se abateriam sobre as pessoas, mas que esse amor existiria sempre. O amor materno seria uma constante transistórica. (p. 85)

A autora, no entanto, ressaltou que em outros cenários, tinha-se evidências de que mães se vinculam e choram seus filhos mortos, lembrando a atitude das camponesas de Montailou no século XIV. Com isso indica que em todos os tempos, houve mães que amavam seus filhos, não sendo o amor materno portanto, uma criação dos séculos XVIII e XIX (BADINTER, 1985). Ela desconstruiu a ideia - equivocada - do amor materno como algo inerente à mulher para trabalhar o conceito do amor como uma construção entre mães e filhos. Parte das constatações

de que mães que amam e se vinculam e também o contrário, ocorreram em épocas diferentes da história da humanidade, até hoje.

Ao passo que, às mulheres desde tempos longínquos, foram atribuídos os papéis da maternidade e de cuidadora da casa e do marido, aos homens foram imputados os papéis de provedor e autoridade da família. Durante muito tempo foi assim que homens e mulheres se posicionaram na sociedade e na família, estabelecendo uma atitude em que respeitar tais regras era a única forma de existir socialmente.

Ao realizar uma retrospectiva histórica sobre o papel do homem, desde a família tradicional, assim denominada por Roudinesco (2003), o modelo era de uma família patriarcal, o que colocava o homem com o papel de autoridade máxima no grupo familiar. Com a incumbência de prover a família, o pai permanecia longo período de seus dias fora de casa e com isso o natural afastamento dos filhos em virtude de tempo era uma realidade. Além disso, ser o patriarca da família exigia uma posição mais autoritária e a expressividade de afeto era preterida, talvez nem reconhecida pelos próprios homens que se encontravam ocupados de responsabilidades de ordem prática.

Pouco mais adiante, ao se notar a posição do homem na família moderna, conforme nomeia Roudinesco (2003), sabe-se que o amor entre os cônjuges passou a ser considerado, assim como a preocupação com o bem-estar dos filhos, uma prioridade. No entanto, Trage e Donelli (2020) afirmam que, tanto na família tradicional quanto na família moderna, a paternidade era exercida por meio de uma relação “fria, distante e autoritária com os filhos, não havia manifestações de afeto” (p. 143). Os autores continuam apontando que se instaurou uma crise nessa configuração familiar na virada do século XX,

pois o modelo da família burguesa seguiu trajetórias diferentes, produzindo efeitos distintos nas diversas classes sociais, fazendo com que a família se despatrimonializasse e a figura masculina perdesse sua rígida hierarquia de dominância (p. 143).

A partir disso, a mulher adentrou ao mercado de trabalho, reformulando seu papel na sociedade, o que estimulou os movimentos feministas, assim como a medicina se desenvolveu aprimorando os métodos contraceptivos e os divórcios começaram a ser mais aceitos socialmente. Fiorin, Oliveira e Dias (2014) afirmam que foi a partir da década de 70 que as mulheres passaram a ocupar o mercado de trabalho de forma mais consistente e que, naquele momento, geralmente eram as mulheres solteiras e sem filhos quem estava na atividade laboral, as casadas e mães foram gradativamente saindo do ambiente doméstico para buscar trabalho fora de casa.



Quayle (2020) traz grande contribuição à perspectiva histórica das famílias quando diz,

De mãos dadas com a própria dessacralização paulatina do matrimônio, a união das pessoas na constituição de uma ‘família’ se caracteriza pela predominância do aspecto afetivo. Ao invés do ‘para sempre’, ‘até que a morte os separe’, as uniões atuais muitas vezes têm prazo de validade, nem sempre são oficializadas perante a lei; aproximadamente uma em cada três termina em separação/divórcio e, eventualmente, novas reconfigurações e uniões (p. 236).

Rodriguez et al. (2017) referem que há mais de trinta anos, a linha que separa os campos da maternidade e da paternidade tem se apagado. Afirmam que os homens vêm desempenhando papéis que ainda são considerados como próprios ao universo feminino: seja no cuidado com os filhos, na divisão das tarefas domésticas ou no exercício profissional.

A psicanálise teve importante papel no que diz respeito ao estabelecimento de papéis relacionados aos pais e às mães, a partir da apresentação de Freud sobre o Complexo de Édipo e toda a teoria embasada nele. Segundo Rodriguez et al. (2017) os modelos psicanalíticos elaborados e desenvolvidos por Freud com suas noções de ordem simbólica e familiar, buscando indicar ideais de subjetivação, acabaram por reproduzir uma perspectiva heterocêntrica.

O desenvolvimento da psicanálise naturalmente foi influenciado pela realidade social daquele momento histórico. Sendo assim, as funções consideradas maternas, tais como cuidar física e emocionalmente do filho durante o período de maior dependência deste, bem como por todo o seu desenvolvimento, foram também influenciadas por uma questão social na qual as famílias tinham uma dinâmica de funcionamento onde o homem estava fora de casa, providenciando o sustento financeiro da família. Nesta perspectiva inclusive é a mãe quem abre um espaço para o pai entrar na relação entre ela e o filho.

O complexo de Édipo, no entanto, trouxe consigo o desenvolvimento de outro conceito que foi o da função paterna, o qual foi relacionado à lei e à interdição na relação mãe-filho, sendo o pai aquele que vem proibir o incesto e ameaçar simbolicamente com a castração, o filho desejante da mãe.

Pombo (2018) afirma que a contestação da dominação masculina e da autoridade paterna não é algo novo, uma vez que se tem notícia de protestos contra o poder abusivo do pai desde a Revolução Francesa, por exemplo, ou na segunda metade do século XIX, “quando a juventude escolarizada se manifestou contra as injustiças no trabalho e o despotismo dos chefes. A partir dos anos 60 do século passado, porém, essa contestação vem acontecendo com mais veemência e a crise do patriarcado ganha força” (p. 449). Continuando, Pombo (2018) afirma ainda que parte importante dessa passagem histórica trata-se da “revolução dos costumes

sexuais” ocorrida na segunda metade do século XX, sobretudo em maio de 1968, em Paris. A autora ressalta que o movimento de 1968 foi, de modo geral, uma revolta antiautoritária, que contribuiu concretamente para a modificação das relações entre os sexos e do lugar do pai da dinâmica familiar, sendo reflexo dessa revolta uma modificação da lei francesa, em 1970, que substituiu o termo autoridade paterna por autoridade parental, exercida em conjunto pela mãe e o pai, rompendo com a referência patriarcal da família.

Os novos direitos que as mulheres conquistaram – como o trabalho, as possibilidades da contracepção e do divórcio – mudaram as configurações familiares e, portanto, a maternidade e a paternidade implicaram outros papéis, conduzindo a um cenário de maior igualdade das tarefas desenvolvidas por todos da família. Diante dessa nova estruturação familiar, com mães ocupadas profissionalmente e não dedicadas exclusivamente ao lar, alterou-se também o papel exercido pelo homem no contexto da família, tanto na dinâmica dos cuidados com a casa quanto no exercício da paternidade, sendo, assim, necessária sua dedicação aos filhos, bem como às tarefas domésticas, havendo então um novo delineamento dos papéis maternos e paternos na contemporaneidade (TRAGE; DONELLI, 2020).

Benincasa, Andrade e Souza (2020) afirmam que, embora tenha havido uma importante mudança dos papéis masculino e feminino no decorrer da história, repercutindo diretamente nas funções maternas e paternas, ainda hoje os homens encontram dificuldades na realização de tarefas relacionadas aos cuidados com os filhos, por considerarem que são coadjuvantes das mulheres, acreditando que elas as realizam de maneira mais eficaz por, supostamente, já terem sido preparadas para isso. As autoras ressaltam que o trabalho doméstico recai sobre as mulheres com base no discurso da naturalidade feminina para o cuidado, até hoje presente.

Santos e Antúnez (2017) afirmam que o fenômeno da paternidade engajada nos cuidados com a criança tem mobilizado estudos científicos que buscam compreender como os pais vêm se apropriando de um lugar de cuidado com qualidades e especificidades. Segundo os autores, este pai tem sido denominado de diversas novas formas: paternidade participativa, pai cuidador, pai participativo ou participante, novo pai ou nova paternidade, homem-pai, pai-grávido, dentre outros.

Nos tempos atuais, o pai passou a ser demandado socialmente a ter uma participação mais ativa e implicada nos cuidados com os filhos. Benincasa et al. (2020) afirmam que o novo pai é aquele que demonstra claramente afeto pelos filhos e estabelece uma relação mais igualitária com a mulher, o que significa assumir parte das tarefas domésticas e dos cuidados

com os filhos. Deve-se considerar que o ato de se nomear mãe ou pai de alguém, altera a composição familiar e inaugura diferentes relações de parentesco (IACONELLI, 2020).

Santos e Antúnez (2017) referem que, embora o interesse por parte dos homens em relação à participação nos cuidados e no cotidiano dos(as) filhos(as) esteja se manifestando de formas cada vez mais espontâneas, a mulher ainda permanece como a principal cuidadora, contradizendo todas as conquistas das mulheres nas últimas décadas.

Trage e Donelli (2020) ressaltam que o novo pai deseja reformular a sua experiência vivida na infância, considerando-se mais feliz e realizado com o ativo envolvimento no cuidado e educação dos filhos, ao passo que sua ausência é apontada em prejuízos no processo de ensino-aprendizagem, no desenvolvimento moral e na formação da identidade de gênero. Os autores afirmam que muitos homens passaram a vivenciar a paternidade de forma distinta do modelo constituído na relação com o próprio pai, o que pode significar um importante ganho quando o modelo vivenciado há décadas estava permeado pelas noções culturais de uma época capitalista e que privilegiava a conduta autoritária e distante do pai.

Tais mudanças que foram ocorrendo nas últimas décadas, abriram um espaço para a atualização de ideias, termos e conceitos, sobre os quais é imprescindível neste estudo nos debruçarmos. Cabe aqui, portanto, abordarmos o termo parentalidade, cuja etimologia vem do latim *parentalis* e se refere a uma qualidade do que é parental (i) + dade, ou seja, relativo à parente, a pai e mãe (Magalhães, 2021).

O termo parentalidade, segundo Merletti (2020) tem sido utilizado por vários autores no campo da Psicologia, da Psicanálise, do Direito e da Sociologia, “referindo de maneira geral, às questões que envolvem a família, a relação pais-filhos, a perinatalidade e as atribuições dos responsáveis pelas crianças, sob perspectivas e campos conceituais diversos” (p. 313).

Magalhães (2021) explica que a noção psicanalítica de parentalidade começou a ser desenvolvida na década de 50, nos Estados Unidos, sendo então considerada como uma etapa do processo de maturação psíquica e do desenvolvimento da personalidade. Iaconelli (2020) menciona que em 1958 na reunião da Associação Psicanalítica Americana em Nova York, a psicanalista húngara Therese Benedek apresentou uma palestra intitulada “Parentalidade como uma fase do desenvolvimento: uma contribuição para a teoria da libido” fazendo então uma associação do tornar-se mãe/pai com o desenvolvimento da libido, ao que Iaconelli se posiciona afirmando que a parentalidade é contingencial e sua ausência não pode ser suposta como uma limitação.

A parentalidade, segundo Magalhaes (2021), do ponto de vista da psicanálise, “é resultante de um processo maturativo, de uma reestruturação psíquica e afetiva que possibilita aos adultos assumirem o lugar de pais, atendendo às necessidades de seus filhos nos níveis corporal, afetivo e psíquico” (p.386).

Rodriguez et al. (2017) afirmam que o termo parentalidade se diferencia de maternidade e paternidade, pois busca romper com o modelo tradicional de família, onde se tinha culturalmente o vínculo perpassado pelos aspectos biológicos, entre pai, mãe e filhos, para enfatizar a dimensão psíquica do vínculo. Segundo as autoras:

A parentalidade se vincula à parentalização, a qual envolve questões geracionais e reativas nos pais, sendo construída a partir de processos complexos, como o contrato narcísico, por exemplo. Tornar-se pai ou mãe implica um trabalho interior que começa pela aceitação de que herdamos algo de nossos pais e do qual podemos nos tornar mero repetidores ou autores de um novo legado (p. 139).

Para Teperman (2021) o termo parentalidade “é um neologismo que vem ganhando consistência nos últimos anos” (p. 89). A autora refere que muitos profissionais têm se utilizado do termo, no entanto, seu significado não é sempre evidente. Ressalta que a nova nomeação é indissociável das mudanças no campo da família, no que diz respeito aos costumes e aos avanços da ciência no contexto das reproduções assistidas. Teperman (2021) diz ainda, que é característica do laço social prevalente nesta época, na qual encontramos-nos em um mal-estar social, onde as famílias são atingidas, repercutindo na crescente intervenção de especialistas na família e na criação das crianças.

A autora supracitada ressalta que o termo parental refere-se a pais, mas não discrimina pai e mãe, função materna e paterna, de forma que a parentalidade poderia apontar também para uma indiferenciação no interior da família. Diz:

Ao se propor como para todos, a parentalidade tende a converter-se em um dispositivo de normalização da família. Lembremos que o modelo de família nuclear (leia-se pai, mãe e filhos morando na mesma casa) nunca foi sinônimo de normalidade e que não existe uma forma de organização familiar ideal que possa garantir as condições necessárias à constituição do sujeito. Na família não há garantias, independentemente das configurações pelas quais ela se apresente (TEPERMAN, 2021, p. 91).

As reflexões da autora fazem-se relevantes ao buscarmos uma compreensão do que os novos termos têm sinalizado sobre as mudanças nas famílias e nos papéis que pais e mães têm desempenhado nas famílias contemporâneas.

### ***2.3 À espera do filho: a gravidez e o pai***

Szejer e Stewart (2002) em sua clássica obra “Nove meses na vida da mulher” afirmavam que “um filho é, inicialmente, o desejo de um homem, o desejo de uma mulher e do encontro desses dois desejos nascerá um terceiro desejo, desejo de vida que vai se encarnar no corpo do filho” (p. 55). Os autores explicam que sem esses três desejos não há nascimento porque cada um deles depende dos outros dois. Afirma ainda que, às vezes, há insucessos, o insucesso do desejo do pai quando ele é estéril, ou da mãe, quando é ela quem está nessa condição, ou do filho, quando há um aborto espontâneo e ele não pode viver.

Deve-se lembrar que, na perspectiva psicanalítica, o desejo não pertence apenas à ordem do consciente, mas sim do inconsciente. Szejer e Stewart (2002) afirmavam que se podia desejar um filho conscientemente, mas inconscientemente ser o contrário, por razões que escapavam e diziam respeito à história particular de cada um. Os autores mencionavam ainda que, às vezes, acontecia que o desejo inconsciente se articulava com a vontade consciente, como nos casos em que ocorria uma gravidez planejada e ela se desenvolvia conforme previsto. Em outras ocasiões, porém, podiam ocorrer conflitos entre o desejo inconsciente e a vontade consciente, o que se revelava em situações falhas, como um preservativo mal colocado ou os esquecimentos da ingestão das pílulas anticoncepcionais.

Maldonado (2002) pensava a gravidez como um período de transição que fazia parte do processo de desenvolvimento da mulher. Neste processo ela precisaria se reestruturar e se reorganizar em vários sentidos em razão das inevitáveis mudanças de papéis que iria enfrentar. Além disso, destacava importantes modificações vivenciadas pela mulher no processo de gestação, como as mudanças e adaptações de seu corpo; as alterações em sua vida emocional e na do pai da criança; e as diferentes dinâmicas que iriam se estabelecer no relacionamento do casal trazendo repercussões bastante profundas. Barros (2010) trouxe uma importante reflexão quando afirmou que o tempo da gravidez é o tempo da elaboração necessária à mulher para que a representação do bebê seja construída no psiquismo desta. As observações tidas a partir desta pesquisa, nos fazem questionar se um processo de elaboração semelhante pode acontecer também aos pais, embora haja singularidades importantes entre a mulher que sente física e gradativamente as mudanças – e movimentações – corporais, e o homem que não experiencia essas alterações, tendo implicações em um e outro sobre o tempo em que a representação será inscrita no psiquismo de ambos.

Num texto anterior, Maldonado (1981) abordou sobre a primeira gestação na qual se deve atentar ao fato de que “as mudanças são radicais” (p. 12), pois a partir de estar ciente da

gravidez, o casal torna-se pai e mãe, sendo o filho parte de uma relação que agora acontecerá a três. A espera de um filho, segundo a autora, faz parte de um rol de mudanças significativas que pode abalar os padrões de relacionamento do casal, pois acarreta expectativas, anseios e temores, ponto de vista válido até hoje.

De Felice (2000), posteriormente mencionava que,

A gravidez é normalmente considerada um estágio de crise na vida da mulher. Representa uma transição que faz parte do processo normal do desenvolvimento, envolvendo uma mudança de identidade e uma nova definição de papéis, sendo que no caso da primípara, a grávida além de filha e mulher, passa a ser mãe (p. 24).

Langer (1981), há algumas décadas, referia que a mulher vive um conflito de ambivalências<sup>2</sup> que se expressa pelos vômitos e desejos. Maldonado (2002), tempos depois, chama a atenção para o fato de que, por ser um “estado temporário de equilíbrio instável” (p. 24), a pessoa em crise fica mais vulnerável e acessível à ajuda, considerando um período mais provável para que as intervenções – profissionais ou não – sejam mais eficientes do que em períodos de maior estabilidade, quando há uma atuação mais rigorosa dos mecanismos defensivos. Guidugli (2015) afirma que tal apontamento vem ao encontro da prática clínica, onde se percebe a demanda de pacientes grávidas, que anseiam por escuta, acolhimento e intervenção profissional, sendo um campo fértil para a atuação de psicólogos, psicanalistas e outros profissionais da área.

Perera (2018) faz uma reflexão sobre o fato de que os temas concepção, gravidez, parto e nascimento são frequentemente abordados pela perspectiva feminina e que o pai quase sempre passa despercebido neste processo. Considera evidentemente que isso se deva ao fato de a mulher ser quem leva adiante a gestação fisiologicamente, mas afirma que a função do homem é fundamental desde antes da concepção. A autora refere que o efeito da concepção, gestação e nascimento de um filho, para o pai, tem sido relegado a segundo plano por se destinar um papel predominante à mãe, na reprodução humana, não somente do ponto de vista biológico – o que seria compreensível – como também no psicológico e ainda, no social. No entanto, ressalta que a paternidade supõe um momento evolutivo de extrema importância para o homem, que pode levar ao surgimento de conflitos, inclusive a desencadear transtornos psicopatológicos onde a evolução dependerá não somente da saúde mental do indivíduo, como também do ajuste de todo o grupo familiar.

---

<sup>2</sup> Disposição psíquica do sujeito, que sente ou manifesta, simultaneamente dois sentimentos, duas atitudes opostas em relação a um mesmo objeto, a uma mesma situação (Por exemplo amor e ódio, desejo e temor, afirmação e negação (CHEMAMA, 1995, p. 11).

Trindade, Cortez, Dornelas e Santos (2019) referem:

A ideia de que os homens, via de regra, não se interessam por questões relativas à reprodução e de que o planejamento familiar e cuidado dos filhos são atribuições e responsabilidade das mulheres, se fundamenta em uma perspectiva tradicional – e, por isso, machista e reducionista – de homem e de mulher, o que impede a ambos o pleno exercício de seus direitos sexuais e reprodutivos (p. 250).

Piccinini, Levandowski, Gomes, Lindenmeyer e Lopes (2009) representaram um movimento mais atual de enfatizar o papel do pai, embora considerando que tradicionalmente ainda existia uma ênfase no estudo da relação gestante-bebê. Todavia, algumas pesquisas têm destacado a presença de um vínculo específico do pai com seu bebê ainda durante o período gestacional, que seria estabelecida por meio da construção de uma imagem mental sobre o bebê, do exercício da paternidade e dos contatos interacionais entre ambos.

Conforme Piccinini et al. (2009), durante o período gestacional o pai pode desenvolver uma relação com o filho, ocupando seu lugar como pai, diferentemente de um período anterior na história, no qual somente a gestante poderia vivenciar tal feito, uma vez que tradicionalmente o pai ficava encarregado de ser um cuidador da companheira para que esta fosse capaz de proporcionar um bom ambiente ao bebê. Estes autores afirmam ainda que “à semelhança das mães, muitos são os aspectos sobre os quais os pais podem imaginar os filhos, como o sexo do bebê, as características físicas, o temperamento, entre outros” (p. 375).

Os autores acima defendem que o conceito tradicional de bebê imaginário, de Soulé (1987), criado para explicar as expectativas e representações que a mãe constrói sobre o bebê antes de seu nascimento, também está presente no psiquismo do pai. Santos e Antúnez (2018) defendem que embora o pai não passe pelo processo gestacional fisiologicamente, é possível que ele passe pelo processo de gestar psiquicamente o filho.

Perera (2018) afirma que a paternidade é uma mudança importante na vida do homem que se inicia como um novo projeto de vida ou uma necessidade de transcender e posteriormente, quando passa a ter a vida social de pai, isso implica uma série de responsabilidades, obrigações legais, além da tarefa mais importante, conforme a autora, que seria o cuidado e a educação do(s) filho(s).

Apesar dos pais terem sido vistos como secundários neste processo durante muito tempo, Perera (2018) afirma que mais recentemente os estudos científicos têm sido conduzidos de forma a estudar os pais e o amor paterno, sendo já sabido que pais são tão capazes quanto as mães, para oferecer carinho aos seus filhos, e ainda, que o laço existente entre o pai e o filho é frequentemente paralelo ao laço mãe-filho, tanto em intensidade como emocionalmente.

Perera (2018) menciona que, durante todas as décadas nas quais os estudos sobre a paternidade têm sido realizados, é passado o tempo de se averiguar como é a experiência de ter um filho, para um homem, pois é preciso entender o homem como sujeito ativo emocionalmente, com grande capacidade de adaptação e de assumir papéis tão importantes como a paternidade nas suas funções afetivas e emocionais, nas diferentes etapas que vivencia, desde a concepção até a infância. Portanto, afirmações como de Castro (1992) acerca da diferença psicodinâmica entre o processo vivenciado pelo pai e pela mãe no qual a mãe experimenta a regressão – quando se identifica com o bebê e oferta os cuidados necessários – enquanto o pai deve se sobrepor às suas tendências regressivas, reforçando seu papel de protetor e provisor, não se adequariam às funções desse novo homem.

Para Trindade et al. (2019), ainda que se defendam os benefícios da inserção do pai no processo gestacional e na criação do bebê, é comum a sociedade (familiares, parceiras, colegas e profissionais de diversos serviços, inclusive os de saúde) não compreender tampouco estimular a participação do homem-pai, privando-o da atenção necessária para que ele possa participar de todo o processo. Os autores ressaltam que há contudo, a constatação de práticas de exclusão ou não inserção de homens-pais em diversos serviços e concordam com a necessidade de realizar mais ações que sejam direcionadas aos pais nos serviços como um todo, inclusive os de Saúde. O presente estudo, portanto, tem a finalidade de contribuir para uma compreensão mais profunda acerca das vivências do homem-pai, e com isto favorecer novas práticas no campo da paternidade.

#### ***2.4 O corpo do pai atravessado pela gestação***

Dando seguimento aos objetivos dessa tese, torna-se também necessário abordar a temática sobre as manifestações físicas observadas em homens, durante a gestação de suas esposas/companheiras. Segundo Matos, Magalhães, Féres-Carneiro e Machado (2017), “a cultura ocidental contemporânea parece ter possibilitado o reconhecimento, ou talvez, até mesmo, o aparecimento de vivências corporais semelhantes às da parceira nos homens cujas mulheres estão grávidas” (p. 148). Segundo as autoras, o termo “casal grávido” já tem sinalizado para a atual legitimação do corpo do homem afetado pelo processo gestacional. Contudo, as mesmas complementam

Na mesma medida em que as vivências que surgem no corpo do homem durante a gestação de suas mulheres parecem indicar flexibilização dos padrões de gênero, estas são enquadradas na categoria de síndrome, marcando a noção de desvio. Apesar de a noção de síndrome ser referida a um conjunto de sinais e sintomas, que não



necessariamente indicam doença, mas uma condição, no imaginário social a palavra síndrome remete ao campo da patologia (MATOS, MAGALHÃES, FÉRES-CARNEIRO, & MACHADO, 2017, p. 148).

Masoni, Maio, Trimarchi, Punzio e Fioretti (1994) já haviam mencionado que a Síndrome da Couvade pode ser considerada o equivalente psicossomático dos rituais primitivos da iniciação à paternidade. Na década de 90 os autores supracitados estudaram setenta e três casais nos quais as mulheres se encontravam no último mês de gravidez e vários sintomas foram encontrados nos homens, com incidência variando de 11 a 65%. Os sintomas que mais se apresentaram foram: variações no apetite, náuseas, insônia e ganho de peso. Alguns destes sintomas foram encontrados nos relatos dos entrevistados da presente pesquisa, de acordo com os resultados que serão apresentados posteriormente. Além dos sintomas físicos, Masoni et al. (1994) referiram que o envolvimento emocional com a gravidez foi relatado em 91,78% dos homens. Esse envolvimento foi expresso por mudanças nos hábitos sexuais em 87,67% dos casos, medo e ansiedade em 36,98% e curiosidade em 47,94%.

Faz-se necessário apresentar retrospectivamente a origem do termo *couvade*, utilizado inicialmente pelo antropólogo Tylor em 1865, e derivado do verbo francês *couver*, que significa chocar. Na história, o termo *couvade* não tinha qualquer relação com o campo da patologia, e sim, a uma ritualização que tinha como objetivos: o reconhecimento de legitimidade da criança, o estabelecimento de quem era o pai e a atração para a cabana dele – pai – dos espíritos malignos, para que estes se ocupassem desse pai “simulando a mãe”, permitindo então que a mãe real estivesse livre para ter seu bebê de forma segura (Martini, Piccinini & Gonçalves, 2010).

Martini et al. (2010) referem que há duas formas em que o ritual *couvade* foi relatado na literatura, a *couvade* pré-natal e a pós-natal. Na primeira, o pai ia para a sua cama antes do momento do parto, enquanto a gestante continuava a trabalhar até o parto, quando então ia para a selva na companhia de uma mulher que pudesse ajudá-la. O homem simultaneamente simulava a “agonia do trabalho de parto e do nascimento” (p. 122) para proteger a gestante dos espíritos malignos e da dor. Já na segunda, a *couvade* pós-natal, o homem se considerava fraco e doente por um período após o parto, permanecendo em repouso e com uma dieta alimentar especial. Também evitava o uso de armas pois acreditava-se que, ao estar ligado à criança, esta poderia se machucar ou ser morta, caso o homem-pai continuasse se utilizando de armas.

Nas diferentes épocas e culturas descritas na literatura, o papel do pai diante da mulher que está prestes a parir, ou parindo, trouxe manifestações diversas, no entanto, pode-se perceber que suas tarefas, se assim podemos nomear, sempre estiveram relacionadas à proteção da

mulher e/ou da criança, bem como empatizar e sentir a ameaça – ainda que seja dos espíritos malignos – assumindo a função de distraí-los para proteger a dupla mãe-bebê.

Atualmente o couvade não é mais relacionado a toda essa ritualização, mas sim à sintomatologia física manifestada por pais biológicos, sendo chamada de síndrome de couvade. Segundo Enoch, Puri e Ball (2021) a síndrome de couvade é uma desordem em que os futuros pais sofrem uma variedade de sintomas físicos, que se assemelham àqueles que a mulher grávida geralmente vivencia. Os autores afirmam que a maior incidência é durante o terceiro trimestre da gravidez, embora possa aparecer um pico mais precoce, ainda no primeiro trimestre.

Enoch et al. (2021) descrevem alguns grupos de sintomas que se manifestam na síndrome de couvade, são eles: a) Distúrbios gastrintestinais, incluindo perda de apetite, dor de dente, náuseas e vômitos (comumente doença matinal), indigestão, dor ou desconforto abdominal mal definido, constipação ou diarreia; b) Sintomas psiquiátricos como depressão, tensão, insônia, irritabilidade, nervosismo, fraqueza e dores de cabeça; c) Desejos de gravidez, que podem ocorrer ocasionalmente; d) Inchaço abdominal - sendo este um fenômeno raro. Os autores pontuam que em cerca de um terço dos casos, os sintomas desaparecem antes do início do trabalho de parto, embora possam se repetir neste momento. Outro terço se torna livre de sintomas assim que o parto termina, enquanto nos demais os sintomas podem persistir por alguns dias.

Martini et al. (2010) afirmaram ainda que diversos fatores subjetivos interagem continuamente com o contexto social e cultural dos pais durante a gestação das esposas, havendo a necessidade de se adaptarem às mudanças que o filho traz, especialmente aos primíparos. Lembram que a experiência da paternidade pode gerar diversos sentimentos nos pais que influenciará a forma como lidarão com a gravidez.

### ***2.5 O puerpério: da centralidade da mulher à entrada do homem***

Considerando os aspectos físicos/orgânicos, Prieto, Sanchez, Chamorro, Sanz e Nacenta (2021, p. 22) afirmam que “o puerpério é o período durante o qual as alterações fisiológicas ocorridas durante a gravidez são revertidas e o útero involui até atingir seu tamanho normal”. Andrade, Santos, Maia e Mello (2015) explicam que o puerpério leva o tempo de seis a oito semanas após o parto e pode ser didaticamente dividido em três períodos: imediato (1º ao 10º dia), tardio (11º ao 45º dia) e remoto (a partir do 45º dia).

Quanto aos aspectos psíquicos, no entanto, Szejer e Stewart (2002) referiam que para a mulher, os primeiros dias após o nascimento do bebê representam um período de transição cheio de imprevistos, sendo dias difíceis nos quais

ela vive uma situação em que fica descentrada, como se o bebê, durante meses, tivesse mantido o seu centro de gravidade, e o primeiro efeito desse nascimento tenha sido desequilibrá-la. Uma de suas primeiras tarefas será retomar a posse de seu corpo e, ao mesmo tempo, constatar que ele não é mais o mesmo, que ele tem uma nova aparência e que ele deve preencher novas funções (p. 276).

Tem-se na literatura inúmeros estudos apresentando as repercussões emocionais e as mudanças em vários aspectos na vida da mulher, após o nascimento de um filho, mas quando se fala em paternidade e puerpério, o que se encontra é uma escassez de trabalhos que falem especificamente do pai, não do papel dele enquanto apoiador da mãe, e sim das repercussões da gestação e do puerpério sob o seu psiquismo.

Sendo o puerpério um período de tantas mudanças à mulher, especialmente pelas novas alterações corporais, mas também pela mudança de perspectiva na relação com o bebê, que antes fazia parte de seu corpo e agora está diante de si exigindo e reivindicando cuidados urgentes e incessantes, ao pai, o bebê até então imaginado e não sentido concretamente pelos movimentos e “chutes” experimentados pela mulher, agora está diante de seus olhos, podendo ser visto e sentido de forma mais concreta quando comparado ao processo gestacional.

Segundo Cavalcanti e Holanda (2019) as evidências científicas reforçam ser fundamental a presença do pai desde a gestação para o estabelecimento dos vínculos entre pai e bebê, fortalecimento da paternidade e bem-estar da mulher. Referem que isto pode levar os pais a repensarem e discutirem sua identidade social, colaborando com uma participação mais ativa no exercício da paternidade. Assim como Piccinini et al (2009) que afirmavam que o modelo da relação do pai com o bebê durante a gestação servirá de base para a relação pai-filho(a) após o nascimento, e ainda, que é importante um olhar atento sobre a forma como os pais vivenciam a paternidade desde o início da gestação.

Moraes e Granato (2016) em uma revisão integrativa da literatura constataram, através de vários estudos revisitados, que os homens no geral são muito ativos na construção de sua relação com o bebê, no entanto, esse processo de aproximação costuma ser modulado pela mãe. Afirmam que a natural ambivalência que a mãe sente frente à relação pai-bebê expressa-se com frequência nesta modulação e, sendo assim, o pai é cobrado por ela quando está mais ausente, mas se tem um forte vínculo com o bebê e é um pai participativo, tende a ser menosprezado por ela quando o considera inadequado ou excessivo. Sendo assim, a mãe, ora permite a

aproximação paterna, ora a impede. As autoras presumem então, uma associação entre a atitude da mãe e os sentimentos de exclusão ou de intrusão expressos pelo pai no processo de aproximação e vinculação com o seu filho(a).

Elas observam que a literatura

aponta para a centralidade da mulher e de sua visão sobre o homem na constituição da paternidade, uma vez que o modo como ela vive e expressa seus sentimentos sobre a relação pai /bebê poderá auxiliar ou criar obstáculos ao companheiro na construção de sua identidade paterna” (MORAES; GRANATO, 2016, p. 563).

Alguns estudos, segundo as autoras, ainda descrevem a dificuldade dos pais para o retorno ao trabalho, argumentada pela perda do contato mais próximo com o filho e seu desenvolvimento. Há ainda, estudos que revelam o sentimento de culpa de pais que se dedicam intensamente ao trabalho e com isso sentem-se excluídos do cotidiano familiar, embora tenham consciência da necessidade do retorno à rotina profissional.

Rosa, Machado, Antunes, Rangel e Pereira (2021) afirmam que, considerando a nova geração paterna, evidencia-se a necessidade de maior amparo e esclarecimento de forma que o pai tenha a devida instrução para subsidiar seu cuidado eficaz e seguro com o bebê recém-nascido, pois isto fortalece o pai para exercer com maestria sua paternidade na totalidade desse papel, tendo ainda uma significativa importância para o desenvolvimento e crescimento saudável com o filho.

Rosa et al (2021) destacam que, no puerpério, os sentimentos de insegurança e ansiedade são mais intensos aos pais, com relação aos cuidados que devem dispensar ao recém-nascido. Neste sentido, as mães têm importante participação quando encorajam e valorizam as ações dos pais no que tange os cuidados com o bebê, o que se sabe, como já mencionado, que nem sempre é a realidade dos casais.

Diante dos entremeios na construção da paternidade, tanto no nível objetivo quanto subjetivo, não se pode deixar de considerar as possibilidades de adoecimento psíquico do pai no período pós-parto, cada vez mais reveladas na clínica e apontadas na literatura, como a depressão puerperal paterna, por exemplo.

Conceição, Brito, Gonçalves, Meireles e Pedroso (2020) descrevem a depressão pós-parto (DPP) paterna como um quadro de sintomas depressivos que surge no homem no período pós-parto. Os autores explicam que, embora o homem não sofra as mudanças fisiológicas da gravidez e do puerpério, ele também passa, assim como a literatura aponta sobre as mulheres, por profundas mudanças psicológicas que podem afetar o desenvolvimento das crianças e a

satisfação conjugal. Em sua revisão sistemática da literatura, os autores supracitados afirmam que, no primeiro mês após o nascimento cerca de 9% dos homens apresentaram a DPP. Dentre os fatores que favorecem o aparecimento da DPP destacam a DPP materna, visto que os sintomas depressivos de um dos membros do casal influenciam o estado psicológico do outro. Conceição et al. (2020) concluem sobre a importância da necessidade do cuidado e da atenção pré-natal, parental e puerperal centrada em toda a família, uma vez que, a identificação dessa patologia beneficia toda a unidade familiar.

Pereira (2020) menciona que o conceito de Depressão Paterna surgiu em 1990, sendo inicialmente apenas referido ao período pós-parto. Já na quinta edição da DSM, em 2013, o especificador “início periparto” contempla para além das quatro semanas após o parto, toda a gravidez, sendo reforçada a importância do período perinatal e não só do pós-parto. Pereira afirma ainda que, apesar do recente interesse na DPP, o DSM V continua a referir-se apenas à experiência materna, trazendo à tona a realidade do subdiagnóstico quando a patologia se refere ao pai. A autora utiliza o termo Depressão Perinatal Paterna, defendendo o aumento da conscientização da comunidade médica e o reconhecimento precoce desse quadro.

Rodrigues (2019) constatou em sua pesquisa que as experiências do homem no período pós-parto são caracterizadas por sentimentos positivos e negativos. Encontrou alto nível de humor depressivo na amostra estudada, relacionado à diminuição da autoestima e do foco na relação conjugal, o que a autora afirma dificultar a passagem para a parentalidade, além da diminuição da satisfação com o papel parental e das tensões criadas com a parceira. Rodrigues (2019) afirma que este humor depressivo está relacionado ao processo de gestação e, portanto, inicia-se nesta fase, o que torna imprescindível o papel dos profissionais de saúde.

Piccinini et al. (2012) mencionavam que homens casados com mulheres com depressão puerperal encontravam-se em situação de risco para o desenvolvimento de psicopatologias, bem como a própria depressão. Os autores fazem uma relação entre sintomas psicológicos e o quadro de depressão dos pais e afirmam que, falta de comunicação, afastamento e perda da libido são comuns na depressão puerperal e podem desconcertar o pai e dificultar o relacionamento do casal. Além disso, afirmam que os sentimentos de inadequação e ressentimentos podem resultar dessas dificuldades, além da necessidade de assumir os cuidados do bebê, quando a esposa se encontra impedida pela depressão. Todo este contexto juntamente ao não oferecimento de escuta para o que o pai está sentindo e como está vivenciando o processo, pode colaborar fortemente para os quadros depressivos paternos, sendo necessário portanto, o olhar cuidadoso e direcionado ao homem que vivencia o ciclo gravídico-puerperal.

## ***2.6 Da Preocupação Materna Primária à Preocupação Parental Primária***

Winnicott (1956/2000) discorreu sobre a ideia de que a mãe teria uma condição natural para oferecer os cuidados ao seu bebê apropriadamente, estando relacionada à identificação desta com o filho e ocorre tanto no nível consciente quanto inconsciente. Esta ideia foi aprimorada e problematizada tornando-se um dos conceitos mais importantes da teoria winnicottiana, o da Preocupação Materna Primária, estado da mãe descrito pelo autor como uma “condição psiquiátrica muito especial”, sobre a qual diz:

Gradualmente, esse estado passa a ser o de uma sensibilidade exacerbada durante e principalmente ao final da gravidez. Sua duração é de algumas semanas após o nascimento do bebê. Dificilmente as mães o recordam depois que o ultrapassaram.

Eu daria um passo a mais e diria que a memória das mães a esse respeito tende a ser reprimida (Winnicott, 1956/2000, p. 401).

Winnicott (1956/2000) explica que a condição da Preocupação Materna Primária seria uma doença caso a mulher não estivesse no estado de gravidez, porém nesse estado, considera uma condição organizada que pode ser comparada a um retraimento, uma dissociação ou uma fuga, “ou mesmo a um distúrbio num nível mais profundo, como por exemplo um episódio esquizóide, onde um determinado aspecto da personalidade toma o poder temporariamente” (p. 401).

Apesar do autor referir-se à Preocupação Materna Primária como algo relacionado à doença, afirma que a mulher precisa ter saúde – psíquica – suficiente para desenvolver esse estado de intensa sensibilidade, bem como para recuperar-se dele à medida que o bebê vai crescendo e dependendo menos das ações maternas para sua sobrevivência – física e psíquica. Diz ainda que,

A mãe que desenvolve esse estado ao qual chamei de ‘preocupação materna primária’ fornece um contexto para que a constituição da criança comece a se manifestar, para que as tendências ao desenvolvimento comecem a desdobrar-se, e para que o bebê comece a experimentar movimentos espontâneos e se torne dono das sensações correspondentes a essa etapa inicial da vida. (Winnicott, 1956/2000, p. 403).

Em “A Família e o Desenvolvimento Individual”, Winnicott (1956/2000) afirma que a mãe grávida já tem uma identificação com o filho e que o bebê tem alguns significados inconscientes para ela, mas “é possível que o traço predominante nesta seja uma vontade e uma capacidade de desviar o interesse do seu próprio self para o bebê” (p. 15). Isso confere à mãe a capacidade especial de fazer a coisa certa, pois ela sabe como o bebê pode estar se sentindo, melhor que qualquer outra pessoa, inclusive os especialistas, como médicos e enfermeiras, que embora conheçam muito sobre saúde e as doenças, não estão na mesma experiência que a mãe está com o seu bebê (p. 15).

Segundo Dias (2003) neste estado da Preocupação Materna Primária é o bebê juntamente a todos os cuidados que a mãe lhe dispensa, que “tomam conta da vida da mãe” (p. 135). A partir disso, é possível que a mãe regrida e se identifique com o bebê, sendo capaz de saber o que ele precisa, mas ao mesmo tempo permanece no seu lugar de adulta e com isso providencia tudo aquilo que o bebê necessita. A autora esclarece ainda que, se a mãe for madura, não será ferida narcisicamente ao perceber sua vida esvaziada para dedicar-se aos cuidados com o filho. Naturalmente e de maneira quase que sincronizada, à medida que o bebê vai deixando de depender tanto e exclusivamente da mãe, esta passa a ter pequenas falhas, suportáveis e necessárias ao bebê em seu processo de amadurecimento.

Winnicott (1965/2011) explica ainda que existe a possibilidade de as mães serem afetadas por alguns distúrbios onde, num extremo, está a mãe que não consegue abandonar seus próprios interesses tornando-se incapaz de adentrar a essa experiência “que quase se assemelha a uma doença” (p. 16), e em outro extremo, a mãe que tende a estar sempre preocupada e com isso, seu bebê, torna-se uma preocupação patológica, o que tem uma repercussão importante pois ela não conseguirá fazer o natural desmame que uma mãe saudável faria, ou seja, voltando seus interesses com a própria vida a partir da condição de menor dependência do filho. Há ainda, uma possibilidade nada saudável para este último caso, que seria uma quebra abrupta da preocupação até então patológica.

Assim sendo, Winnicott vai discorrendo sobre a possibilidade de a mãe não conseguir desenvolver da maneira esperada a condição da Preocupação Materna Primária, mencionando ainda o fato de que outras pessoas, que não são mães biológicas, podem vir a desenvolvê-la.

Com relação às mulheres que não conseguem entrar no estado de Preocupação Materna Primária, Winnicott afirmou que muitas delas certamente são boas mães em vários outros aspectos, podendo ter uma vida produtiva, mas não tem a capacidade de “contrair essa doença normal que lhes possibilitaria a adaptação sensível e delicada às necessidades do bebê já nos primeiros momentos. Ou conseguem fazê-lo com um filho e não com outro” (Winnicott, 1956/2000, p. 401). Essas mulheres, segundo o autor, não conseguem se preocupar com o seu bebê a ponto de excluírem quaisquer outros interesses, de maneira normal e temporária. É possível inclusive imaginar que com algumas dessas pessoas ocorre uma “fuga para a sanidade”. Algumas delas têm certamente outras preocupações importantes, que não abandonam muito prontamente, ou talvez não consigam deixá-las de lado até terem o seu primeiro bebê.

É sabido que, na construção de sua teoria do amadurecimento, Winnicott debruçou-se na relação mãe-bebê prioritariamente, aparentemente deixando em segundo plano o papel do pai na relação direta com o bebê, no entanto, sua preocupação com o papel do pai na parceria com a mãe sempre foi presente. Abram (2000) afirma que apesar do papel do pai não ser sempre apontado por Winnicott de forma específica com relação ao ambiente, o autor ressalta que o pai tem uma importante contribuição na sustentação da família como um “promotor do estágio de preocupação” (p. 37).

Dias (2003) nos lembra que apesar de ter recebido críticas pelo fato de ter atribuído excessiva responsabilidade à mãe, Winnicott descreve e trata as necessidades do bebê e não apenas teoriza ou discute ideologias. Além disso, afirma que quando o autor discorre sobre a responsabilidade da formação da personalidade do bebê ser maior sob as mãos da mãe, isso não parece ser muito quando se fala de um período de dois a quatro meses em que a mãe está evitando que o filho se torne psicótico, e mais, quando diante da condição da Preocupação Materna Primária, isso não será uma (sobre)carga e sim, uma necessidade da própria mãe.

Em seus últimos anos de vida, em “O uso de um objeto no Contexto de Moisés e o Monoteísmo”, Winnicott (1969/1994) traz à tona questões não mencionadas e trabalhadas por Freud, a respeito da importância do papel do pai. Em suas palavras:

O que significa a presença efetiva do pai, e o papel que desempenha na experiência que é a relação constituída entre ele próprio e a criança e entre a criança e ele? O que isso causa ao bebê? Pois existe uma diferença que depende do pai estar lá ou não, se está apto para estabelecer uma relação ou não, se é sadio ou insano, se possui uma personalidade flexível ou rígida (WINNICOTT, 1969/1994, p. 188).

A partir dos questionamentos acima, nota-se que o autor foi ampliando espaço em sua teoria para explorar o olhar sobre a participação do pai em relação a criança desde o nascimento. Rosa (2014) destaca que para Winnicott, o pai participa de modo decisivo do processo de amadurecimento desde o início da vida da criança e, muitas vezes, a origem ou o agravamento de um determinado distúrbio relaciona-se a uma falha paterna, o que deve ser estudado em cada etapa do processo de amadurecimento pessoal – da dependência absoluta à etapa denominada rumo à independência – para identificarmos a origem e o tipo de psicopatologia associada.

Fazendo um parêntese na teoria winnicottiana, torna-se importante lembrar que as famílias contemporâneas se encontram reestruturadas e renovadas no que diz respeito às funções e tarefas compartilhadas pelos novos casais. Ainda que permaneçamos na construção de uma lógica fundamentada no casal heterossexual, em grande parte dos casos, homens e mulheres passaram a desempenhar tarefas em parceria, deixando para trás as construções feitas



em um momento histórico-cultural onde o modelo patriarcal imperava e então, homens eram somente provedores, e mulheres somente cuidadoras de filhos e lares.

Oliveira, Ables e Dingler (2012) trazem reflexões acerca do conceito de empatia parental lembrando que a psicologia do desenvolvimento evolucionista nomeia de empatia a habilidade mental que se faz muito importante na inserção do indivíduo no grupo social e ainda em sua autopreservação. No caso da empatia parental trata-se de um consenso geral na literatura, conforme os autores supracitados, que há um papel adaptativo na relação pai/mãe-criança e na preservação da espécie, estendendo-se a um leque de afetos negativos e positivos.

Ao pensarmos a relação entre pais e filhos, inevitavelmente existe a necessidade de empatia para que os primeiros consigam oferecer cuidados adequados e afetivos ao filho. Neste sentido pode-se discutir o conceito de holding que Winnicott desenvolveu, relacionando-o ao manuseio do bebê, feito pela mãe, traduzido pela ideia do “segurar”. Segundo Dias (2003) esse segurar que inicialmente refere-se a todos os cuidados físicos relativos ao bem-estar do bebê e ao manuseio de seu corpo, “vai se ampliando à medida que o bebê cresce e que seu mundo vai se tornando mais complexo” (p. 207).

Gradativamente o bebê vai deixando de ser absolutamente dependente para ser relativamente dependente, mas isso somente pode ocorrer se houver uma condição ambiental que seja favorável. Conforme Dias (2003), o segurar amplia-se para um “sustentar a situação no tempo” (*holding a situation*) sendo uma disponibilidade tranquila que permanece e se estende no tempo e não exige que nada aconteça, apenas aguarda os movimentos do bebê. A autora refere “Quem cuida da regularidade e da vivacidade do lugar, e segura a situação no tempo, é a mãe suficientemente boa e, como ela, o analista ou o terapeuta” (p. 207). Uma boa provisão ambiental, portanto, inclui a condição de sustentar os cuidados de forma que estes supram todas as necessidades do bebê, o que, embora Winnicott tenha trazido para sua teoria prioritariamente as reflexões e atribuições de cuidados em torno da figura materna, é possível também considerar que outras pessoas possam desempenhar papéis e tarefas de cuidado em uma relação íntima e afetiva com o bebê, tais como: babás, tias, avós e o próprio pai da criança.

Dias (2003) afirma que “o pai pode ser muito útil como um duplicador dos cuidados maternos e, neste papel, ele tem algo de seu a acrescentar ao bebê” (p. 140). A expressão “*ter algo seu a acrescentar ao bebê*”, traz um significado específico da importância do pai na relação com o filho, o que de certa forma contradiz a possível simplificação da palavra “duplicador”. Com isso pretende-se aqui dizer que o pai é exclusivo na relação com o filho, tem conteúdo

próprio nesta relação, não está a cargo de substituir a mãe, tampouco servir aos cuidados com esta somente. Conforme a autora:

Existem casos, contudo, em que os homens são mais maternos que suas mulheres, e há relatos clínicos em que a aptidão do pai para o cuidado materno amenizou as falhas ambientais, devidas a uma patologia da mãe, e salvou a criança de distúrbios que poderiam ter sido ainda mais graves do que os que realmente advieram (DIAS, 2003, p. 140).

Abade e Romanelli (2017) referem que os cuidados com os filhos, traduzidos na provisão de suas necessidades materiais e afetivas, vêm sendo realizados prioritariamente pela mãe, configurando a maternagem, mas certamente, o pai também pode dedicar-se à paternagem, ou seja, pode suprir as necessidades físicas e emocionais dos filhos. Os autores explicam que a maternagem não se ancora em um suposto instinto materno, por muito tempo equivocadamente difundido, mas é resultante de aprendizado socialmente construído e é orientada por normas culturais, que se transformam nos diferentes contextos históricos. Por isso, afirmam que “os homens também podem aprender a paternar, embora representações do senso comum, difundidas pelas escolas, pela mídia, por religiões e incorporadas por mães e pais atribuam ao pai a ausência de habilidades para cuidar da prole” (p. 3).

Neste sentido, Campana et al. (2019) revisitam o conceito da Preocupação Materna Primária, na busca de compreender se ele pode ser estendido à figura do pai. Tal conceito traz atribuições à pessoa da mãe, tais que, na ampliação da teoria winnicottiana, vê-se que, embora o autor refira ser a mãe a melhor pessoa para desenvolver cuidados específicos ao bebê, tornando-se a *mãe suficientemente boa*, ou seja, aquela que atende às necessidades do bebê, outras pessoas também têm o potencial para desempenhar esse papel. Winnicott (1956/2000) diz:

Acreditamos que a mãe do bebê é a pessoa mais adequada para cuidar deste mesmo bebê: é ela a pessoa capaz de atingir este estágio especial de preocupação materna primária sem ficar doente. Já a mãe adotiva, ou qualquer outra mulher capaz de ficar doente no sentido da “preocupação materna primária”, estará possivelmente em condições de adaptar-se suficientemente bem, na medida da sua capacidade de identificar-se com o bebê (p. 404).

Campana et al. (2019) afirmam que a definição central do conceito de mãe suficientemente boa é um adulto que seja capaz de se adaptar às necessidades do bebê, que inicialmente são muitas. Lembrando que a capacidade de se adaptar às necessidades do bebê, para a teoria winnicottiana, não está relacionada à inteligência da mãe ou a quaisquer informações obtidas racionalmente, senão pela identificação com a criança, o que ocorre a partir da própria experiência de ter sido um bebê e de ter recebido cuidados. A mãe, segundo

Winnicott, guarda memórias corporais de conforto e segurança, além de experiências de intimidade pessoal (WINNICOTT, 1956/2000).

As autoras acima citadas referem que neste sentido, não há nada que contradiga a possibilidade do pai em se identificar com o filho, uma vez que também foi um bebê e tem, portanto, seu próprio conteúdo inconsciente, e nele, as experiências de ter sido cuidado. As autoras trazem para a discussão o termo parentalidade, o qual se refere a um processo de construção que se inicia antes mesmo do nascimento do bebê e pode se desenvolver em homens e mulheres, necessitando de tempo para se consolidar e não sendo garantido nem definido por vínculos biológicos.

Sendo assim, essas propõem que se utilize o termo *Preocupação Parental Primária*, pois concluíram em sua pesquisa, bem como através da articulação teórica, que “o exercício parental não pressupõe rigidez de funções e nem inversão de papéis entre pais e mães” (p. 50), além de constatarem nos relatos de casais entrevistados que em seus lares configurou-se o que Winnicott denomina como ambiente suficientemente bom, ainda que cada casal tenha construído uma forma própria para sustentar esse ambiente.

Winnicott (1965/2011) afirma que podemos encontrar fatos análogos a estes – da possibilidade de outras pessoas desenvolverem cuidados considerados maternos – na relação terapêutica com as crianças. Diz:

As crianças colocadas sob nosso cuidado, na medida em que precisam de terapia, atravessam fases em que regridem e revivem (ou, conosco, vivem pela primeira vez) os relacionamentos primeiros que não foram satisfatórios em seu passado. Somos capazes de nos identificar com elas assim como a mãe identifica-se com seu filho, temporária, mas plenamente. (p.16)

Tal afirmação nos possibilita refletir sobre o processo de identificação, que envolve uma amplitude muito maior que a definição de que cuidados maternos somente poderão ser realizados pela mãe, embora Winnicott em toda a sua obra, destaque que ela, quando saudável, será sempre a melhor pessoa para oferecer os cuidados ao bebê. No entanto, o que está em discussão no momento, trata-se do fato de que outras pessoas também possam desempenhar tais cuidados, desde que saudáveis e em condição de identificar-se com as necessidades do bebê.

Vale ressaltar que a identificação é definida como “um processo psicológico pelo qual um sujeito assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro e se transforma, total

ou parcialmente, segundo o modelo desse outro” (LAPLANCHE; PONTALIS, 2012, p. 226). Notemos que em sua básica definição no campo da psicanálise, não há nenhuma relação exclusiva com a questão do gênero, ou seja, pode-se pensar que homens e mulheres possuem condições igualitárias para desenvolver o processo de identificação, o qual também abrange, segundo Laplanche e Pontalis (2012) alguns conceitos psicológicos, dentre eles a empatia. O que pode nos levar a pensar que, esta última, quando presente no adulto cuidador de um bebê, seria uma das importantes facilitadoras para auxiliar no processo de identificação com este.

Miranda e Timo (2019) fazem uma reflexão a partir do pressuposto winnicottiano de que a preocupação materna primária viesse da conquista do *concern* por parte da mãe enquanto um bebê, ou seja, que a capacidade para se preocupar consiste na integração da ambivalência afetiva a partir da sobrevivência do objeto, o que possibilita à criança sentir culpa e confiar que pode reparar sua destrutividade. Assim, os autores entendem que o termo “preocupação materna primária”, quando pensada a partir do *concern*, não é um atributo particular de um gênero e diz respeito mais à confiança na reparação das falhas em ser um cuidador suficientemente bom do que a uma sensibilidade exacerbada.

Nosso entendimento diante de todas as reflexões trazidas, não é de uma contradição absoluta à teoria winnicottiana, mas de uma contribuição vinda da percepção de um novo cenário da contemporaneidade, juntamente às transformações nas configurações familiares. Considerando-se a época de Winnicott e de tantos outros autores de fundamental importância para o desenvolvimento da Psicanálise, não se podia considerar outra coisa senão que a mulher estivesse na função de cuidar de filhos e do lar, e o homem sendo o provedor único da família, portanto passando seu dia longe dos filhos. Atualmente, o cenário apresenta-se diferente e pode-se através de pesquisas como a presente, refletir, atualizar e adaptar conceitos diante das transformações socioculturais.

### 3 JUSTIFICATIVA

O presente estudo foi elaborado em virtude do interesse despertado no tema, a partir da prática clínica da pesquisadora que teve uma trajetória profissional atendendo gestantes e casais, no contexto de adoecimento e diagnóstico de patologia fetal. Tal prática foi revelando uma demanda significativa dos homens quando da espera do nascimento do filho, que muitas vezes parecia não ser validada pelo meio familiar e social no qual encontravam-se inseridos. Além disso, foi percebida a necessidade destes em permanecerem no papel de cuidadores da mulher gestante, como se de fato não pudessem eles mesmos, permitirem-se – e serem permitidos – ao cuidado emocional.

Por vezes, na prática clínica, surgiu a necessidade de “separá-los” para que o atendimento psicológico acontecesse de forma individualizada, por um pedido – explícito ou implícito – e como forma de oferecer a cada um deles um espaço de escuta no qual não houvesse a presença do “outro” que precisaria, teoricamente, ser protegido. Tal fenômeno sempre chamou a atenção da pesquisadora que, até então, buscava compreender as repercussões emocionais das gestantes que estavam em um processo gestacional de risco, pois na ocasião realizava sua pesquisa de mestrado direcionada a esta população.

Na presente oportunidade, portanto, surge o desejo em conhecer o processo emocional que ocorre com os homens que vivenciam com suas companheiras gestantes, o período de gestação que *não* seja de alto risco, ou seja, sem qualquer interferência ou “desvio de atenção ou emoção” para o fato de haver uma patologia do feto e/ou da gestante.

Na literatura encontram-se muitas publicações acerca das condições emocionais da mulher no período gestacional, bem como puerperal, onde localiza-se também a depressão pós-parto, diagnóstico importante nos dias atuais, mas que apesar de suas repercussões e dos prejuízos que pode trazer não somente à mulher, como também ao seu núcleo familiar, pouco tem se publicado a respeito das condições emocionais dos homens que acompanham a mulher neste processo.

Sendo assim, a justificativa para este estudo se dá pela observação, na prática clínica da pesquisadora, que o homem, que passa pela experiência da paternidade nos dias atuais, parece desejar um lugar onde possa se expressar emocionalmente, para além do papel de provedor e protetor da mulher grávida e/ou puérpera. A literatura, ainda tímida quanto a esta temática, começa apontar alguns dados sobre os possíveis quadros psicopatológicos de pais recentes, como a depressão. Mais escassa ainda, é a publicação de pesquisas que busquem compreender a vivência do homem no período puerperal, no qual há cuidados bastante específicos, atribuídos

à mãe de maneira implacável, o que pode ocasionar no mínimo dois grandes conflitos: por um lado, a tradicional culpabilização da mãe por ter que desempenhar um papel perfeito com a maternidade, por outro lado, a possibilidade da concretização da invisibilidade do homem no processo de paternidade, um dos temas discutidos na presente pesquisa.

#### **4 OBJETIVOS**

Geral: analisar a vivência da paternidade, antes e depois do nascimento do filho, em homens primíparos.

Específicos:

- Compreender o processo de identificação dos pais com as esposas grávidas, nos períodos pré-natal e puerperal.
- Analisar os impactos da pandemia no processo de paternidade, nos períodos pré-natal e puerperal.

## **5 HIPÓTESE**

A partir das constantes modificações sobre o papel do pai no cenário atual, a hipótese levantada é a de que, se vivenciamos um novo momento no qual as famílias estão configuradas de maneira diferente e apresentam uma dinâmica que posiciona o pai em outro lugar, pode-se dizer que este tem uma participação mais ampla no compartilhamento de todos os aspectos da parentalidade. Tal hipótese incluiria as repercussões emocionais nos pais, à semelhança das mães, no período anterior e logo após o nascimento do(s) bebê(s); considerando-se também as possibilidades de surgimento de quadros psicopatológicos puerperais nesses homens, conforme apontam alguns estudos já realizados (MORALES, CATALÁN & PÉREZ, 2018; PEREIRA, 2020; MASONI, S.; MAIO, A.; TRIMARCHI, G.; PUNZIO, C & P. FIORETTI, 1994).



## 6 MÉTODO

Para realização desta pesquisa foi pensado um método que pudesse contemplar a singularidade da experiência de cada participante com relação a paternidade, o qual será descrito detalhadamente a seguir.

### 6.1 Tipo de pesquisa

Foi utilizado o método clínico qualitativo, conforme proposto por Turato (2000), sendo este um método que busca lançar mão de conceitos emprestados da psicanálise, para elaborar o desenho da pesquisa, a definição dos pressupostos e objetivos, a elaboração e a aplicação dos instrumentos para que seja realizada a interpretação dos resultados do trabalho.

Afirma o autor,

E como força motriz para o cientista na pesquisa clínico-qualitativa está a sua posição existencialista, isto é, o pesquisador é movido pelas suas angústias e ansiedades pessoais para querer compreender a questão humana e, identificando-se com o outro (o sujeito alvo de seu estudo), acolhe as angústias e ansiedades deste (TURATO, 2008, p. 226).

O método qualitativo é descrito por Minayo (2010) como caracterizado pela empiria e pela sistematização progressiva de conhecimento até a compreensão lógica interna do grupo ou do processo em estudo. Leite (2008), já apontava que a pesquisa qualitativa possui o poder de analisar os fenômenos considerando o contexto e que uma das características da aplicabilidade dos métodos qualitativos são as situações em que se necessita realizar classificações comparativas e que se pretende identificar proporção e grau ou intensidade de um determinado fenômeno.

Escolheu-se realizar a análise de conteúdo conforme proposta de Bardin (2016), que a descreve como

um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens (p. 48).

O estudo também se configura em longitudinal uma vez que foram realizadas duas entrevistas em momentos diferentes da vida dos participantes, sendo a primeira delas no período

pré-natal das esposas destes e a segunda após o nascimento do filho. Esta escolha possibilitou acompanhar as expectativas, fantasias e anseios dos participantes com relação a paternidade e a evolução das questões levantadas a partir do encontro destes com seus respectivos bebês e a paternidade vivenciada no cotidiano durante o primeiro mês de vida do filho.

## ***6.2 Participantes***

Foram entrevistados cinco homens, todos maiores de idade, casados, os quais estavam se tornando pais pela primeira vez. Todos os participantes aceitaram participar da pesquisa assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que foi apresentado.

Os critérios de exclusão previstos eram: homens que já tinham vivenciado a paternidade e com diagnósticos psiquiátricos pregressos tais como depressões graves e psicoses, não sendo estas condições presentes em nenhum dos homens convidados a participarem da pesquisa.

## ***6.3 Instrumentos:***

Foram utilizados dois tipos de instrumentos os quais viabilizaram levantamento de dados objetivos acerca dos participantes e a vivência emocional dos mesmos diante da paternidade.

### **6.3.1 Questionário para caracterização do perfil dos participantes**

Foi realizado um questionário com objetivo de caracterizar o perfil dos participantes para melhor compreensão da realidade destes.

### **6.3.2 Entrevista semidirigida**

O instrumento utilizado trata-se da entrevista semidirigida, na qual foram elaboradas perguntas norteadoras como forma de estimular o início da fala do participante, segundo as temáticas condizentes com o propósito do presente trabalho. Segundo Leite (2015) “a entrevista é uma conversação efetuada face a face, de maneira metódica, proporcionando ao entrevistador, verbalmente, a informação necessária” (p. 102). A entrevista clínica, por sua vez, “busca os motivos, os sentimentos e a conduta das pessoas” (p. 102).

Foram realizadas duas entrevistas com cada participante, a primeira antes do nascimento do bebê, sendo proposto dentro do último mês de gestação da esposa, ou seja, aproximadamente

entre a 36ª e a 40ª semana gestacional; e a segunda, posterior ao nascimento do bebê, no período de até trinta dias, entrevista que teve como objetivo a compreensão sobre a vivência do pai, nesta primeira etapa do puerpério.

#### ***6.4 Cuidados Éticos***

O presente estudo considera e contempla a ética e a responsabilidade sobre os dados obtidos. Para tanto, primeiramente foi garantido o sigilo das informações acerca das identidades dos participantes, bem como sobre todo o conteúdo gravado na entrevista que foi realizada com cada um deles. Além disso, todos os participantes foram informados sobre a possibilidade de interrupção e/ou recusa na participação a qualquer momento, se assim desejassem.

O estudo somente foi colocado em prática, após avaliação e aprovação do Comitê de Ética da Instituição proponente – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, em consonância com as Resoluções do CNS nº 466/2012 e 510/2016.

Faz-se ainda importante considerar que, embora não fosse esperado qualquer incômodo que a pesquisa pudesse ocasionar aos participantes, pensou-se previamente sobre essa possibilidade, bem como os cuidados que poderiam ser necessários para que não se prolongasse qualquer tipo de sofrimento. Programou-se a possibilidade de interrupção da entrevista, e ainda, o oferecimento de atendimento psicológico, caso necessário, ou encaminhamento para tal.

Vale ressaltar que nenhuma adversidade se fez presente e as entrevistas transcorreram normalmente, não sendo necessária qualquer interrupção e/ou intervenção por parte da pesquisadora.

#### ***6.5 Procedimento de coleta de dados***

Para iniciar o procedimento de coleta de dados do presente estudo, a pesquisadora entrou em contato com obstetras, psicólogos perinatais, bem como pessoas de seu convívio que pudessem indicar casais que estivessem passando pelo processo gestacional, sendo a experiência do pai, inédita. A partir de tais indicações, a pesquisadora entrou em contato com os potenciais participantes para realização do convite.

Diante do contato, a pesquisadora certificou-se que os participantes estivessem dentro dos critérios de inclusão previstos e assim explicou sobre os objetivos da pesquisa, bem como a previsão da realização de duas entrevistas, uma antes e outra após o nascimento do(a) filho(a).

Após a concordância dos participantes, as entrevistas foram agendadas, as quais foram realizadas pessoalmente, no consultório da própria pesquisadora e ainda, remotamente, via Skype para aqueles que não residiam na cidade de São Paulo e também pela impossibilidade que o período pandêmico que adentrou ao processo de pesquisa, trouxe como uma adversidade a ser enfrentada e adaptada.

Antes de iniciar a entrevista com cada participante, foi novamente explicado pela pesquisadora, o propósito e os procedimentos da pesquisa, sendo oferecido o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Somente após a concordância dos participantes e assinatura do termo, a entrevista foi iniciada. Importante observar que uma via do TCLE assinada ficou em posse da pesquisadora, e outra, foi entregue ao participante.

Após a realização da primeira entrevista com cada participante, a pesquisadora solicitou que fosse avisada sobre o nascimento do bebê, ou então, pediu autorização para que ela mesma entrasse em contato, em data próxima ao nascimento do bebê para tal confirmação, ao que todos os participantes concordaram. Vale lembrar que a data do nascimento do bebê seria de fundamental importância, uma vez que o método previa que a segunda entrevista ocorresse em, no máximo, trinta dias corridos.

### ***6.6 Procedimento de análise de dados***

Após breve identificação sociodemográfica dos participantes, a qual foi analisada pelos dados do questionário, realizou-se então, a análise de conteúdo das entrevistas, conforme proposta de Bardin (2016).

A importância da análise de conteúdo como metodologia de pesquisa qualitativa se dá na possibilidade de tornar replicáveis e válidas as inferências sobre os dados de um determinado contexto estudado, a partir de procedimentos especializados e científicos, conforme explica Minayo (2010).

Como fundamentação teórica serão utilizados autores renomados da psicanálise, especialmente Donald W. Winnicott, por ter elaborado uma teoria que estudou os fenômenos na relação mãe-bebê, tendo também levantado a discussão sobre o papel do pai na dinâmica familiar, a partir do nascimento do filho, bem como uma revisão bibliográfica que permitiu analisar as mudanças no papel do pai ao longo do tempo.

## 7 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Para iniciar a análise e discussão dos resultados, tem-se primeiramente, na tabela abaixo a caracterização da amostra estudada com dados objetivos que possam trazer elucidações acerca dos pais participantes da pesquisa.

### 7.1 Caracterização dos participantes

Tabela 1 - Caracterização sociodemográfica

	<i>Pai 1</i>	<i>Pai 2</i>	<i>Pai 3</i>	<i>Pai 4</i>	<i>Pai 5</i>
Idade	31	33	33	36	30
Raça/Cor	Branca	Branca	Negra	Branca	Negra
Religião	Evangélico	Católico	Umbandista	Católico	Não tem
Escolaridade	Ensino médio	Superior	Superior (cursando)	Superior	Ensino médio
Tipo de vínculo profissional	Funcionário de empresa privada (Brasil)	Funcionário de empresa privada (exterior)	Funcionário de empresa privada (Brasil)	Funcionário de empresa privada (Brasil)	Profissional autônomo (Brasil)
Licença paternidade	3 dias	6 semanas	5 dias	20 dias	10 dias
Idade gestacional	38 semanas	38 semanas	37 semanas	38 semanas	37 semanas
Sexo bebê	masculino	feminino	masculino	feminino	masculino

Fonte: tabela elaborada pela autora

Como pode-se observar os participantes apresentaram idade aproximada, sendo considerada a faixa entre 30 e 36 anos, o que demonstra fazerem parte – ou espera-se que façam parte – de uma fase produtiva quanto ao exercício profissional. Entretanto, dos cinco participantes, quatro eram profissionais de empresas privadas sendo que um deles era brasileiro, porém residia e trabalhava no exterior, o que favoreceu o tempo de licença paternidade que foi de seis semanas a serem programadas da forma como o participante desejasse. O quinto participante era um profissional autônomo que teve significativo impacto com a pandemia em virtude da obrigatoriedade de fechamento de seu estabelecimento comercial, considerado à ocasião, como um serviço não essencial na cidade em que residia.

Em relação à raça/cor, a maior parte dos participantes era da raça/cor branca e dois deles da negra. Estes últimos apresentaram discursos semelhantes relacionados às preocupações com racismo e a formação sociocultural dos filhos, as quais serão discutidas posteriormente.

Quanto à religião, houve diversidade significativa, uma vez que dois participantes informaram serem da religião católica, um da evangélica e um da umbanda, sendo que estes dois últimos apresentaram relatos nos quais as respectivas crenças religiosas tiveram papel

importante frente ao significado atribuído por esses homens à paternidade e ao filho em si. Um dos participantes revelou não possuir identificação com nenhuma vertente religiosa.

O participante evangélico referiu sobre a importância de ter vivido “nos caminhos de Deus” (SIC) relacionando a isto conceitos de valorização da paternidade, assim como valorizou seu próprio pai. Disse:

“responsável demais, ajudava quem podia e quem não podia, tirava dentro de casa para ajudar as casas dos vizinhos, cansei de ver meu pai acordar no meio da madrugada por ser evangélico, acordar no meio da madrugada orando e levantando todo mundo da cama, colocando uma cesta no carro e levando pra alguém que nem conhecia...” (Pai 1)<sup>3</sup>

Já o segundo pai mencionado – frequentador da umbanda – referiu sobre a crença de que o filho tenha vindo com um propósito na vida do casal, o que foi revelado pelas entidades com as quais conversaram nos rituais realizados. Disse: “a partir da chegada do “X” (bebê), vai ser um processo mais leve pra gente, psicologicamente para a gente vai ser mais leve, que ele vem justamente para trazer essa possibilidade de levar as coisas com maior leveza” (Pai 3).

Acerca da idade gestacional das esposas dos participantes, houve diferença de apenas uma semana (entre 37 e 38), configurando um período de expectativas dos participantes para o breve nascimento do bebê, uma vez que a partir da 37ª semana, a gravidez é considerada *a termo* (BRASIL, 2012), ou seja, o feto já tem maturidade física para o nascimento.

Sobre o tempo de licença paternidade, todos os participantes residentes no Brasil tiveram poucos dias para se ausentar do trabalho. Torna-se importante mencionar que a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) (BRASIL, 2017) não contempla o número de dias que o pai poderá se ausentar em razão do nascimento do filho, embora mencione o direito de licença. Já a Constituição Brasileira (BRASIL, 1988), promulgada em 1988, contempla originalmente o direito de um dia (somente) para a licença paternidade, o que foi revisto através do artigo 10, § 1º, do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT) que afirma “Até que a lei venha a disciplinar o disposto no art. 7º, XIX, da Constituição, o prazo da licença paternidade a que se refere o inciso é de cinco dias”. Ainda assim, um dos participantes teve somente três dias concedidos pela empresa privada na qual trabalhava, sendo necessário, segundo relatou, argumentar por mais dois dias para conquistar o deveria ser concedido por direito.

---

<sup>3</sup> Em todos os relatos descritos nesta tese foram mantidos os discursos literais dos participantes, a fim de preservar a singularidade de cada um deles.

A legislação brasileira parece caminhar paralelamente à tradicionalidade esperada para as famílias, desde a época em que foi promulgada a Constituição Federal, permanecendo aquém dos avanços socioculturais e distante da atualidade onde as famílias têm novas configurações e dinâmicas transformadas em papéis gradativamente mais igualitários entre pais e mães.

## **7.2 *Categorias temáticas***

A categorização, segundo Bardin (2016), trata-se de uma operação na qual se classificam os elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, em seguida, por reagrupamento segundo o gênero, por analogia, com os critérios previamente definidos.

As entrevistas clínicas realizadas formam o *corpus* (Bardin, 2016), ou seja, o conjunto de documentos que foram utilizados para serem submetidos ao procedimento de análise. As entrevistas da presente pesquisa foram gravadas e transcritas para realização da análise de conteúdo, conforme proposto por Bardin (2016), sendo elaboradas cinco categorias temáticas, considerando o percurso longitudinal que a pesquisa previu, ou seja, todas as categorias foram pensadas em um *continuum* que envolve os períodos pré e pós-nascimento.

Faz-se necessário ressaltar que os participantes 3, 4 e 5, foram entrevistados pela primeira vez já no período pandêmico, diferentemente dos dois primeiros participantes, o que foi considerado uma variável importante para a análise.

### **7.2.1 *Expectativas versus paternidade real***

A primeira entrevista realizada com os cinco participantes ocorreu, conforme mencionado anteriormente, ainda no período gestacional de suas respectivas esposas. Neste período uma série de expectativas naturalmente foram levantadas através dos discursos dos futuros pais.

A primeira expectativa diz respeito ao lugar do pai e suas (im)potências. Todos os participantes trouxeram questões relativas ao que desejavam oferecer aos filhos enquanto referências e/ou modelos a serem seguidos, mas simultaneamente compreendiam tal tarefa como algo que estava limitado a realizarem por completo, em virtude do natural desejo que será manifestado pelo próprio filho.

“Ajudar ela a ter senso crítico rápido, em vez de eu ter que falar pra ela ‘isso não pode’. Isso pra mim vai ser o maior desafio, como é que eu desenvolvo isso nela no menor tempo possível, a partir do momento que ela aprender a desbloquear um

celular... (risos), ela vai me ensinar muitas coisas (risos)...então essa é a minha preocupação assim, a coisa negativa de ter um filho hoje, no mundo de hoje, é isso...é o acesso a toda a informação possível e imaginável, como é que eu me mantenho, eu e minha esposa, como é que a gente vai conseguir se manter como a melhor influência e referência para ela em vez de...enfim...de isso ser assumido por qualquer outra coisa, blogueiros, twitteiros e enfim...tudo o que ela achar, tudo o que estiver na mão dela no minuto que ela descobrir que o mundo tá no celular e no computador, sei lá, onde ela...ou se inventarem algum outro dispositivo em breve...(risos), não sei nem onde vai ser... (risos)... então acho que é isso...” (Pai 2).

“...a gente quer ter um filho e quer colocar nele aquilo que a gente tem de referência, mas não quer dizer que ele vai ser aquilo que a gente quer. De repente, ele pode ser um revoltado da vida também e não querer, querer tudo ao contrário. A gente vai ter que ter o amor pra poder ensinar, para poder abraçar e não concordar com tudo aquilo que ele vai querer pra vida dele, mas em tudo apoiar né? É aí verdadeiramente que eu entro pra paternidade, né? (Pai 1).

Os trechos acima demonstraram a preocupação e consciência dos pais de que, embora desejassem muito que os filhos seguissem determinados caminhos, talvez não consigam impedi-los de realizarem escolhas, ainda que considerem que não sejam as mais adequadas. Szejer e Stewart (2002) trouxeram uma importante contribuição sobre o reconhecimento da criança como pessoa que deve ocorrer após o nascimento, “mais ou menos rápido” (p. 293). Referiram que nesse processo, a criança também desempenha um papel, mediante suas próprias qualidades, ocupando um lugar e se fazendo reconhecer. O reconhecimento do status de “pessoa” em um ser, segundo os autores acima, seria justamente reconhecer que ele é alguém e como tal merece respeito e dignidade.

Já os trechos abaixo reproduzidos, dizem respeito à tentativa de ocuparem um papel/lugar de importância em relação às próprias esposas na condição de gestante e parturiente.

“...já tamo naquela fase de que tem coisa que não tá no nosso controle, não adianta a gente agir, “ah eu vou querer fazer o... sei lá, a questão do parto mesmo, como exemplo, o parto normal, mas será que vai doer? Como que é essa dor do parto? Eu não sei como é essa dor, então o que eu posso fazer? O que que dá para ser feito?” (Pai 5).

“...mas se eu puder fazer pela mãe, né, já que a mãe vai tá cuidando do bebê, se cuidar dela for meu papel inicial de pai, isso ela já tá tendo né, então eu passo essa tranquilidade para ela né, pra que ela se sinta tranquila e eu tenho consciência de que esse é realmente meu papel agora, no começo, de cuidar dela” (Pai 4).

“Mas se acontecer de ser parto normal, até de ajudar o meu filho a sair mesmo, se eu puder e se for permitido, de poder participar efetivamente do momento, tanto dando força pra ela, quanto ajudando ele mesmo” (Pai 3).

As últimas falas trouxeram à luz as impotências já vivenciadas pelos pais quando de fato tentavam encontrar no imaginário um lugar a ser ocupado, que diz respeito a situações muito específicas e objetivas sobre a condição física e psíquica da mulher ao dar à luz o bebê,



sentir as dores e incômodos, amamentar, dentre outros. Tais falas demonstraram angústia pelas impotências que esperavam vivenciar, mas também com possibilidades que começaram a encontrar diante deste conflito.

Nas entrevistas realizadas após o nascimento dos bebês, os pais pareciam ter encontrado uma saída para a impotência imaginada no pré-natal. Descobriram não somente o que havia para ser feito, como também a exclusividade de sua figura para o bebê, o que parece ter trazido alento e segurança, conforme os trechos a seguir.

“E eu me sinto mais útil, como ser humano, como homem, sei lá, eu me sinto mais maduro, pra ser mais ex... pra falar a verdade...me sinto... uma pessoa que é requisitada, entendeu? Parece que a todo momento eu sou sentido (pelo bebê), tanto é que, quando eu chego aqui do serviço, eu não sabia, o próprio vizinho aqui de baixo que é meu inquilino disse: Oh, seu filho chora quando você chega aqui que encosta o carro, ele para na hora. E minha esposa confirmou que é verdade. Incrível, incrível, a gente já tem uma ligação muito forte já” (Pai 1).

“Às vezes ela tá começando a chorar, eu entro no quarto e falo alguma coisa, ela para (pesq.: hm) e fica esperando, ela já fica esperando o que vai acontecer. Então ela sabe...sabe que tem alguém, que tem alguém vindo, que tem alguém chegando, e isso é muito legal. E aí eu entro no quarto e falando com ela: “M. chega, calma, calma o papai tá chegando, o papai tá chegando e aí ela já para e fica...(risos) ela fica esperando eu pegar ela, fazer alguma coisa e tal ... então isso é legal, dessa presença...” (Pai 2).

“...tipo hoje eu entro no quarto eu falo às vezes ele tá chorando, ele para pra ouvir, porque ele conhece a voz de quem entrou, sabe?” (Pai 3).

“Porque a gente ouve dizer que vai precisar dar muita atenção, só que a gente não tem peito pra dar, e às vezes, na cabeça do homem, ajudar trocar a fralda, ajudar a tomar banho, também é uma coisa que ele não consegue ver que é tão importante quanto dar o mamar, então sei lá, agora depois de algumas semanas já, a gente tá se revezando, então enquanto ela dá o peito, eu coloco pra arrotar, e fico com ele até dormir, coloco pra dormir também, então o que precisar durante a noite...eu tô saindo pra trabalhar também então durante a noite, se precisar trocar as fraldas, eu troco as fraldas, então a gente vai meio que revezando pra tentar compensar o cansaço de um e de outro, assim né?” (Pai 5).

Destaca-se nesta última fala do Pai 5, o trecho “*enquanto ela dá o peito, eu coloco pra arrotar*” no sentido de que, embora sejam ações que ocorrem em “tempos” diferentes, a palavra “enquanto” sugere algo que ocorre simultaneamente a algo. Compreende-se aqui uma manifestação inconsciente que revela a conotação de equilíbrio sobre a importância atribuída pelo pai às outras atividades que ele desempenha que podem acontecer momentos após a amamentação, mas não durante este ato. Sendo a amamentação algo exclusivamente da mulher com o filho, o pai que diz “a gente não tem peito pra dar”, encontra uma saída narcísica para equiparadamente entrar na cena da amamentação. Torna-se então, importante na destinação de

tais cuidados da mesma maneira que a mãe – amamentadora – o é, pela exclusividade da amamentação.

Santos e Antunez (2018) discutem sobre as possibilidades paternas, a partir da impossibilidade de amamentar, trazendo à discussão o conceito winnicottiano do *holding*. Tal conceito, descrito por Winnicott como um conjunto de ações que irão promover a sustentação do bebê – não somente física – a fim de que ele se sinta seguro, uma vez que é na etapa da dependência absoluta que o bebê necessita de cuidados intensos e exclusivos para sobreviver fisicamente e se constituir psiquicamente. O holding, segundo Winnicott (1960/1983), protege da agressão fisiológica, leva em conta a sensibilidade cutânea do latente e a falta de conhecimento dele sobre tudo o que está fora dele, inclui a rotina completa do cuidado diurno e noturno, e ainda, segue as mudanças que vão acontecendo conforme o crescimento e desenvolvimento do bebê.

Trazendo à discussão o conceito de narcisismo, encontramos em Freud (1913/2016), apesar das (re)construções teóricas ao longo do tempo, a afirmação de que “(...)um ser humano permanece até certo ponto narcisista mesmo depois de ter encontrado objetos externos para a sua libido” (p. 68). Sendo o narcisismo um processo permanente e não uma etapa em evolução, o progenitor que direciona sua libido ao filho, como objeto externo desejado, tem através da satisfação deste, o retorno libidinal que atenderá ao seu próprio desejo.

Winnicott, porém, debate com a proposta freudiana, o conceito de narcisismo, esclarecendo, “Nunca fiquei satisfeito com o emprego da palavra “narcisismo” em conexão com isto, porque todo o conceito do narcisismo deixa de fora as tremendas diferenças que resultam da atitude e do comportamento geral da mãe (...) (WINNICOTT, 1972/1994, p. 149).

Para Winnicott (1955/1978), o narcisismo primário, termo que ele pouco se utiliza, corresponde à situação de fusão do indivíduo com o seu ambiente, no qual este último sustenta o primeiro, sem que ele saiba de que se trata de fato o ambiente, pois está fusionado a ele. Estar em fusão, segundo o autor, significa que mãe e bebê são um só, embora a mãe que é saudável cuide de si própria e aja em favor do bebê.

O segundo aspecto que precisa ser destacado diz respeito à expectativa do pai de que o bebê seja sua própria continuidade, seja para levar adiante um legado, seja para fazer companhia à mãe, na ausência do pai, como podemos ver abaixo:

“...ter uma família, ter mais gente em casa, deixar o legado da família, enfim, ter alguém que, que, terminar o ciclo né? O ciclo do ser humano, que é ...eu to chegando

no fim do ciclo (risos) já né? Que é reproduzir, no fim e acabou, morreu...(risos)...no quesito biológico esse é o último passo antes do fim (risos)” (Pai 2).

“...para mim a ‘exemplificação’ de homem já começa por aí, verdadeiramente fazer diferença, ser prestativo, claro ser amigão da mãe porque agora a mãe não vai ficar mais sozinha, eu trabalho o dia inteiro, então ela fica em casa o dia inteiro sozinha...quase que eu sou um estranho dentro de casa às vezes...essa é a verdade” (Pai 1).

“Então a questão da aparência foi uma coisa engraçada, porque a médica dizia que ela era teimosa (risos). Então... aí eu falei, olha então acho que ela vai puxar pra mim, porque a C. vive falando que eu sou teimoso, que eu tenho um grande defeito que é minha teimosia, e aí eu falei: ih, to achando então que vai puxar pro pai (Pai 4).

“Mas a gente, dentro do possível, assim, tá curtindo bastante a ideia, é legal você ver a continuação da sua família, fazer o ultrassom, ver as características do rosto, ficar imaginando como vai ser, como... sei lá, o jeitinho que vai dormir e coisa e tal...” (Pai 5).

Freud (1914/2004) considerou que o amor parental pelo filho possibilita que seja atribuída à criança toda sorte de perfeição, bem como sejam ocultados todos os seus defeitos, por conta do ressurgimento do narcisismo. No entanto as exigências da realidade impõem ao indivíduo o abandono desse narcisismo primário, sendo por meio do filho que o narcisismo parental – abdicado há tempos - pode ressurgir (CHERER et al., 2018).

O primeiro discurso mencionado – pai 2 – trouxe outra questão a ser pensada e contextualizada que diz respeito à associação do filho com a finitude parental. Segundo os pressupostos psicanalíticos, os pais precisam destinar ao filho um investimento libidinal a fim de que sejam capazes de cuidar e manter vivo este ser em profunda e exclusiva dependência de um adulto. O termo “Sua Majestade, o Bebê”, utilizado por Freud (1914/2004), diz respeito ao intenso investimento libidinal realizado pelos pais, ao bebê, que passa a ser, o centro do mundo.

Ao passo que mães e pais investem libidinalmente no bebê, há um movimento natural de desinvestimento de si mesmos, especialmente frente ao Ser perfeito e imortal que é o bebê, no desejo dos pais. Assim, “conceder o estatuto fálico ao filho pode ser experienciado como uma perda, produzindo lutos, havendo, com isso, uma relação entre a inscrição subjetiva como pai e a morte” (CHERER et al., 2018, p. 2).

Vale ressaltar que a fala trazida sobre a questão da finitude contempla ainda a utilização do humor como via de extravasamento da angústia possivelmente sentida pelo pai que se depara com a morte simbólica de si mesmo (através do nascimento do filho). Sigmund Freud escreveu dois textos – “Os chistes e sua relação com o Inconsciente” (1905/2017) e “O Humor” (1927/2006) – que nos são relevantes neste contexto e trouxeram significativa contribuição à

comunidade psicanalítica à época dos escritos (e para sempre). Dizia ele que, sem dúvida, a essência do humor é poupar os afetos que a situação naturalmente daria origem e afastar por meio de um gracejo, a possibilidade de expressão das emoções.

Freud (1927/1988) afirmava que o desvio da possibilidade de sofrimento localiza a incorporação do humor como mais um método que a mente humana consegue construir com a finalidade de fugir à compulsão para sofrer. Refere que o humor possui uma dignidade que falta por completo aos chistes que somente servem para obter prazer ou colocar-se a serviço da agressão, de modo que ela possa ser escutada por uma plateia sem que esta se sinta agredida.

Segundo Morais (2008, p. 118), “o humor torna o sujeito capaz de rir de si mesmo e mostra que toda verdade é incompleta, que o ser humano é insuficiente, e quando a vida mostra a sua imperfeição e falha, ainda assim vale a pena uma boa risada”. A autora menciona que, se o chiste é um modelo para se pensar o inconsciente, o humor é uma forma sublimada de lidar com as dores do existir, sem perder a graça. No discurso paterno, falar sobre a própria morte, brincando, rindo e tornando o assunto engraçado, é possível afastar-se das angústias da finitude.

Após o nascimento dos bebês, os pais se apresentaram identificados com os filhos e impactados com a própria condição (narcísica) de sua “produção perfeita”. A identificação é compreendida como um processo psicológico pelo qual o sujeito assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro e se transforma, total ou parcialmente, segundo esse modelo (LAPLANCHE; PONTALIS, 2012).

“...essa sensação de amor assim né, de ter a criança, de se ver...eu ainda não sei com quem ela parece mais, mas você sabe, pô é um pouco de mim que tá ali naquela criança” (Pai 2).

“...eu tenho uma expressão facial assim que é muito nítida porque eu acho que eu tenho traços mais marcados e às vezes quando eu olho assim, a testa franze, às vezes quando eu tô falando eu gesticulo muito com rosto, eu me comunico muito pelas minhas expressões faciais assim e ele é muito engraçado porque às vezes ele olha pra pessoa assim e aí ele dá aquela franzida de testa, e aí o pessoal para...mano, é igualzinho o X (pai)... fica todo mundo muito pasmo assim sabe, do quanto ele parece mesmo, assim até nas expressões, o jeito de olhar para as pessoas e tal” (Pai 3).

“Nossa eu já fui como ele, pequenininho, hoje eu consegui fazer um outro e assim ele depende de mim, então, você fica...nossa, que incrível que eu sou né? Eu consegui fazer um filho, cara, tem braço, tem perna, tem cabeça, tem olho, tem tudo” (risos) (Pai 5).

Também surgiram desde o período pré-natal preocupações e o planejamento dos pais para oferecer aos filhos uma boa formação social, sendo aqui considerados dentro deste aspecto a transmissão de valores que alcancem o respeito e a tolerância à diversidade religiosa, sexual,

dentre outros. Zornig (2010), em sua reflexão sobre a construção da parentalidade, afirma que o amor entre pais e filhos é fortemente marcado pela noção de educação, lembrando a autora que a formação das crianças é um fator importante para o desenvolvimento de um país e “garantia de uma sociedade saudável” (p. 17). A seguir alguns relatos dos pais:

“Primeiramente criar ele nos caminhos de Deus, já começa por aí, que foi que eu aprendi aos seis anos de idade, e... ensinar a ser trabalhador, claro evidente, e como eu posso dizer melhor...ah o mínimo é ensinar ser um pai como o meu pai foi mesmo, responsável demais, ajudava quem podia e quem não podia, tirava de dentro de casa para ajudar as casas dos vizinhos...” (Pai 1).

“...aprender com ela como que eu vou ajudar ela a ser uma pessoa boa, é isso que eu pretendo fazer como pai, tentar ajudar, com certeza isso não vai ser fácil (...)mostrar quando tiver um caminho estranho, eu falar ‘olha esse caminho aí talvez não seja o melhor por isso, isso, isso’, mas não sou muito do disciplinador, daquele que vai ficar limitando um monte de coisas e tal, eu quero que ela cresça feliz e aí eu sei que vou ter muitos desafios” (Pai 2).

“A maior preocupação é... pelo menos para mim, é muito na formação assim, nem tanto com a questão da chegada ou essa expectativa do nascimento em si, mas o como a gente vai projetar esse novo ser né, para o mundo aí...de construção intelectual, de valores, eu acho que eu como homem já tenho que desconstruir né? E aí eu penso muito nessa possibilidade de já não passar esse tipo de valor pra ele, de construir alguém que seja equilibrado, alguém que seja livre desses preconceitos sociais que a gente tem no Brasil aí” (Pai 3).

“Ensinar se portar, a ser educadinho e aprender às vezes as coisas que podem e que não podem. Ensinar desde pegar num garfo, numa faca e pedir por favor para as pessoas. Porque o nome dele já tem a ver com isso, que o (nome do bebê) quer dizer que é atencioso, generoso e respeitoso né, então são coisas que eu levo muito em consideração e eu queria passar para ele, essa generosidade, ser uma pessoa educada” (Pai 5).

Tais preocupações manifestaram-se após o nascimento de forma que a preocupação dos pais com a formação social dos filhos foi direcionada à questão do racismo, algo marcante nos discursos destes participantes, pois revela angústias existenciais, as quais foram obtidas pelas experiências vividas e, portanto, já esperado por eles que se repitam na história de vida dos filhos. Seguem relatos de dois pais:

“...muitos dos questionamentos que a gente conversou da outra vez, eles estão muito mais latentes assim na questão da formação humana, questão de...como construir de verdade um ser humano que consiga viver integralmente né? De forma íntegra e ética no nosso mundo que é uma coisa muito difícil de ver....e, com valores humanos né(...) meu pai e minha mãe sempre trabalharam muito para poder me dar uma estrutura legal, mas em contrapartida também me tirou às vezes um processo de consciência tem relação a minha própria identidade como negro, sabe? Eu não tinha amigos negros, eu só tava incluído dentro de um sistema social que era prioritariamente branco, em colégios particulares, os lugares aonde eu ia, as coisas... e eu acabei não tendo uma consciência nesse sentido. Eu, depois que fui estudar o que é política, o que é necropolítica, fui estudar uma série de outras coisas para começar a entender essas relações de oportunidade social e tudo mais, e... eu sei que é muito porque a

minha mãe não deixou com que eu sentisse isso, pra me preservar, pra não me dar um peso de vida né? E na realidade hoje eu não vejo como um peso, vejo como um processo de consciência mesmo da gente se entender no mundo com uma identidade própria, com pensamento próprio, e... se adequar a ele, né? Eu hoje penso muito nisso assim, como formar o X (bebê), para ele olhar para o amiguinho que é negro, que é homossexual, para alguém que tenha opção religiosa, pra alguém que tenha outra forma de pensar o mundo, de forma a olhar, não concordar, mas ainda assim, respeitar, sabe? (Pai 3).

“...dentro de casa a gente já tem uma proteção do pai, da mãe e da família, mas uma hora a gente precisa preparar esse filho porque uma hora ele vai sair da nossa redoma né? Então, já começa cedo, já começa ter piadinha na escola, vai ser piadinha na creche, então já é ensinar ele a combater esse tipo de coisa ou a se preparar para o que vai vir, então na hora que acontecer com ele, acredito que para a gente já encarar dessa forma, já saber que isso vai acontecer, quando chegar na vez dele já não vai ser novidade mais pra ele...pô minha mãe falou que isso ia acontecer...então ele já sabe como reagir, sabe? Vai ficar bravo, vai chorar mesmo, vai sentir não pertencente daquele lugar, mas a gente sabe que vai acontecer e a gente continua passando cada vez mais e acho que conforme ele for crescendo, mais vai ser em que eu vou pensar, qual vai ser o dia que meu filho vai chegar chorando em casa, que sofreu racismo na escola? (...)é uma coisa que a gente como negro já se prepara pra esse dia que vai acontecer, sabe? (Pai 5).

“...Por isso então do nome respeitoso, atencioso, que ele seja um rapaz inteligente e saiba da forma correta, e mesmo na hora que ele tiver que ser agressivo, ele vai ser agressivo, mas muito mais com as palavras e com atitudes do que com os punhos, de querer bater e reivindicar, acho que o grande desafio pra mim como pai, é usar uma coisa que eu também uso hoje, que é conseguir converter esse tipo de ofensa, esse tipo de descrença das pessoas assim, de acreditar, achar como coitadinho e dar motivação pra ele, então pegar isso e usar como combustível tanto para ele se esforçar e estudar mais, ele se esforçar em várias coisas, né? Eu acho que se usar pro lado positivo a gente consegue fazer um bom trabalho na mente do rapaz (Pai 5).

Fanon (1952/2020) em sua obra “Pele negra, máscaras brancas”, dizia:

Os negros são comparação. Primeira verdade. Ser comparação significa que, a todo momento, eles se preocupam com a autovalorização e o ideal do ego. Toda vez que estão em contato com um outro, surge a questão do valor, do mérito (p. 221).

Tal declaração associada aos relatos dos pais até mesmo antes do nascimento de seus filhos, nos faz pensar na questão do trauma, uma vez que os pais projetam no futuro do filho, suas experiências com o racismo.

A palavra trauma, de origem grega, foi inicialmente muito utilizada no campo da medicina, relacionando-se à ferida, assim como a palavra traumatismo que seria mais destinada a definir “as consequências no conjunto do organismo de uma lesão resultante de uma violência externa” (LAPLANCHE; PONTALIS, 2012, p. 522). No entanto, na psicanálise, Freud utilizase do termo para construir um dos mais caros conceitos de sua teoria, o qual passou por reformulações, assim como lhe era característico – revisitar os conceitos e aprimorá-los mediante a prática clínica e seus estudos – concluindo que o trauma trata-se de um acontecimento de natureza psíquica, no qual o indivíduo está sujeito a uma excitação – de

natureza sexual ou ainda relacionada a objetos marcados por excitações do tipo eróticas - que o mesmo não pode eliminar, seja por proibição ou pela imaturidade de seu aparelho psíquico na ocasião (FULGÊNCIO, 2004).

Há ainda, a questão colocada por Freud sobre os dois momentos em que ocorreria o trauma, sendo o primeiro momento no qual ocorre uma vivência que pode ser real ou imaginária, de caráter sexual, embora não tenha este caráter para a criança, sendo essa situação experienciada como uma excitação que não encontra meios de ser totalmente descarregada. No segundo momento, já com o desenvolvimento da criança, a passagem pela puberdade e a ascensão ao sentido propriamente sexual das excitações corporais – há uma segunda vivência na qual se faz certa analogia com a primeira, sendo essa segunda cena a que irá circunscrever o caráter tanto sexual quanto traumático para aquela primeira vivenciada (FULGÊNCIO, 2004).

Já para Winnicott, a questão do trauma se constitui de forma distinta ao que foi proposto por Freud, primeiramente porque ele exclui a sexualidade desde a tenra infância pois compreende que esta seria uma conquista a ser alcançada no decorrer do amadurecimento psíquico. Como afirma Fulgêncio (2004, p. 263) “...para ele, o ser humano não é um aparelho que procura livrar-se de suas excitações, mas uma pessoa que necessita existir e continuar existindo”.

Fulgêncio (2004) afirma que as observações clínicas de Winnicott levaram-no a pensar o trauma como uma ruptura na linha da vida. Para ele, trata-se de um “acontecimento que diz respeito à preservação e continuidade do si mesmo numa relação inter-humana” (p. 264), sendo relacionado à dependência e, portanto, ao ambiente, que na teoria winnicottiana, precisa oferecer segurança, estabilidade e previsibilidade, pois sem isto o ambiente pode ser vivenciado como intrusivo e passível da necessidade do sujeito em constituição, de se defender. Neste sentido, a preocupação dos pais com relação ao racismo já vivenciado por eles e projetado no futuro dos filhos, pode-se correlacionar ao possível trauma a partir do qual não se pode ter o que Winnicott denomina como confiabilidade, ou seja, o ambiente não pôde lhes proporcionar a segurança necessária. Segundo Dias (2011),

Confiabilidade é uma dessas palavras que falam por si. Na compreensão comum, dizemos de uma pessoa que ela é confiável quando sabemos que é possível contar com ela; quando acreditamos que fará o que prometeu ou que não fará mau uso do que lhe dissemos num momento de intimidade; ou de quem, capaz de reconhecer que alguém se encontra indefeso, não abusa nem se aproveita de um estado de fragilidade, distração ou incapacidade do outro. (...) em Winnicott, mais do que uma qualidade desejável em qualquer relação humana, a confiabilidade é a característica central do ambiente facilitador, materno e terapêutico, e está intimamente ligada à dependência, cujo protótipo é, por excelência, o estado de dependência absoluta do bebê com relação à mãe nos estágios iniciais da vida (p. 15).

### 7.2.2 Da invisibilidade ao protagonismo do pai

Pode-se afirmar que as entrevistas do período pré-natal foram marcantes no que diz respeito ao sentimento de invisibilidade dos pais, seja pelo fato de, declaradamente se manifestarem não escutados e vistos socialmente, seja no sentido de dirigir sua preocupação às esposas, sobre os incômodos que estas sentiam e para os quais não podiam fazer nada que os resolvesse. As falas abaixo demonstraram tais manifestações:

“O homem nessa hora, ele não é visto não e eu tô sentindo isso daí de verdade, não que eu faça questão de que...se alguém tá preocupado comigo, não sei o que lá enfim, de como eu tô me sentindo com relação a isso, mas verdadeiramente parece que isso é comum (...) as pessoas não se preocupam com o pai da criança, isso é verdade” (Pai 1).

“Ah, me senti.... invisível ali, sabe?” (Pai 1).

“...eu vou reagir, vou ajudar, e tô mais como ajudante nesse processo todo que é... às vezes é até ruim, porque eu não posso fazer nada, ela fala...ah, tá doendo minha barriga, não consigo me mexer direito, não tem nada que eu possa fazer, eu não posso carregar a criança no colo. Então acho que por isso, pra ela, é mais difícil” (Pai 2).

“Eu até brinco com a A., olha é ruim às vezes a gente tá perto, porque a gente vê as dores, a gente vê a cólica, a gente... e eu falo xxxx cara, eu queria muito poder compartilhar com você, mas eu não posso né? E na hora a dor é só sua, porque eu não vou parir né, então eu acho que essa relação é muito louca assim, porque a gente vê, a gente partilha do momento, mas a percepção é toda materna né, do nascimento, desse processo e tal, então eu vou estar do lado só torcendo para estar tudo bem, e a dor mesmo eu não vou sentir” (Pai 3).

“...mas eu ficava esperando, em que momento que ela iria mudar o sentimento dela de medo e insegurança, para curtir o bebê na barriga. Porque é uma fase né, tanto que ... nossa, essa sensação que teve um ápice, teve um dia que a gente se emocionou bastante eu e ela, a gente curtiu bastante, eu falei: “pensa que eu já tô com esse sentimento há três meses” (Pai 4).

“Se eu pudesse sentir um pouco daquela dor, dividir, não só a responsabilidade, mas as dores e o incômodo com ela, eu poderia fazer e eu não posso fazer isso, então a gente faz o que dá. E às vezes, nem sempre o que dá pra gente fazer é o suficiente, né? E, infelizmente, assim, tem coisas que só a mãe que vai poder proporcionar, então...ela tá sentindo uma dor, o que eu posso fazer é comprar um remédio, mas não pode tomar o remédio também, então, ela quer ir ao médico, eu posso levar até o médico” (Pai 5).

A escassez de estudos que investiguem os sentimentos e vivências do homem frente às mudanças de vida que a paternidade gera para si, e não somente com relação às demandas de apoio à esposa, denuncia a realidade da sociedade contemporânea em abrir pouco espaço para que este compartilhe suas experiências e possa inclusive se (re)conhecer como pai, principalmente no período anterior à chegada do bebê. Além disso, tal fato reforça a construção



histórica de que homens e mulheres ocupam posições diferentes na família e na parentalidade, não somente no que tange ao status de trabalho e proventos financeiros, já discutidos anteriormente, mas também e essencialmente na construção vincular, a partir do que se passa psiquicamente no interior dos pais, podendo também serem considerados como sujeitos desejantes.

Cherer et al. (2018) ressaltam que, tradicionalmente, poucas investigações dedicaram-se à problemática do tornar-se pai, existindo uma carência de estudos a respeito dessa temática, especialmente no que se refere aos aspectos subjetivos da paternidade. Isso também acontece no contexto brasileiro, embora a experiência subjetiva da paternidade tenha sido pesquisada em algumas situações e etapas do desenvolvimento dos filhos.

Navarro, Riola, Garcia e Calvente (2021) em uma pesquisa recente, compararam as diferenças da produção científica mundial acerca da paternidade e da maternidade e encontraram quatro vezes menos artigos que traziam a primeira temática, sendo que a maior parte foi publicada nas últimas duas décadas, concluindo assim que há uma desigualdade sobre o conhecimento em torno da paternidade e da maternidade.

Diversos estudos afirmam a necessidade de abrir espaço ao pai para que este participe do ciclo gravídico puerperal (CHERER et al., 2018; DRAGO & MENANDRO, 2014; RODRIGUES, 2019), no entanto, é frequente que sua presença seja associada somente à função de apoio à gestante e/ou puérpera, o que certamente é importante e tem suas infinitas contribuições à mulher. Os relatos acima, porém, mostram o sentimento de invisibilidade frequente ao homem que deseja a paternidade e está ali, presente e disponível.

No período pós nascimento, no entanto, percebeu-se que os pais puderam refletir sobre as experiências vivenciadas com o nascimento dos filhos no que diz respeito à posição que ocupam e que lhes confere um protagonismo não sentido no período pré-natal. Seguem alguns trechos que podem melhor ilustrar:

“Desde a barriga, tanto é que ele nasce chorando e a enfermeira colocou ele na balança, falou alguma coisinha, e aí eu peguei e comentei: “filho, o pai tá aqui”, quando eu falei o choro estancou no ar, ele parou pra ouvir, (pesq.: ele parou?) ele entendeu quem era... parou na hora, ele percebeu, falou: “poxa, tá aqui aquele que falava comigo lá quando eu tava na barriga”, então, meu, eu não sou de chorar, eu sou muito duro, muito duro na queda, mas a lágrima veio no olho na hora, porque eu percebi que ele sentiu que era eu” (Pai 1).

“Eu tinha pra mim que, sei lá, como minha esposa queria mais, que eu, eu seria mais um... uma participação especial na relação das duas e tal, até porque ela queria muito ser mãe e tudo mais, mas agora, eu acho que não, vai ser bem... vai ser diferente (risos), vou querer ficar mais perto, com certeza vou participar bem mais do que aquilo

que eu tava imaginando antes, porque a relação é bem gostosa e a ligação é grande e tal. Então acho que essa é a grande diferença, agora eu percebo que não...vai ser... vai ser mais intenso e vai ser... a minha participação vai ser mais relevante até do que eu imaginava antes” (Pai 2).

“...é primordial o contato dele com os pais, a parte psicológica de confiança, de uma série de coisas, tipo hoje eu entro no quarto eu falo às vezes ele tá chorando, ele para pra ouvir, porque ele conhece a voz de quem entrou, sabe?” (Pai 3)

“O próprio pai está bem vulnerável, e... ele quer poder contribuir, quer poder ajudar, e você distanciar esse pai, pelo menos o que quer ser pai, do filho, você machuca muito ele, né? Então qualquer coisa que você escuta nesse sentido tipo te ameaçando de estar longe do seu filho, isso machuca muito o pai” (Pai 5).

### **7.2.3 Da identificação com a mãe à inveja**

No início das entrevistas, ou seja, no período gestacional, foi percebido no discurso da maior parte dos pais o processo de identificação com as esposas, sendo possível associar algumas manifestações, de ordem física e emocional, ao que eles relatavam sobre elas. Segundo Laplanche e Pontalis (2012) a identificação é descrita como o

processo psicológico pelo qual um sujeito assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro e se transforma, total ou parcialmente, segundo o modelo desse outro. A personalidade constitui-se e diferencia-se por uma série de identificações (p. 226).

O processo gestacional, com a série de transformações fisiológicas bem como de significações psíquicas, sabe-se, como abordado anteriormente, que não é restrito a uma vivência exclusiva da mulher, embora seja ela quem experimente no próprio corpo, as movimentações da evolução do feto, com todos os inéditos sentimentos e sensações que isso possa lhe trazer, prazerosos e desprazerosos. O homem, vivencia ao seu modo o processo gestacional, sendo comum a descrição de sinais físicos e emocionais que esse complexo processo também possa lhe acometer.

Diante de algumas manifestações apresentadas, é possível fazer uma correlação das sensações relatadas pelos pais com o fenômeno do Couvade, discutido na literatura como uma ritualização com objetivos de legitimar a criança, assim como de proteger a mulher dos espíritos malignos e da dor, para que o momento do nascimento da criança seja seguro e tranquilo para ambas (MARTINI; PICCININI; GONÇALVES, 2010).

Para além deste fenômeno, com toda a simbologia associada a ele, há ainda manifestações que podem estar relacionadas ao que atualmente se denomina a Síndrome de Couvade, como desejos por comidas, refluxo, ansiedade, todos eles abaixo relatados pelos pais.

Torna-se importante mencionar que não há, neste trabalho, nenhuma intenção de diagnóstico desta Síndrome a partir de tais relatos, pois isto exigiria outro tipo de investigação, objetivo e metodologia.

Numa apresentação oportuna, em que trata do olhar científico atribuindo algo de patológico que poderia ser visto pela lógica da identificação, Angelelli (comunicação oral, 10 de setembro de 2020) afirma

quando se tem os sintomas do Couvade, a psiquiatria associa isso a um transtorno psicossomático. Não consegue enxergar que esse homem está se identificando com essa mulher. Isso é visto como uma coisa patológica, sendo que há muitos anos, há muitos milênios que o homem tem sintomas quando a mulher engravida e tem o parto. Só que isso fazia parte da vida.

Algumas falas ainda no período pré-natal, foram intensamente significativas, conforme abaixo expostas:

“...tô meio que chegando, me assimilando a ela... a impressão que tenho é aquele fato de...estamos grávidos, é verdade! (Pesq.: É?) ...Muita coisa do que a mulher sente, o homem também sente. Por exemplo, até...besta isso daí que aconteceu no começo, ela sentiu bem poucos desejos de comer algumas coisas, eu comecei ir no mercado e nos lugares, com vontade de comer as coisas, e eu não sou assim. Por exemplo, eu como qualquer coisa, mas esses meses aí que ela ficava com vontade de uma coisa, não a mesma coisa, mas outras coisas que não tinha nada a ver, às vezes eu ia lá pedia para ela fazer, parece que se assimilava, entendeu? Parecia que eu tava na mesma situação que ela. Sei lá...eu...não sei explicar isso daí... (Pai 1).

“...o pai que é pai de verdade, que pretende ser pai, ele engravida junto com a mulher, isso é verdade. Ele vive muito do que a mulher vive. Isso é verdade. Eu por exemplo...eu só não cheguei a enjoar de nada, porque ela enjoou de algumas coisas, essa parte não, mas agora todas essas outras coisas de ficar emocionado, ansioso por exemplo, que eu não era assim, fiquei... vontade de comer as coisas, é verdade. É verdade sim. Pode considerar que é um fato verídico” (Pai 1).

“No começo, quando ela começou a ficar mais enjoada, eu fiquei muito mal também junto...e quando eu comia comecei a ter refluxo, coisa que eu nunca tive na vida, comia e passava mal, então nos primeiros meses foi muito engraçado porque eu tinha os sintomas todos muito parecidos com os dela, e aí eu não sei se é o...imunidade solidária (risos), eu não sei o que aconteceu, mas eu fiquei uma semana com um refluxo muito forte, eu tava comendo saudável, comendo normal, mas não sei o que aconteceu que eu fiquei bem ruim, mas passou, aí melhorei, e agora é assim, na hora de dormir, ela não dorme e eu também, mas aí é mais questão de sono leve mesmo porque ela se mexe e eu acordo, ela se mexe e eu acordo, e aí se ela não tá dormindo eu também não tô e a gente fica sofrendo meio que junto, mas acho que tem a ver com a ansiedade também” (Pai 2).

“olha você só vai se preocupar em dar o leite, porque o resto sou eu que vou fazer, sou eu que vou pra arrotar, sou eu que vou limpar, sou eu que vou dar banho, sou eu que vou fazer tudo, porque a única coisa que eu não posso fazer é dar leite, então... se você não der leite, a gente vai dar um jeito, o bebê não vai morrer de fome, tem outros métodos e outras alternativas para suprir o leite materno”, mas assim, eu tô totalmente tranquilo assim de que... nossa, eu acho que eu vou tirar de letra isso (Pai 4).

“...tentava me colocar no lugar dela, como assim né, eu, se fosse eu, se eu pudesse, falava pra ela, eu teria tido na minha barriga...” (Pai 4)

“...se eu pudesse acordar e dar de mamar eu daria, mas eu não posso fazer isso, então trocar fralda, dar banho, são coisas que eu posso fazer, esquentar a mamadeira, quando for necessário, eu posso mais ter que acordar durante a noite, eu posso ir pegar no berço ou se ele estiver na cama, mas quem vai ter que dar mamar para ela, dar peito, vai ser ela né? (Pai 5)

Algumas das falas dos pais entrevistados trazem à tona algo que tem sido bastante explorado na literatura acerca da mulher no período gestacional. Segundo Szejer & Stewart, (2002), “a gravidez é um período de transição, de metamorfose, período de iniciação. E como em todas as experiências de iniciação, não se sai do mesmo modo que se entrou”. (p.117). Tendo em vista a vasta literatura sobre o tema e articulando a realidade dos relatos paternos nesta oportunidade obtidos, surgem as seguintes questões: seria a gravidez um período de transição e metamorfose somente para a mulher? Em que ponto ou a que ponto, o homem, pai da criança, companheiro desta mulher em transição, é tocado pelas transformações desta? Seria o homem estático e intocável psiquicamente diante da infinidade de repercussões psíquicas que acometem a mulher?

Esta pesquisa certamente não poderá responder por completo a todas as indagações que surgem, entretanto, a reflexão que se pode iniciar a partir das mesmas é especialmente importante em tempos atuais nos quais o homem tem se posicionado de outra forma no contexto familiar e social, simultaneamente aos reposicionamentos que a mulher tem feito. É nítido, no entanto, pela fala dos pais, a identificação que lhes ocorre com as sensações das esposas grávidas. Demonstraram vivenciar incômodos físicos semelhantes às esposas, e inquietações emocionais, já mais no período final da gravidez destas.

Tal identificação só poderá ocorrer se houver um envolvimento genuíno com o processo de espera pelo filho, com todas as preocupações que uma situação desconhecida diante de um ser dependente, poderá trazer ao genitor cuidador. Winnicott (1986/1996) afirmou sobre a capacidade de identificação entre as pessoas e a importância dela para o desempenho de um papel facilitador do ambiente, o que diz respeito ao amadurecimento.

É necessário mencionar que os relatos aqui descritos, em sua maior parte, foram trazidos pelos participantes de forma que os próprios curiosamente se perceberam no momento em que a fala foi colocada em ação, ou seja, eles mesmos não haviam percebido que os sintomas apresentados se assemelhavam aos de suas esposas, mas puderam refletir sobre isso na ocasião

da entrevista. Como por exemplo, nas falas do pai 1, onde narra que sente estar semelhante à esposa, na identidade de grávida(o).

Já após o nascimento do bebê, os pais relataram muitos episódios em que reproduziram comportamentos que as esposas estavam também apresentando, os quais estavam fundamentados em sentimentos, desejos e fantasias muito presentes no campo da maternidade. Algumas falas (destacadas) mostram forte identificação e um posicionamento que parece ser subjetivamente, sob a perspectiva da mãe:

Tudo, não perdi nada. Fui de manhã, **internei**, fiquei, dormi no hospital, dois dias no hospital com ela, não sai pra nada, fiquei lá o tempo inteiro (Pai 1).

“Sim... exato, fato, é, fiz a mesma coisa, eu realmente achava que eu não tava cansado. Pode ser isso também, pode ser que talvez ela nem sentisse dor, porque, na cabeça dela ela queria só...ela queria só cuidar da criança, que pra mim também, eu falava: “não, tô tranquilo, eu cochilei aqui no sofazinho, eu tô bem, tô bem (risos) mas no dia que eu dormi mesmo, eu percebi que eu não conseguia acordar no outro dia, não conseguia levantar da cama, de tão cansado” (Pai 2).

“A primeira noite a gente só dormiu uma hora...o médico ginecologista que fez o parto dela falou ...ah, mas tudo isso passa, a gente esquece, tanto é que se fosse assim, ninguém teria dois ou três filhos, porque tudo isso passa muito rápido e a gente esquece, eu não acho que eu vou esquecer não (risos)...eu, **na condição de mãe**, não sei se eu teria outro não... é como eu tenho falado aqui, é tudo muito no extremo, é emoção no extremo, nasceu o bebê, nossa...sua emoção, seu amor, sua felicidade vai na lua né, fica a flor da pele, mas tudo fica também, o estresse se ela vai amamentar, se ela vai conseguir mamar, se vai ter a pega no peito, o cansaço do sono, das noites mal dormidas, tudo fica muito tenso, tudo fica muito no extremo, então como eu participei basicamente de tudo, eu acho que um só seria suficiente (risos), eu não quero passar por isso de novo não...” (Pai 4).

“A gente fica um pouco **mais sensitivo e sem paciência pra alguns tipos de coisa**, né? Acho que o lado do protetor começa a bater um pouco mais forte em alguns sentidos, tipo...se por exemplo, tem uma tia que mora do lado e outra tia que mora do outro lado aqui, casas do lado, se já começa uma dando palpite de uma coisa, outra dando palpite de outra coisa, pra muita coisa eu sou bem paciente e sereno, mas eu tô vendo que tipo, a mãe nunca vai querer fazer alguma coisa pra prejudicar o filho porque ela quer, entendeu?” (Pai 5).

Melanie Klein (1957/1991) trouxe importante contribuição ao campo da psicanálise, ao estudar o conceito de inveja, um dos últimos trabalhos de maior significância e repercussão, uma vez que aprofundou seu olhar sobre ele, ampliando o sentido até então lhe destinado. Antes disso, embora a inveja fosse de alguma forma abordada pela psicanálise, era tida como uma emoção importante, mas somente quando a pessoa estava em situação de privação (do objeto invejado), sendo mais detalhada somente no estudo da inveja do pênis. Segundo a autora,

O primeiro objeto a ser invejado é o seio nutridor, pois o bebê sente que o seio possui tudo o que ele deseja e que tem um fluxo ilimitado de leite e amor que guarda para sua própria gratificação. Esse sentimento soma-se ao seu ressentimento e ódio, e o resultado é uma relação perturbada com a mãe (KLEIN, 1957/1991, p. 214).

Algumas falas dos pais demonstraram, sob a perspectiva psicanalítica, a manifestação inconsciente da inveja tal como Melanie Klein (1957/1991) a descreveu. Tais participantes inconscientemente associaram a imagem de suas respectivas esposas àquelas que tinham aquilo que eles gostariam de oferecer aos seus filhos, mas não o tem. Um dos participantes manifesta o desejo de realização das tarefas com o bebê muito mais intenso do que uma participação igualitária entre ele e a esposa, mostra ao invés disso, a necessidade de ocupar o lugar da mãe na relação com o bebê, fantasiando vivências corporalmente possíveis somente às mulheres inclusive.

A geração da vida, o parto e a amamentação ao seio, sabidamente exclusividades da mulher no quesito fisiologia, são experiências que podem gerar no homem o sentimento de inveja pelo fato dela ter essa experiência visceral, enquanto eles parecem se ressentirem quando dizem *“se pudesse, eu teria tido na minha barriga”* ou *“a única coisa que não posso fazer é dar leite”*, e ainda, *“se eu pudesse acordar e dar de mamar eu daria, mas eu não posso fazer isso”*. Melanie Klein (1957/1991) explica que *“a inveja é um sentimento raivoso de que outra pessoa possui e desfruta de algo desejável – sendo o impulso invejoso o de tirar este algo ou estragá-lo”* (p. 212). Diz ainda que o primeiro objeto a ser invejado é o seio nutridor sendo este aquele que possui leite e amor ilimitados que guarda para sua própria gratificação. Esta é a inveja primária, assim denominada por Klein (1957/1991).

Winnicott (1957/1979), por sua vez, traz uma valiosa contribuição sobre a entrada do pai acontecer quase como uma forma de substituição da mãe, dizendo

Não se deve supor, em todo caso, que seja uma boa coisa para o pai entrar prematuramente em cena. As pessoas são tão distintas umas das outras. Alguns homens parecem acreditar que seriam melhores mães do que suas esposas e, nesse caso, podem se tornar realmente incômodos. Isso é especialmente verdadeiro quando eles são capazes de, com o maior desembaraço, serem “mães” imensamente pacientes durante meia hora e depois, com o mesmo desembaraço, sumirem – esquecendo que as mães têm de ser boas mães durante as vinte e quatro horas de um dia, e um dia após outro. E, depois, pode ser que existam alguns pais que realmente dessem melhores mães que suas esposas, mas a verdade é que nem mesmo assim podem ser mães; assim, tem de se descobrir alguma saída para a dificuldade, sem estar em causa o desaparecimento da mãe nesse quadro. Mas, usualmente, as mães sabem que são competentes em sua própria função e podem, portanto, deixar que seus maridos entrem na cena, se o desejarem (p. 128).

Nos relatos obtidos na pesquisa, notou-se pais que falaram sobre a compreensão da privacidade da relação mãe-bebê durante o momento da amamentação, mas também pais que declararam seu incômodo e sentimento de exclusão por não encontrarem uma forma satisfatória

de participarem da cena da amamentação. Assim, demonstraram a inveja inconsciente ao referirem inclusive sobre a possibilidade de se utilizarem de outros meios caso houvesse dificuldade ou qualquer impedimento para que o bebê fosse amamentado ao seio, como se pudesse então ser tirado de cena para ser substituído por algo que o próprio pai pudesse oferecer como sua contribuição. Gonçalves (2018) afirma que, “por parte do pai, o ato de amamentar pode provocar sentimentos de inveja, ciúmes e rivalidade em relação ao bebê, o que pode interferir negativamente na prática da amamentação” (p.38).

#### **7.2.4 A pandemia: do isolamento à necessidade de privacidade**

As primeiras entrevistas (pais 1 e 2) ocorreram no mês de outubro de 2019, não havendo nenhuma repercussão de fatores externos naquele período. No entanto, os três últimos participantes foram entrevistados inicialmente entre os meses de maio e junho de 2020 frente o mais impactante evento do século, a pandemia da Covid-19.

Birman (2021, p. 13-14) afirma que

a atual pandemia da Covid-19 se mostrou como uma catástrofe de enormes proporções humanitárias, sociais e econômicas, ao mesmo tempo que ecológicas e culturais, que atingiu direta e simultaneamente todos os países e continentes do planeta, de forma impactante e vertiginosa (...) A pandemia em curso representa o maior acontecimento sanitário ocorrido no mundo desde a gripe espanhola de 1918 e apresenta efeitos ainda mais catastróficos que a pandemia do HIV/Aids dos anos 1980. Assim colocou em suspensão todas as atividades sociais e econômicas na totalidade dos países, transformou de forma radical formas de vida e de sociabilidade, que remetem seja para relações singulares do sujeito com o seu corpo, seja para as relações plurais do sujeito com o Outro em diversos contextos, assim como nas suas mais diferenciadas formas de existência, nos registros real e simbólico.

Pode-se dizer que a pandemia de Covid-19 trouxe a inédita experiência do isolamento e da quarentena recomendados pela maioria dos órgãos de Saúde do mundo e referendados pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Segundo Levy (2019/2020), o isolamento e todos os medos sentidos (de adoecer, de morrer, de morrer na solidão, de não ter a quem recorrer etc.), se opuseram aos desejos (de viver, de encontrar pessoas, de namorar, de ver gente, dentre outros). Por aí, podemos nos deparar com os conflitos estabelecidos no meio social e no psiquismo de todos aqueles que levaram à sério a complexidade da situação pandêmica.

Neste estudo, as entrevistas do período pré-natal, realizadas sob esse cenário, indicaram algumas preocupações relacionadas a: restrições financeiras decorrentes da necessidade de interrupção repentina da prática profissional para o participante que era profissional autônomo; medo de ter alguma situação de risco com a esposa e/ou bebê e precisar de um hospital que fosse seguro com relação às possibilidades de contaminação pelo coronavírus; impossibilidade

de preparar a chegada do bebê tanto no que dizia respeito às compras de enxoval, móveis, ensaios fotográficos, dentre outros, que tiveram que ser feitas remotamente; e ainda, a imposição de terem que se afastar de pessoas importantes e significativas na vida do casal, tendo estas, como única opção segura, acompanhar a evolução da gravidez por meios tecnológicos.

Apesar das dificuldades apontadas, chamou-nos a atenção o fato de os pais também relatarem um benefício obtido a partir da situação de isolamento, que dizia respeito à possibilidade de acompanhar em tempo integral a gravidez da esposa, uma vez que o trabalho – seja pela interrupção, seja pela modificação da modalidade presencial para a modalidade remota – teve sua prática transformada. Neste aspecto podemos fazer uma reflexão sobre a “lógica” capitalista, que não favorece em nenhum sentido a presença do homem no núcleo familiar quando da situação de espera por um filho. Muito se debate sobre a posição do homem na sociedade e se constata com certa frequência a real ausência dos mesmos – e não são poucos - que possuem dificuldade em assumir a paternidade com toda a sua grandiosidade, seus direitos e deveres. No entanto, o que se destaca é a dualidade oposicionista de uma cobrança de presença que não é favorecida para que o homem possa acompanhar a evolução da gravidez, fazendo-se parte do processo. Não fosse isso, talvez o ganho secundário<sup>4</sup> do isolamento não estaria presente nos discursos dos participantes desta pesquisa.

Seguem alguns relatos:

“A gente se preparou para o momento, então, não contava com essa coisa da pandemia, de ficar meio preocupado, não só em relação ao trabalho, a parte financeira, mas também dos riscos e de ele nascer, de ter um bebê pequeno e se precisar da ajuda de um hospital, alguma coisa assim e as coisas estarem bem comprometidas” (Pai 5).

“A gente tá no meio de uma pandemia, o que também dificultou uma série de coisas pra gente fazer né, então bastante coisa a gente acabou fazendo tudo meio que online né, então tanto as compras, as coisas dele todas as coisas foram compradas aí de forma digital...” (Pai 3).

“...pra mim foi muito bom né? Eu não posso reclamar da pandemia não, porque eu, com rotina de trabalho e faculdade, muito dificilmente teria acompanhado toda a gestação e estando tão próximo, nesse período final da gestação como eu pude estar né? Então pra mim foi muito bom poder dar suporte pra (esposa), poder estar mais perto, poder até interagir mais com o (bebê) na barriga também, era uma coisa que se a gente não tivesse em quarentena, eu não teria essa possibilidade porque eu trabalho o dia inteiro e eu teria que sair do trabalho e ainda ir pra faculdade. Então, ia ficar com o tempo muito mais restrito né e eu acho que é isso assim, eu na verdade aproveitei muito, eu tive muita sorte dentro desse ambiente de pandemia. E uma das preocupações hoje né, em relação ao nascimento é muito isso também né, foi uma das

---

<sup>4</sup> Ganho secundário foi a nomeação dada por Freud (1923) “à solução mais cômoda, no caso de um conflito psíquico à medida que ela poupa de saída um esforço” (CHEMANA, 1995, p. 96).



métricas pra gente procurar um hospital também, que esteja seguro, que não seja hospital que esteja tendo tratamento todo aberto. Então, nas maternidades que a gente foi, a gente viu que realmente tem bastante cuidado no combate a pandemia e tal, e eu acho que essa é uma das preocupações e tem o pós né, acho que o pós tem preocupação também, em relação a pandemia” (Pai 3).

“... eu acho que o que mais ocasionou pra gente mesmo foi o contato social das pessoas né, a nossa família realmente não pôde acompanhar a gestação, boa parte né, os primos da (esposa) que são pessoas próximas, meus primos, os nossos amigos que são pessoas muito próximas da gente, na verdade não puderam acompanhar nada, eles acompanharam por foto e internet, né? Então acho que fora de pandemia essa seria a maior diferença assim né, no aspecto da gestação” (Pai 3).

“...da pandemia direto assim, é a parte de curtir a gravidez e poder fazer as coisas, por exemplo, minha esposa sente falta de sair para poder fazer compras pro bebê, comprar roupinha, curtir com a mãe dela, curtir com a irmã a barriga, estar mais próxima das pessoas que gosta, assim de... sei lá, estar mais livre e menos preocupada para poder aproveitar esse momento... fotografar, filmar, fazer um ensaio de foto, tudo isso foram coisas que ficaram restritas e não vai ter como voltar, fazer mais pra frente, esse momento de fato foi perdido. E assim, eu como pai também, por o meu trabalho ter sido drasticamente afetado também, você fica pensando, porque você se programa para poder pagar um convênio médico, posteriormente poder colocar numa creche legal, se precisar comprar uma vitamina ou alguma outra coisa, uma escolinha mais bacana, tudo isso tava baseado num cotidiano, numa rotina que agora pode mudar para frente. Eu não sei se o meu ganho vai ser o mesmo, então o que eu me comprometi, o que eu idealizei como pai para passar para o meu filho, talvez não seja possível já nesse primeiro momento...” (Pai 5).

Após o nascimento dos filhos, as entrevistas mostraram um certo ressentimento pelo fato dos pais estarem afastados de suas famílias, no entanto, a ambivalência se mostrou marcante nos discursos dos participantes, pois houve um incômodo significativo com relação às recomendações – não solicitadas – frequentemente referidas por familiares e pessoas próximas, que eles não gostariam de receber. Reconheceram a boa intenção implícita nas recomendações oferecidas, mas sentiram a necessidade de terem seu espaço para descobrirem os melhores cuidados ao bebê, a partir da relação estabelecida com o filho.

Faz-se pertinente neste ponto lembrar o conceito de intrusão de Winnicott. O autor denomina como intrusão tudo aquilo que interrompe a continuidade do ser do bebê, sendo algo que decorre do ambiente, da maneira como ele se apresenta e dinamicamente funciona na recepção e acolhimento ao bebê que não tem psiquismo suficientemente desenvolvido para elaborar instabilidades, imprevistos e a invasão. A mãe é, inicialmente, a representação do ambiente, e como tal precisa oferecer cuidados suficientemente bons, assim também como o pai que, incorpora o ambiente devendo apresentar em consonância à mãe, uma presença segura e estável (ABRAM, 2000; DIAS, 2003).

Tendo como base a segurança e estabilidade do ambiente para um início saudável do processo de amadurecimento, os pais já na fase adulta, necessitam também de cuidados

adequados para conseguirem oferecer aos seus filhos o que eles, na condição de dependência absoluta<sup>5</sup>, precisam receber. As intrusões familiares provocarão nos pais, assim como nos bebês, como em um efeito cascata, a necessidade de reagir. Segundo Abram (2000) “são as reações à intrusão ocorrida em determinado período as responsáveis pelos danos causados à personalidade, o que resulta em fragmentação” (p. 32). Winnicott (1949/2000) diz que “a intrusão vinda do exterior faz com que o bebê tenha que adaptar-se a ela, e o fato é que à época do nascimento o bebê necessita de uma adaptação ativa do ambiente. Ele é capaz de suportar a reação por um período limitado de tempo” (p. 265-266).

Sendo assim, a pandemia ou mais especificamente o isolamento social, apesar de ter sido visto como uma experiência penosa na medida em que não houve o compartilhamento da gravidez e do puerpério com a família e outros afetos, por outro lado os protegeu da presença e possível interferência de familiares, segundo o senso comum e discutido na literatura. Vejamos os trechos abaixo:

“...a família não pode vir visitar, as pessoas gostariam de estar perto e não podem estar perto, e é uma coisa que...putz, como eu vou fazer as pessoas vivenciarem o crescimento do (bebê) sem poder estar perto dele, sabe? Então são algumas coisas que eu não entendia e a minha mãe ficava me enchendo o saco, uma coisa que eu nunca tive... Sabe assim? E hoje eu paro e vejo, é importante para as pessoas sabe? E é importante para o (bebê) que pessoas conheçam ele, que as pessoas saibam dele... E isso mudou bastante. Então hoje, eu acordo e mando uma foto dele pra família pra mostrar que ele tá bem sabe? Assim eu acho que é isso, é o compartilhar e as pessoas conhecerem, isso mudou muito e era uma realidade, era uma coisa que até agora eu não pensava, eu não entendia, nesse processo todo da minha mãe e do meu pai e tal, e hoje eu consigo compreender, eu falo, não putz realmente é importante isso, realmente faz parte do processo de ser pai, dar mais satisfações às pessoas...” (Pai 3).

“A pandemia, eu falo assim, eu e a (esposa) nos damos muito bem, justamente porque a gente tem as mesmas características de sermos reservados em alguns momentos... Então é assim, é um momento nosso, a gestação é nossa, o filho é nosso, a vida é nossa, então quem tem que vivenciar isso somos nós, então a gente sempre curtiu muito só nós dois sabe? Sempre foi só eu e ela assim, sempre foi, e pra gente na realidade, eu não gosto de estardalhaço sabe? A minha família é muito barulhenta, a família da (esposa) é muito barulhenta, e... aí, pra gente foi um alívio na realidade, nesse começo do processo do nascimento do (bebê), principalmente no dia do nascimento que assim, se tivesse liberado para ter visita no hospital, velho, Nossa Senhora...ia ser um caos. A minha família com a família dela ia ser um caos, neguinho ia invadir o quarto ia chegar de gangue (risos) eu conheço minha família, eu conheço...e para a gente foi muito bom porque ficou só eu, ela e o (bebê), então assim, tendo vivenciado esses primeiros dias de nascimento de verdade, podendo ver ele mesmo, estar com ele, ouvir o primeiro choro, ver o primeiro banho, sabe, sem ninguém, só eu e ela, pra mim foi muito bom...” (Pai 3).

---

<sup>5</sup> Winnicott utiliza o termo “dependência absoluta” para descrever a condição do bebê que precisa inicialmente do ventre da mãe para que possa se desenvolver e, ao nascer, precisa que sua mãe se adapte às suas necessidades (ABRAM, 2000).

“É óbvio que a gente sente falta de estar perto dos amigos, da família e tudo mais, mas com o quesito nascimento do U. foi mais aliviado, porque eu realmente ia ficar mais incomodado com esse contato muito, sabe, a criança com 10 dias de vida e vir um monte de visita em casa para ficar pegando no colo e...mano eu falo, na realidade com COVID ou sem COVID eu acho que antes dos três meses, pouca gente ia pegar ele no colo, porque eu não ia deixar” (Pai 3).

“A falta dos avós paternos, meus pais como eu falei moram na Bahia, isso também afetou um pouquinho a participação deles, né, porque não iam se expor, pegar avião, vir pra cá pra cuidar da nenê, então ficaram na saudade, com a vontade de estar junto, mas como eu falei eu tenho tentado aproximar através de vídeos, de vídeo conferência, fotos né? Tudo pra que eles não se sintam tão distantes. Então assim, praticamente uma horinha por dia, eu tento fazer uma filmagem, fazer uma ligação para que eles participem, porque isso é triste, querer vir, querer estar junto né e não poder. Mas enfim...acho que só faltou falar dessa parte, só, com relação a pandemia” (Pai 4).

“Teve uma vez que a gente colocou uma foto dela quando a gente tava colocando ela para arrotar e a gente não tinha colocado uma fralda pra separar a nossa roupa do rosto da nenê, e aí teve um comentário, ah, coloca uma fralda porque né...aí enfim...só pra você ver né, na discussão, eu poderia levar aquilo numa boa, foi só uma tentativa de cuidado, pensando no bem do bebê, mas você não quer ouvir isso, você quer passar aquela foto ou a sensação é assim... olha aqui sua neta né? Andei pensando em você participar um pouco, você tá longe, para você curtir, e aí você recebe o retorno que você não imaginava, pô eu não coloquei a fralda ali, tudo bem, mas eu não quero escutar isso né? Eu quero escutar outras coisas, eu quero escutar elogios e não críticas (risos) porque eu sei que eu tô fazendo o meu melhor” (Pai 4).

“Então a gente tá procurando sempre seguir as recomendações médicas então o médico falou que até as 10 horas da manhã se você quiser dar banho de sol com roupa mesmo no bebê em cima da janela, pode levar, não tem problema. Aí você vê, você coloca o bebê pra tomar sol, aí sua tia grita lá de cima da janela da casa do lado...e pode tomar sol de roupa assim desse jeito? Então é o tipo de coisa que a paciência bate no zero sabe? A gente chegou da Maternidade já tinha um recado aqui já de uma pessoa que já ligou, pessoa da família, já ligou avisando que... não deixa comer repolho porque vai dar azia, vai dar cólica, coisa e tal... então assim... deixa a gente criar, para de dar palpite, o próprio médico já falou que não tem nada a ver, então muitas pessoas querem ajudar e na verdade só atrapalham e a paciência bate no zero pra esse tipo de coisa. E isso é o tipo de coisa que assim...eu não vou ficar deixando fazer porque pode prejudicar a mãe do meu bebê e também o meu bebê, então assim, ah o umbigo tá não sei o quê, coloca uma moeda, o médico não fala para colocar moeda nenhuma! Então, segue só a recomendação médica...essa pandemia tem até ajudado nesse sentido que a gente tem tipo um pouco mais de espaço... a gente tem de tudo para poder não chatear ninguém e seguir as recomendações médicas, à risca mesmo, né? Então...no tempo de pandemia, isso tem ajudado a gente porque não tem recebido tanta visita” (Pai 5).

“ah eu imaginava pelo menos o domingo... é um dia que... eu trabalho de terça à sábado, o dia todo, completo, então domingo e segunda são os dias que eu tenho de folga. Então o domingo, é um dia que “...eu tiro pra descansar, ia ser um dia que ia querer ficar mais ainda brincando com o meu filho, curtindo a minha esposa e que a gente, de fato, ia aproveitar essa fase, assim, e aí seria o dia que todos os parentes estariam de folga do serviço, e toda hora entra em casa, bate porta e fala, e quer dá risada e aquele parente que chega e não quer ir embora mais de casa, acha que todo dia é festa e isso ia me irritar muito ao ponto, eu tenho até receio de um dia a pessoa bater aqui no portão e eu simplesmente nem abrir o portão, não convidei ninguém pra chegar aqui, não vai entrar (risos)...então, tô até agradecendo que eu já me conheço e

ia começar rolar essas coisas e tipo, eu não quero ficar comprando briga com cunhada, com sogro por conta disso” (Pai 5).

### **7.2.5 A valorização desse novo pai**

O ciclo gravídico puerperal, quando vivenciado pela primeira vez pelo casal, trará com ele a necessidade de se apropriar e manejar novas sensações diante das mudanças que ocorrem biologicamente na mulher e quanto aos aspectos psicológicos e sociais para ambos. Szejer e Stewart (2002) em referência ao anúncio da gravidez para o pai afirmavam:

Esse anúncio feito ao marido fala de alguma coisa muito justa: o homem pode começar a se projetar como pai, no momento em que ele recebe a notícia. Antes, ele podia nutrir o desejo, a esperança, desde que as palavras são pronunciadas, por meio delas, a esperança se inscreve na realidade. Ele é potencialmente pai. Logo será de fato. Os meses estão contados (p.107).

Os autores descreveram as sensações possíveis ao homem que porventura não ficasse sabendo a notícia da gravidez em primeiro lugar, antes de outros familiares, como até mesmo a sua sogra. Afirmaram que alguns homens poderiam se sentir traídos nesta situação e outros que não dariam nenhuma importância a este fato, e ainda, um terceiro que tivesse passado meses anotando a temperatura da mulher para controle do momento da ovulação se perguntaria antes dela e a levaria para fazer um teste de gravidez ou ao médico. Com isso, os autores ressaltaram que cada homem e cada casal tem um próprio dinamismo no que diz respeito à notícia da gravidez (SZEJER; STEWART, 2002).

No que tange os relatos encontrados nesta pesquisa, os autores acima citados descreveram um diálogo interessante, que vale reproduzir neste espaço pois representa a manifestação de alguns dos participantes. Segue:

É o caso de uma mulher que contou, rindo, a seu médico:

- “Na noite passada, eu não conseguia dormir, porque quando estou esperando minha menstruação fico completamente sem sono. Aí eu fiquei me virando na cama e, é claro, eu acordei meu marido que me perguntou o que estava acontecendo.

- Não consigo dormir, estou esperando a minha menstruação, eu lhe disse.

Vi-o então, nesse momento, ajeitar-se, ligar a luz, acender um cigarro, acomodar os travesseiros e mergulhar no jornal. Espantada – eram três horas da manhã! -, eu lhe perguntei:

- O que é que você está fazendo?

O senhor sabe o que ele me respondeu? Olhou-me com o rabo do olho, deu um sorriso e disse:

- Bom, estou fazendo como você: esperando sua menstruação”

Não esperamos com isso compreender que todos os homens sejam capazes ou tenham em suas esposas, o mesmo interesse que este recorte reproduzido, sabe-se que um número

significativo de mulheres não tem o homem como um companheiro seguro e constante no processo de gravidez, bem como muitas delas são afetivamente e/ou concretamente abandonadas pelos mesmos, no entanto, nos deteremos aqui aos relatos obtidos nesta pesquisa, os quais revelam pais preocupados, participativos, presentes e constantes no processo de gravidez de suas esposas.

A gravidez então, para o homem que não a vivencia em seu próprio corpo, é fonte infinita de dúvidas, medos e fantasias, muito pouco descritas na literatura, um dos aspectos que nos mobilizou para a realização da presente tese. Cúnico e Arpini (2013) afirmaram que, na transição para a parentalidade, o pai geralmente carrega suas próprias ansiedades em relação a ter um filho assim como de ser um bom pai, ao mesmo tempo em que sente ciúmes e culpa por sentimentos contraditórios que possui. As autoras mencionaram que a ênfase socialmente dada à díade mãe – bebê, faz com que o pai tenha pouca oportunidade para explorar seus sentimentos.

No período gestacional os pais trouxeram a dificuldade de receberem informações a respeito do que o pai pode fazer nesta etapa em que a mulher gesta fisicamente. Eles, muitas vezes, não sabem o que podem ou não fazer, como devem explorar este momento. A questão do compartilhamento de informações bem como a dificuldade e até mesmo a impossibilidade de falar sobre o assunto foi revelada de maneira significativa por todos os pais.

“Por ser pai a primeira vez, ela também a primeira vez mãe, a gente não vai saber, entender o que que é um choro de uma dor de ouvido, o que é um choro de uma cólica, então eu me preocupo muito com isso e tô procurando até no tempo vago que eu não tenho, por algum vídeo na internet pra começar assistir pra começar a entrar no mundo. Por saber que meu sogro e minha sogra *perdeu* três filhos pequenos, entendeu? Então essas coisas aí eu fico preocupado... fico preocupado com a saúde dele assim, eu não sei, não sei como é que eu vou reagir ali quando ele tiver chorando de noite, se eu vou me desesperar, querer levar no médico ou se eu vou saber que é só um dente que tá crescendo uma coisinha ali ou outra, então eu acredito que vou ter um pouco de dificuldade” (Pai 1).

“Aprender bastante, assim eu tenho experiência zero de cuidar de criança, eu fiz um cursinho aqui bem mais ou menos então eu vou ter que aprender a cuidar da criança. Minha esposa foi babá muito tempo... dois anos e pouco. E ela cuidou de recém-nascido, então ela já sabe tudo, ela sabe trocar fralda, ela sabe como é que faz com a criança, ela sabe dar banho, ela sabe dar comida, ela sabe técnicas de dar comida, ela sabe um monte de coisas, como amamentar, enfim, ela tem todo o conhecimento que eu não tenho a menor ideia, mas eu não posso simplesmente, igual a gente já conversou, eu não posso simplesmente...ah, ela já sabe fazer eu não preciso fazer nada (risos)... a minha função é, vai ser aprender, na primeira semana, eu quero aprender logo” (Pai 2).

“A gente vem estudando, escutando documentários, da importância da presença do pai, de como que o bebê vê né, a vida dos pais quando ele nasce, como que é o cérebro de bebê, como que o bebê reage, como que é a interação do pai com o bebê, da mãe com o bebê, no momento...nos primeiros meses de vida, assim, se for pesar a

importância que é para o bebê, ter a presença de um pai ou de uma mãe perto, ou dos dois até né, nos primeiros meses de vida, que são os meses que o bebê mais aprende em toda a vida dele, são os primeiros meses, primeiros aninhos de vida, e a importância que isso vai ter pro futuro dele, para vida dele” (Pai 4).

“...se tinha coisas para aprender de curso de gestante, de coisas que precisam ser aprendidas pra o nascimento, pra vinda né, da bebê, eu fiz tudo, eu estudei, fui atrás, tudo relacionado a suporte né e apoio na educação” (Pai 4).

“Falta muita informação. Você encontra bastante coisas para mãe grávida, como ela se comporta, como ela vai sentir o corpo dela, só que a gente não encontra muito material e nem lugares pra ter troca de outros homens assim, tipo “quais são as principais dificuldades que um pai enfrenta nos primeiros momentos ou durante a gravidez” e coisa e tal? Talvez se outros homens soubessem que tudo isso é normal, até algum momento assim, o que precisa fazer mesmo, que vai ser muito bom pra mulher e pro casal e talvez um ganho até pro bebê depois, eu acho que eles mudariam um pouco o comportamento, não por completo, por conta do machismo, por ele achar que o protagonismo dele é só procriar ali e ensinar a não falar palavrão e jogar futebol, coisa do tipo. Se fosse mais comum esse tipo de conversa, eu acho que teríamos pais melhores aí” (Pai 5).

“Tem todo um padrão pra uma mulher ter um filho, não tem? Não tem que seguir aquilo ali, o pré-natal e tal, tal, não sei o que lá, não sei o nome das coisas... eu acredito que deveria ter uma... acrescentar alguma coisa pro homem também né? Ele de repente se sentir especial um pouquinho, nem que for um pouquinho na vida dele né? (risos)... porque isso aí, muda muito a gente né? É bom, é bom, uma atenção é ótimo! Nossa, bom demais!” (Pai 1)

Os relatos acima, bem como outros que foram obtidos no decorrer das entrevistas realizadas, nos dão a oportunidade de perceber que as angústias que se relacionam ao desconhecimento dos pais sobre os seus bebês, parecem estar em sintonia com as angústias que as mães costumam apresentar e que, há tanto, são mencionadas na literatura sobre psicologia perinatal, bem como na psicanálise.

Navarro et al. (2021) em uma pesquisa recente, compararam as diferenças da produção científica mundial acerca da paternidade e da maternidade e encontraram quatro vezes menos artigos que traziam a primeira temática, sendo que a maior parte foi publicada nas últimas duas décadas, concluindo assim que há uma desigualdade sobre o conhecimento em torno da paternidade e da maternidade.

Não conhecer o bebê, assim como o medo de não saber cuidá-lo, são manifestações comuns e frequentes, as quais demonstram o encontro inconsciente do sujeito adulto – mães e/ou pais – com o próprio desamparo no qual o bebê se apresenta, por sua condição de dependência exclusiva de um outro que lhe proporcione a sobrevivência, antes de mais nada.

Na psicanálise, Freud (1895/1990) já mencionava a palavra desamparo em seu texto “Projeto para uma psicologia científica”, relatando que o bebê recém-nascido necessita de ajuda

alheia para sobreviver, e que esta ajuda somente poderá ser realizada por um adulto que responda aos sinais que o bebê demonstrará de que precisa de algo. Sendo assim, o sentimento de desamparo, surge já nas primeiras experiências da vida, uma vez que o bebê é um ser em falta e que necessita trocar com o mundo que lhe cerca dependendo exclusivamente dele. O bebê inevitavelmente irá convocar o adulto não somente a cuidar-lhe como também preocupar-se com um cuidado efetivo e adequado para que a sobrevivência esteja garantida.

Dias (2003) menciona que, para Winnicott, é possível dizer até que as mães são tão desamparadas em relação ao desamparo do bebê, quanto ele próprio. Lembra ainda que, para desempenhar bem sua tarefa, ela precisa se sentir amada na sua relação com o pai da criança, assim como nos seus círculos sociais. A seguir relatos dos pais no período puerperal:

“...eu morria de medo de pegar criança no colo, eu não peguei nenhum sobrinho meu antes dos seis meses e assim que ele nasceu, depois que pesou, não deu dois minutos e meio ou três, já colocaram no meu colo: ‘vai lá pra pós operação aguardar tua esposa com ele’, mas ele já tava chorando, por não estar dentro da barriga da mãe. Então ali, parece que eu já criei um anticorpo, sei lá, alguma coisa ali, parece que dentro de mim, nasceu outra pessoa...já criei uma certa...como posso dizer? Responsabilidade por aquilo ali. E, sobre o choro, é... antes de ele nascer, um pouquinho, eu dei uma estudada na internet aqui, no Youtube e, nada melhor do que o pessoal. Então, passado agora um mês, a gente aprende a decifrar o choro, e o que ele precisa, mas no começo é bem difícil, é muito difícil...Porque chora muito e você acha que tá acontecendo alguma coisa. Assim, foi tão... experiência tão boa pra nós dois assim que, até hoje a gente só foi no médico de rotina. A gente não chegou a ir no médico desesperado com nada, porque toda vez que acontece alguma coisa, que ele começa a chorar muito, eu vou naquilo que acho que é certo, e acabo descobrindo o que que é... (Pai 1).

“*Brigado, brigadão*, viu?! Foi legal participar também, porque faz a gente pensar um pouco né (pesq.: é né), ajuda a pensar um pouco no processo todo (Pai 2).

“às vezes eu penso poxa poderia alguém cobrir aqui o turno e eu ficar o outro turno disponível, por exemplo eu fico a madrugada e minha sogra de dia, algumas vezes isso passou pela minha cabeça, mas a minha esposa virou pra mim e falou, não conta com isso quem é o pai e a mãe dela somos eu e você, então assim, se a gente receber qualquer apoio das pessoas de fora, qualquer apoio é bem-vindo, mas a gente não pode contar com isso, então eu meio que condicionei meu cérebro a não se frustrar caso não tivesse um apoio para mim, entende? Mas sim, eu sinto que às vezes eu precisava de ajuda também. Como eu falei eu não sabia nem carregar uma criança no colo, eu tive que me virar. Tive que aprender a carregar, a trocar a fralda, tomei um susto quando a enfermagem na maternidade falou que tudo quem fazia era o acompanhante, falei como assim? Então assim, você que vai fazer tudo, você que vai trocar a fralda, se o bebê chorar é você quem vai por pra mamar, ou se tiver sentindo alguma coisa, é você que vai trocar a roupinha, você quem vai fazer tudo” (Pai 4).

“As mulheres encontram uma rede de apoio com um pouco mais de facilidade pra trocar experiência, pra uma ajudar a outra com mais facilidade do que os homens e aí eu falei até com a minha psicóloga, e ela falou, mas essa rede não existe, é a gente que cria essa rede, a gente que pede essa ajuda uma pra outra. E os homens têm dificuldade em pedir ajuda, muita dificuldade nisso, e eu notei assim, que a vivência do homem que já foi pai, que já vivenciou a *maternidade* (ato falho?), é muito diferente do outro

que, por mais que esteja próximo, mas ainda não chegou o momento dele, como que eu digo isso, por exemplo eu trabalho com mais quatro homens. Beleza, voltei lá no trabalho, voltamos no meio da pandemia, o bebê já tinha nascido, pessoal tipo chegou na minha mão, deu um soquinho...e aí mano da hora, você foi pai né? Tipo assim, você foi pai, você não é pai, você foi naquele dia que ele nasceu. Você já começa a notar ali, ô beleza parabéns e tal, mas nunca mais tocam no assunto, só quando é pra fazer uma piadinha ah o único que é pai é aquele ali ó, acabou. Agora já os outros amigos, parentes, tenho um primo que tá com bebê com três meses, tem um outro amigo, cliente lá que tá com uma de dez meses, aí tem um outro que eu não falava tem muito tempo, então a gente anda ligando e conversando, sabe? Então, você tá falando e fala putz meu, olha que maluquice, a gente ligar e poder falar às vezes, um ligar pro outro, pra conversar, jogar conversa fora, falar de futebol...outro dia meu primo ligou aqui e perguntou seu bebê já tá começando a ficar com cólica? Aí falei que sim, que já tá com cólica e ele disse, ah porque a gente passou no pediatra essa semana e ele indicou um remédio que é muito bom e com esse remédio aqui ele não teve mais problema com a cólica e não sei o quê, então tipo...a vivência vai trazer outra coisa, assim como um outro que já é cinco anos mais velho, ele já falou pra mim, olha, fica tranquilo que nessa fase aí, bem o que eu tava falando com você agora, você pensa que não vai conseguir, não vai conseguir dar conta, mas é normal, vai achar que a sua esposa não te quer mais, dá vontade de você pegar tudo e jogar as coisas pro alto, só que, fica firme mano, uma hora as coisas vão se acalmar... então tipo assim, o diálogo é muito distinto do homem que é pai e que quer exercer a paternidade mesmo, e o homem que ainda não precisou ser colocado nessa experiência aí...então muitos desses aí, que são pais mas não querem exercer a paternidade, estão muito aquém, acham que só a mulher é que tem dar conta de tudo. Hoje eu consigo enxergar três tipos de pai, os que não foram pais, esses aí que não estão nem aí pra paternidade dele, não quer aproveitar esse momento e em algum certo momento isso pode fazer falta a ele como aprendizado de vida, e aqueles outros homens assim que eu tô me colocando aí nesse outro grupo, que querem fazer muito parte desse processo e eu acho que, sinceramente eu acho que são homens muito diferentes desses outros aí. Eu acho que hoje se uma pessoa falar assim...ah, homem é tudo igual, isso assim é uma coisa que já vai me ofender muito forte mesmo, que eu conheço e a maioria dos homens não pretende se comportar e serem compreensivos como eu tô tentando ser, então já virou uma coisa ofensiva, já acho que se eu escutar hoje uma coisa dessa, então é um comportamento que vou começar a observar com mais tempo e a tendência de você se aproximar mais, ah fazer uma festinha de aniversário e você fala, ah, mas só chama os amigos que são pais, eu acho que após essa paternidade acontecer, você acaba naturalmente ficando um pouco mais próximos de seus amigos que são pais. É uma coisa que acontece muito e eu não enxergava isso” (Pai 5).

Todos os relatos acima revelaram a preocupação genuína dos pais pela realização de um preparo adequado a fim de que os cuidados ofertados ao filho, por sua parte, fossem adequados e seguros. Demonstraram ainda, a necessidade de orientação que os fez buscar auxílio especialmente nas mídias sociais, que atualmente são recursos acessíveis e com infindáveis informações – com bom conteúdo ou não – e ainda, o compartilhamento com outros homens que estivessem vivenciando a paternidade e tivessem alguma experiência que pudesse lhes agregar mais conhecimento para oferecer os cuidados ao filho.

O último relato – Pai 5 – trouxe o desamparo e a solidão na paternidade, a partir de sua própria percepção sobre os homens: primeiramente, pela dificuldade em falar sobre o assunto e compartilhar suas experiências com outros homens que estivessem em um momento anterior e precisassem teoricamente de apoio, auxílio e informações, não sendo possível a formação de



uma rede de apoio tal e qual no campo feminino; segundo, pelo atravessamento histórico cultural que coloca todos os homens em um mesmo patamar de envolvimento com a paternidade, o que, para este participante, e provavelmente muitos outros que se identificaram com ele, não é aceitável, passando a ser-lhe ofensivo, tamanha sua dedicação ao filho.

Os trabalhos com grupos de casais gestantes são presentes e frequentes na atualidade, no entanto, faz-se notar que o foco permanece sendo nas mulheres, não sendo expressivo até o momento o trabalho em grupo dedicado especificamente aos homens em processo de paternidade. Maldonado (1990) já trazia uma importante contribuição quando discorreu sobre seu trabalho com grupos de casais grávidos,

(...) é necessário acreditar nisto: o que faz mal é o não-falado, o sufocado dentro da gente, vivido com culpa ou vergonha, como se ninguém mais sentisse o que a gente sente. É muito mais reconfortante poder expressar o que está lá dentro e descobrir que outras pessoas sentem coisas semelhantes. No caso específico de grupo de casais grávidos, observa-se a existência de um “mundo grávido”, com matizes bastante peculiares. Desta forma, o compartilhar vivências comuns facilita a coesão entre os participantes do grupo (p. 198).

Maldonado (1990) ressaltava que o trabalho com grupos homogêneos, por serem constituídos por pessoas que estão passando pela mesma situação de vida, podem se ajudar reciprocamente na tarefa de lidar com as situações que estão sendo vivenciadas naquele momento. Além disso podem compartilhar sentimentos, dúvidas e expectativas muito semelhantes. Já o coordenador de grupo – tarefa frequentemente proposta por psicólogos e outros profissionais de saúde – tem como objetivo e desafio principal facilitar a comunicação entre os participantes e a expressão de emoções comuns a todos dentro do foco proposto. Outra tarefa do coordenador é aprender com o grupo, isso se deve ao fato do Brasil ser um país grande, com muita diversidade cultural e quando se lida com pessoas com realidades muito diferentes, é preciso aprender que tipo de recursos são habitualmente utilizados para lidar com as diversas situações que podem se manifestar nos encontros grupais, objetivando estimular a ajuda recíproca entre os membros do grupo (MALDONADO, 1990).

Winnicott, em seu artigo “A Preocupação Materna Primária” (1956), discorre sobre a mãe ser biologicamente condicionada para a sua tarefa de lidar de modo especial com as necessidades do bebê. Sobre isso, diz que “existe uma identificação – consciente, mas também profundamente inconsciente – que a mãe tem com o seu bebê” (p. 400). O autor, porém, fala da importância de se pensar o assunto, considerando as questões psicológicas envolvidas no processo de cuidado do bebê, o que por um lado há uma mãe identificada com o bebê e, por outro, um bebê dependente de seus cuidados.

Pode-se pensar e questionar neste ponto, a partir das falas dos pais entrevistados, qual diferença está posta? Elas descrevem a preocupação e identificação com o estado de desamparo e dependência do bebê que está para chegar (ou que acabou de chegar), com a tentativa – assim como é comum observar entre as gestantes – de se preparar para aquilo que está por vir. Os cuidados ao bebê, até então desconhecidos aos pais, são tidos como desafios a serem alcançados, no entanto, foi demonstrada a busca por conhecimento como forma de preparação destes que se colocam igualmente às suas esposas, no papel de cuidadores zelosos de seus bebês. Quanto a isto, concordamos com a denominação proposta por Campana et al. (2019), conforme mencionado anteriormente a qual transforma o termo winnicottiano Preocupação Materna Primária em “Preocupação Parental Primária” (p. 33), uma vez que mães e pais podem ter as mesmas qualidades no que se refere ao envolvimento com o filho, não sendo, porém, algo simples a ser determinado, mas sim, um conjunto de experiências – conscientes e inconscientes – que se articulam em prol da parentalidade. Da mesma forma, compreendemos que também pode haver – em pais e mães – faltas significativas que não lhes possibilite o engajamento com a parentalidade.

Nesta mesma direção, Santos e Antúnez (2018) realizaram um estudo de caso, no qual foi investigada a possibilidade de constituição do holding paterno nos cuidados diretos oferecidos ao bebê. Os autores apontam a possibilidade de ampliação de aspectos constitutivos do holding a partir da inserção dos cuidados diretos oferecidos pelo pai ao bebê; assim como a necessidade de adaptar e flexibilizar a teoria winnicottiana frente às dinâmicas relacionais apresentadas nas famílias contemporâneas; e ainda, a necessidade de legitimar o pai como um cuidador durante o ciclo gravídico-puerperal.

## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O interesse pelo tema desta investigação deu-se a partir da trajetória profissional da pesquisadora, com a prática clínica de atendimentos a casais grávidos que receberam diagnóstico de patologia fetal. Nesta ocasião, percebeu-se que os homens frequentemente colocavam-se no papel principal de cuidador das esposas, espontaneamente ocupando-se pouco ou quase nada do espaço terapêutico para compartilhar seus sentimentos acerca do que atingia o casal naquele momento. Por vezes, foi necessário oferecer espaços individuais para uma escuta exclusiva ao futuro pai que tinha seu sofrimento equiparado ao da esposa/gestante, porém não se permitia falar sobre si na presença desta, senão sob a posição de um cuidador e não de quem também precisava ser cuidado.

Surgia então mais do que uma hipótese, mas uma constatação de que os homens, mesmo diante do sofrimento mais doloroso para um futuro pai, que era a doença fetal do próprio filho, mantinha-se em uma posição socialmente esperada dele, que significava ser o protetor, apoiador da esposa, “o forte”. Tal constatação evoluiu para uma nova pergunta que se tornou anos depois o objetivo desta pesquisa, ou seja, analisar a vivência da paternidade, em gestações saudáveis, considerando homens que experienciam isso pela primeira vez.

Inicialmente verificou-se que o espaço de fala para os pais, por meio das entrevistas realizadas, por si só, tornou-se terapêutico aos participantes que referiram escuta, visibilidade e possibilidade de reflexão, não estimuladas pelo meio social em que estavam inseridos. O que comprova mais uma vez que as mudanças ocorridas na família e na sociedade contemporâneas, acerca da igualdade entre os gêneros, mostra-se incipiente frente a hegemonia do modelo tradicional. Constatou-se, portanto, que os participantes demonstraram sentirem-se cobrados pela posição de provedor e cuidador, bem como desejosos de um olhar de cuidado e escuta para com eles, no sentido de poderem compartilhar suas emoções, dificuldades e possíveis conflitos diante da inédita experiência da paternidade.

A invisibilidade dos pais ficou evidente não somente pelos relatos, mas pela falta de literatura científica nos campos da psicologia e da psicanálise que aborde os aspectos psicológicos do pai enquanto sujeito, com desejos, expectativas, fantasias, angústias, solidão e quaisquer outras vivências emocionais. A literatura, em sua maioria, traz estudos que investigam o pai enquanto agente promotor de cuidados e proteção, seja ao filho, seja à esposa. Frequentemente é colocado em segundo plano com relação às suas condições emocionais e, com isso, quadros depressivos também podem se manifestar, além de dificuldades surgidas nos âmbitos conjugal e familiar.

Os participantes apresentaram vivências emocionais semelhantes às descritas na literatura sobre a mulher, no processo gravídico puerperal. Da análise das categorias temáticas elaboradas pode-se observar que as expectativas dos mesmos, no período gestacional, envolveram fantasias sobre o lugar ou papel a ser ocupado por eles, bem como suas impotências quando comparadas à relação mãe-bebê, em especial a exclusividade da amamentação, pois dificulta a entrada deles no vínculo com o filho. Compreende-se que neste aspecto, o foco socialmente atribuído à díade mãe-bebê contribui para que o pai se sinta excluído e não visto. No entanto, o desejo paterno apresentou-se como força mobilizadora para que eles encontrassem uma posição de importância nesta relação.

Verificou-se o processo de identificação dos maridos com suas esposas, desde o período gestacional, sendo surpreendidos por alterações emocionais e físicas, tais como elas, numa sincronicidade da vivência nesta etapa. O fenômeno do Couvade mostrou-se presente, mas não o compreendemos como sintomático ou patológico, e sim como resultado da identificação dos pais com as futuras mães, e conseqüente tentativa de elaboração das mudanças que a paternidade traz consigo. Manifestações de inveja, no que tange ao conceito kleiniano, também foram percebidas expressando uma singularidade destes participantes que desejaram, por vezes, desempenhar funções tipicamente do organismo feminino. Por exemplo, ter o filho em suas próprias barrigas ou ainda poderem amamentar, contudo tendo como satisfação possível, a presença constante diuturnamente em tarefas de cuidado com os bebês, quase sobrepondo às realizadas pelas esposas.

Comprovou-se a necessidade de proteção ao núcleo familiar principalmente frente às possíveis intrusões alheias, especialmente provocadas pela própria família do casal. Com isto, a pandemia, evento catastrófico que atravessou o percurso desta pesquisa, foi vivenciada pelos participantes de forma ambivalente. De um lado houve a separação das famílias e o impedimento de compartilhar momentos da gravidez e do puerpério como sempre ocorreu, o que gerou tristeza e ressentimento por serem momentos que não poderiam nunca mais serem vivenciados. Por outro lado, a necessidade de isolamento social, conforme indicação das autoridades sanitárias mundiais, foi sentida como protetiva quanto à presença de familiares invasivos, vivenciando o período de modo mais leve do que se tivessem que lidar diretamente com o fato.

Em decorrência dos resultados da pesquisa, verificou-se que os pais necessitam de um espaço terapêutico e um trabalho direcionado a eles, uma vez que os períodos pré-natal e puerperal são fontes de sensações ambivalentes aos homens, assim como às mulheres, conforme

amplamente discutido sobre estas últimas na literatura da área. O compartilhamento de informações e experiências é uma demanda evidente nesta pesquisa, sendo importante que outros estudos sejam realizados a partir de grupos informativos e/ou terapêuticos oferecidos especificamente aos homens que estejam se tornando pais. A solidão sentida diante da impossibilidade de compartilhamento desta vivência relaciona-se ao desejo dos pais de serem vistos em sua própria individualidade e subjetividade, não como um apêndice na relação mãe-bebê.

Conclui-se então que o homem, enquanto sujeito desejante, assim como a mulher, apresenta a mesma condição de se colocar no papel de um cuidador efetivo e afetivo de um bebê que necessita exclusivamente dos cuidados de um adulto para sobreviver e se constituir psiquicamente. A psicanálise, inicialmente localizada em tempos remotos nos quais o homem ocupava somente o papel de provedor financeiro do grupo familiar, enquanto as mulheres cuidavam da casa e dos filhos, precisa ser atualizada em seus conceitos por meio de novas pesquisas na contemporaneidade. Com arranjos familiares muito diversos do modelo tradicional, o qual imperava naquele período histórico, é possível contribuir com a ciência a partir da imprescindível escuta desta população com o intuito de uma atualização e ampliação das articulações teóricas.

Enquanto profissionais da saúde mental, psicólogos e psicanalistas, é preciso oferecer escuta, revisar conceitos e colaborar para uma visão mais atualizada que agregue antigos e fortalecidos temas às constatações contemporâneas. Sendo assim, consideramos que é possível que homens sejam *pais suficientemente bons*, parafraseando o termo winnicottiano de *mãe suficientemente boa*, uma vez que a característica principal para que esta seja assim considerada, é a disponibilidade temporária a uma tarefa única, o que implica em primeiro lugar no desejo, algo que os pais participantes desta pesquisa claramente possuíam.

Compreende-se como limite desta pesquisa a não generalização dos dados, uma vez que a escolha pelo método qualitativo e abordagem psicanalítica prevê um aprofundamento na compreensão do fenômeno, mas guardando a singularidade de cada caso. Sendo assim, espera-se que outros pesquisadores tragam novas contribuições ao tema.

Por fim, espera-se que as constatações obtidas a partir desta pesquisa tragam contribuições no campo da saúde mental e que os profissionais possam se utilizar deste material para aprofundar a compreensão do pai, e que seja uma ferramenta teórica que suscite inovações e melhoria contínua nos processos psicoterapêuticos individuais e grupais com os novos pais. Por exemplo, clínicos utilizarem-se deste conhecimento para efetivar inovações em suas

práticas, favorecendo o dispositivo grupal como nova forma de atendimento, sem o viés educativo, mas sim de escuta terapêutica, buscando maior equidade na clínica da perinatalidade; uma vez que os grupos ofertados às mães, sem dúvida necessários, são mais frequentes e difundidos pela própria coletividade. Certamente, a publicação de artigos abordando cada temática aqui trabalhada, será a forma de contribuição científica e estímulo a novas pesquisas, para além desta tese.

## REFERÊNCIAS

- ABADE, F.; ROMANELLI, G. Paternidade e paternagem em famílias patrifocais. **Revista Estudos Feministas**, v. 26, n. 2, 1-16, 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1806-9584-2018v26n250106>
- ABRAM, J. **A linguagem em Winnicott: dicionário das palavras e expressões utilizadas por Donald W. Winnicott**. Tradução Marcelo Del Grande da Silva. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.
- ANDRADE, R. D.; SANTOS, J. S.; MAIA, M. A. C.; MELLO, D. F. Fatores relacionados à saúde da mulher no puerpério e repercussões na saúde da criança. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 181-186, 2015.
- ARAÚJO, M. F. Gênero e família na construção de relações democráticas. In: FERES-CARNEIRO, T. (Org.). **Casal e Família: permanências e rupturas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009. p. 9-23405.
- ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. 2a ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.
- BADINTER, E. **Um Amor conquistado: o mito do amor materno**. Tradução Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BENINCASA, M.; ANDRADE, C. J.; SOUZA, F. C. A paternidade participativa na perspectiva de mulheres egressas da licença maternidade: uma reflexão interseccional. In: BENINCASA, M.; ROMAGNOLO, A. N.; HELENO, M. G. V. (Org.). **Maternidade, parentalidade e conjugalidade: novas perspectivas em Psicologia Perinatal**. Curitiba: Editora CRV, 2020. p. 275-291.
- BARROS, I. P. M. **Movimentos do desejo materno antes e após o nascimento do filho: um estudo longitudinal**. 2010. 405 f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/T.47.2010.tde-03092010-105001>
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2016.
- BARRETA, J. P. F. O conceito de vivência em Freud e Husserl. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 47-78, 2010.
- BERNARDI, D. Paternidade e cuidado: “novos conceitos”, velhos discursos. **Psic. Rev.**, São Paulo, 26(1), 59-80, 2017.
- BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado, 1988.
- BRASIL. **Ministério da Saúde**. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Atenção ao pré-natal de baixo risco / Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica – Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2012. (Série A. Normas e Manuais Técnicos) (Cadernos de Atenção Básica, n° 32).

- BRASIL. **Consolidação das leis do trabalho (CLT) e normas correlatas**. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017.
- CAMPANA, N. T. C.; SANTOS, C. V. M.; GOMES, I. C. De quem é a preocupação primária? A teoria winnicottiana e o cuidado parental na contemporaneidade. **Psic. Clin.**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 1, p. 33-53, 2019.
- CASTRO, E. G. Comunicaciones Breves: psicología e psicopatología de la paternidade. **Revista de la Asociación Española de Neuropsiquiatría**, v. 12, n. 4, p. 154-155, 1992.
- CHEMAMA, R. **Dicionário de Psicanálise**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1995.
- CHERER, E. Q.; FERRARI, A. G.; PICCININI, C. A. Tornar-se pai: a paternidade como inscrição subjetiva da finitude. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 34, p. 1-11, 2018. DOI: <https://dx.doi.org/10.1590/0102.3772e34433>
- COLETTI, M.; SCORSOLINI-COMIN, F. Pais de primeira viagem: a experiência da paternidade na meia idade. **Psico**, Porto Alegre, v. 49, n. 3, p. 374-385, 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.15448/1980-8623.2015.3.19335>
- CONCEIÇÃO, A. L. V., BRITO, A. G. B., GONÇALVES, L. F., MEIRELES, A.A., & PEDROSO, R. T. (2020). A depressão pós-parto paterna e os seus impactos no contexto familiar. **Revista Multidisciplinar em Saúde**, v. 1, n. 2. Recuperado de <https://editoraime.com.br/revistas/index.php/rem/s/article/view/137>
- COSTA, T. E por que não a adoção ou ficar sem filhos? O desejo da maternidade no contexto da R.A. In: SOUZA, M. C. B.; MOURA, M. D.; GRYNSZPAN, D. (Org.). **Vivências em Tempo de Reprodução Assistida: o dito e o não dito**. Rio de Janeiro: Revinter, 2008. p. 109-120.
- CUNICO, S. D.; ARPINI, D. M. A família em mudanças: desafios para a paternidade contemporânea. **Pensando famílias**, v. 17, n. 1, p. 28-40, 2013. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-494X2013000100004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2013000100004&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 26 mar. 2022.
- De Felice, E. M. **A psicodinâmica do puerpério**. São Paulo: Vetor, 2000.
- DIAS, E. O. **A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott**. Rio de Janeiro: Imago, 2003.
- DIAS, E. O. **Sobre a confiabilidade e outros estudos**. São Paulo: DWW Editorial, 2011.
- DIAS, M. L. Família. In: Levisky, R. B.; Dias, M. L.; Levisky, D. L. (Org.). **Dicionário de Psicanálise de casal e família**. São Paulo: Blucher, 2021. p. 198-203.
- DRAGO, Á. B.; MENANDRO, M. C. S. A paternidade e a maternidade sob o olhar de jovens de classe média e baixa: um estudo em representações sociais. **Revista Colombiana de Psicología**, v. 23, n. 2, p. 311-324, 2014.



- ENOCH, D.; PURI, B. K.; BALL, H. Couvade Syndrome. In: ENOCH, D.; PURI, B. K.; BALL, H. (orgs.). *Uncommon Psychiatric Syndromes*. 5th ed. New York: Routledge, 2021. p. 95-110.
- FALCETO, O. G.; FERNANDES, C. L.; KERBER, S. R. Alerta sobre a depressão pós-parto paterna. **Rev Bras Ginecol Obstet**, v. 34, n. 7, p. 293-295, 2012.
- FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução Sebastião Nascimento e colaboração Raquel Camargo. São Paulo: Ubu Editora, 2020. (Trabalho original publicado em 1952).
- FERRARI, R. S.; RIBEIRO, M. F. R. Ser mãe, ser pai: desafios na contemporaneidade. **Cad. Psicanálise (CPRJ)**, Rio de Janeiro, v. 42, n. 42, p. 225-242, 2020.
- FIORIN, P. C.; OLIVEIRA, C. T.; DIAS, A. C. G. (2014). Percepções de mulheres sobre a relação entre trabalho e maternidade. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, Florianópolis, v. 15, n. 1, p. 25-35.
- FREUD, S. Projeto para uma Psicologia Científica. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1990. v. I. p. 335-469. (Trabalho original publicado em 1895).
- FREUD, S. Totem e Tabu e outros trabalhos. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. XIII. p. 13-193. (Trabalho original publicado 1913).
- FREUD, S. À guisa de introdução ao narcisismo. In: **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago, 2004. v. I. p. 95-131. (Trabalho original publicado 1914).
- FREUD, S. O chiste e sua relação com o inconsciente. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Tradução. Fernando Costa Mattos e Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. v. VII, p.1-347. (Trabalho original publicado 1905).
- FREUD, Sigmund. A dissolução do complexo de Édipo. In: **Obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 193–198. (Trabalho original publicado em 1924).
- FREUD, S. O Humor. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Imago, 1988. v. XXI. p. 165-174. (Trabalho original publicado 1927).
- FULGÊNCIO, L. A noção de trauma em Freud e Winnicott. **Natureza Humana**, v. 6, n. 2, p. 255-270, 2004.
- GOMES, I. C. Configurações familiares. In: LEVISKY, R. B.; DIAS, M. L.; LEVISKY, D. L. **Dicionário de Psicanálise de casal e família**. São Paulo: Blucher, 2021. p. 93-96.
- GONÇALVES, A. S. **A amamentação vivenciada por pais: representações sociais e experiências**. 2018. 169 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social, Humanas, Saúde e Sociedade) - Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro,

Rio de Janeiro, 2018. Disponível em <<http://www.bdt.d.uerj.br/handle/1/15432>>. Acesso em: 20 de dez. 2021.

- GUIDUGLI, S. K. N. **Coração aflito: repercussões emocionais na gestante de feto cardiopata**. 2015. 132 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/D.47.2015.tde-24092015-151435>
- HOUAISS, A. Dicionário da língua portuguesa online. Disponível em [https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol\\_www/v6-0/html/index.php#1](https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-0/html/index.php#1). Acesso em 15 de jan de 2022.
- IACONELLI, V. **O mal-estar na maternidade: do infanticídio à função materna**. São Paulo: Annablume, 2015.
- IACONELLI, V. Sobre as origens: muito além da mãe. In: TEPERMAN, D.; GARRAFA, T.; IACONELLI, V. (Org.). **Parentalidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. p. 11-20.
- KLEIN, M. **Inveja e gratidão e outros trabalhos**. 4a ed. Tradução de Elias Mallet da Rocha e Liana Pinto Chaves (Coord.). Rio de Janeiro: Imago, 1991 (Trabalho original publicado em 1975).
- LANGER, M. **Maternidade e Sexo: estudo psicanalítico e psicossomático**. 2a ed. Tradução Maria Nastrovsky Folberg. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da Psicanálise**. Tradução. Pedro Tamen. 5a ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- LEITE, F. T. **Metodologia científica: métodos e técnicas de pesquisa: monografias, dissertações, teses e livros**. 3a ed. Aparecida: Ideias & Letras, 2015.
- LEVY, S. N. Da pandemia e de psicanálise. **Alter: Revista de Estudos Psicanalíticos**, v. 36, n. 1/2, p. 25-33, 2019/2020.
- LEVISKY, D. L. Alianças (pactos) inconscientes. In: LEVISKY, R. B.; DIAS, M. L.; LEVISKY, D. L. (Org.) **Dicionário de Psicanálise de casal e família**. São Paulo: Blucher, 2021. p. 41-51.
- LEVISKY, R. Expressões da intimidade nos vínculos: interferências da cultura. **Rev. Ide**, São Paulo, v. 39, n. 63, p. 41-58, 2017.
- MAGALHAES, A. S. Parentalidade. In: LEVISKY, R. B.; DIAS, M. L.; LEVISKY, D. L. (Org.). **Dicionário de Psicanálise de casal e família**. São Paulo: Blucher, 2021. p. 386-392.
- MALDONADO, M. T. P. **Psicologia da gravidez: parto e puerpério**. 16a ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- MALDONADO, M. T, NAHOUM, J. C.; DICKSTEIN, J. **Nós estamos grávidos**. 3a ed. Rio de Janeiro: Bloch Educação, 1981.

- MALDONADO, M. T. **Maternidade e Paternidade: a assistência no consultório e no hospital**. Petrópolis: Vozes, 1990.
- MARTINI, T. A. D.; PICCININI, C. A.; GONÇALVES, T. R. Indicadores de síndrome de couvade em pais primíparos. **Rev. Aletheia**, n. 31, 121-136, 2010.
- MASONI, S.; MAIO, A.; TRIMARCHI, G.; PUNZIO, C & P. FIORETTI. The couvade syndrome. **Journal of Psychosomatic Obstetrics & Gynecology**, v. 15, n. 3, p. 125-131, 1994. DOI: 10.3109 / 01674829409025637
- MATOS, M. G.; MAGALHÃES, A. S. (2019). Ser pai na contemporaneidade: demandas contraditórias. **Psic. Rev.** São Paulo, v. 28, n. 1, p. 151-173.
- MATOS, M. G.; MAGALHÃES, A. S.; FÉRES-CARNEIRO, T.; & MACHADO, R. N. Gestação paterna: uma experiência subjetiva. **Barbarói**, Santa Cruz do Sul, n. 49, p. 147-165, 2017.
- MERLETTI, C. K. I. Parentalidade, funções parentais e a educação infantil: promoção da saúde mental na primeira infância. In: BENINCASA, M.; ROMAGNOLO, A. N.; HELENO, M.G.V. (Org.). **Maternidade, parentalidade e conjugalidade: novas perspectivas em Psicologia Perinatal**. Curitiba: Editora CRV, 2020. p. 313-334.
- MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 12a ed. São Paulo: Hucitec, 2010.
- MORAES, C. J. A.; GRANATO, T. M. M. Tornando-se pai: uma revisão integrativa da literatura sobre a transição para a paternidade. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 21, n. 4, p. 557-567, 2016.
- MORAIS, M. B. L. Humor e Psicanálise. **Estudos de Psicanálise**, Salvador, n. 31, p. 113-123, 2008.
- MORALES, A.; CATALÁN, A.; PÉREZ, F. Los padres también se deprimen en el postparto: comprendiendo el fenómeno desde la voz de sus protagonistas. **Polis**, Santiago, v. 17, n. 50, p. 161-181, 2018. DOI: <https://dx.doi.org/10.4067/S0718-65682018000200161>
- NAVARRO, G. M.; RIOLA, R. O.; GARCIA, E. G.; CALVENTE, M. M. G. Análisis multinivel de la producción científica mundial sobre paternidad, desarrollo humano e igualdad de género. **Gaceta Sanitaria**, v. 34, n. 6, p. 582-588. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.gaceta.2019.04.008>
- OLIVEIRA, E. A.; ABLES, J. N.; DINGLER, M. L. Empatia parental. In: PICCININI, C.A.; ALVARENGA, P. (Org.). **Maternidade e paternidade: a parentalidade em diferentes contextos**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012. p. 391-408.
- PEREIRA, A. C. M. **Depressão Perinatal Paterna: fatores de risco**. 2020. 149 f. Dissertação (Mestrado em Medicina) - Faculdade de Medicina, Universidade Beira Interior, Covilhã, Portugal, 2020. Disponível em <[https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/10658/1/7481\\_15922.pdf](https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/10658/1/7481_15922.pdf)>. Acesso em: 07 de jul. 2021.

- PERERA, A. M. La paternidade, desde una perspectiva biopsicosocial. **Revista Cubana de Genética Comunitaria**, Cuba, v. 12, n. 1, p. 1-12, 2018.
- PICCININI, C. A.; LEVANDOWSKI, D. C.; GOMES, A. G.; LINDENMEYER, D.; LOPES, R. S. Expectativas e sentimentos de pais em relação ao bebê durante a gestação. **Estudos de Psicologia Campinas**, v. 26, n. 3, p. 373-382, 2009.
- PICCININI, C. A., GOMES, A. G., ALFAYA, C. A. S., SOUSA, D. D., BRUM, E. H. M., FRIZZO, G. B., LOPES, R. C. S. Parentalidade no contexto da depressão pós-parto. In: PICCININI, C. A.; ALVARENGA, P. (Org.). **Maternidade e paternidade: a parentalidade em diferentes contextos**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012. p. 83-116.
- POMBO, M. Crise do patriarcado e função paterna: um debate atual na psicanálise. **Psicologia Clínica**, v. 30, n. 3, p. 447-470, 2018.
- PRIETO, J. G.; SÁNCHEZ, J. A.; CHAMORRO, E. M.; SANZ, L. I.; & NACENTA, S. B. Complicaciones del puerperio: mecanismos fisiopatológicos y principales hallazgos radiológicos asociados. **Radiología**, v. 63, n. 1, 22-31, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.rx.2020.08.001>
- QUAYLE, J. A parentalidade após Reprodução Assistida. In: BENINCASA, M.; ROMAGNOLO, A. N.; HELENO, M. G. V. (Org.). **Maternidade, parentalidade e conjugalidade: novas perspectivas em psicologia perinatal**. Curitiba: Editora CRV, 2020. p. 233-256.
- RODRIGUES, A. S. M. **A depressão pós-parto no homem após o nascimento do primeiro filho**. 2019. 72f. Dissertação (Mestrado em Psicologia e Ciências da Educação) - Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Coimbra, Portugal, 2019. Disponível em <<http://hdl.handle.net/10316/85640>>. Acesso em: 07 de out. 2021.
- RODRIGUEZ, B. C; GOMES, I. C.; OLIVEIRA, D. P. Família e nomeação na contemporaneidade: uma reflexão psicanalítica. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, v. 8, n. 1, p. 135-150, 2017.
- ROSA, C. D. (Org.). **E o Pai? Uma abordagem winnicottiana**. São Paulo: DWW Editorial, 2014.
- ROSA, C. B.; MACHADO, E. M.; ANTUNES, B. S.; RANGEL, R. F.; PEREIRA, L. A. Papel paterno frente aos cuidados do recém-nascido: estudo de revisão narrativa de literatura. **Revista Científica Multidisciplinar**, v. 2, n. 10, p. 1-12, 2021.
- ROUDINESCO, E. **A família em desordem**. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- SANTIS, L; BARHAM, E. J. Envolvimento Paterno: Construção de um Modelo Teórico Baseado em uma Revisão da Literatura. **Temas em Psicologia**, v. 25, n. 3, p. 941-953, 2017.

- SANTOS, C. V. M. **O cuidado parental igualitário: implicações para a construção de um modelo de interação triádica pai-mãe-bebê.** 2018. 238 f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-25022019-112951/en.php>>. Acesso em: 20 de ago. de 2020.
- SANTOS, C. V. M.; ANTÚNEZ, A. E. A. Paternidade afetivamente inscrita: modalidades de interação na relação pai-bebê. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 70, n. 1, p. 224-238, 2017.
- SANTOS, C. V. M.; ANTÚNEZ, A. E. A. “Papai não tem leite!” Considerações sobre o holding paterno na dependência absoluta. **Psicol. estud.**, v. 23, 105-116, 2018.
- SZEJER, M.; STEWART, R. **Nove meses na vida da mulher: uma aproximação psicanalítica da gravidez e do nascimento.** 2a ed. Tradução Maria Nurymar B. N. Benetti. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.
- SOULÉ, M. O filho da cabeça, o filho imaginário. In BRAZELTON, T. B.; CRAMER, B.; KREISLER, L.; SCHÄPPI, R.; SOULÉ, M. (Org.). **A dinâmica do bebê.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1987. p.132-170.
- TEPERMAN, D. Parentalidade para todos, não sem a família de cada um. In: TEPERMAN, D.; GARrafa, T.; IACONELLI, V. (Org.). **Parentalidade.** Belo Horizonte: Autêntica, 2020. p. 89-105.
- TRAGE, F. T.; DONELLI, T. M. S. Quem é o novo pai? Concepções sobre o exercício da paternidade na família contemporânea. **Barbarói**, n. 57, p. 141-164, 2020. DOI: <https://doi.org/10.17058/barbaroi.v0i57.14263>
- TRINDADE, Z.; CORTEZ, M. B.; DORNELAS, K.; SANTOS, M. Pais de primeira viagem: demanda por apoio e visibilidade. **Revista Saúde Soc**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 250-261, 2019.
- TURATO, E. R. Introdução à metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: definição e principais características. **Revista Portuguesa de Psicossomática**, v. 2, n. 1, p. 93-108, 2000. DOI: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=28720111>
- TURATO, E. R. **Tratado de metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas.** 3ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- ZORNIG, S. M. A. J. Tornar-se pai, tornar-se mãe: o processo de construção da parentalidade. **Tempo psicanalítico**, Rio de Janeiro, v. 42, n. 2, p. 453-470, 2010.
- WINNICOTT, D. W. E o Pai? In: **A criança e o seu mundo.** 7 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2022. p. 100-105. (Original publicado em 1945).
- WINNICOTT, D. W. **Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas.** Tradução Davy Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago, 2000. (Trabalho original publicado em 1956).

- WINNICOTT, D. W. O uso de um objeto no Contexto de Moisés e o Monoteísmo. In: WINNICOTT, C.; SHEPHERD, R.; DAVIS, M. (Org.). **Explorações Psicanalíticas D. W. Winnicott**. Tradução José Octavio de Abreu Aguiar. Porto Alegre: Artes Médicas do Sul, 1994. p. 197-191. (Trabalho original publicado em 1969).
- WINNICOTT, D. W. **A família e o desenvolvimento individual**. Tradução Marcelo Brandão Cipolla. 4a ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011. (Trabalho original publicado em 1965).
- WINNICOTT, D. W. Teoria do relacionamento paterno-infantil. In: **O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional**. Tradução Irineo Constantino Schuch Ortiz. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983. p. 38-54. (Trabalho original publicado em 1960).

## **APÊNDICES**

APÊNDICE 1: Questionário – Levantamento de dados sociodemográficos

APÊNDICE 2: Primeira entrevista (durante o último mês da gestação)

APÊNDICE 3: Segunda entrevista (primeiro mês após o nascimento do bebê)

APÊNDICE 4: Termo De Consentimento Livre e Esclarecido

**APÊNDICE 1**  
**Questionário – Levantamento de dados sociodemográficos**

I. Identificação:

Nome (iniciais):

Idade:

Naturalidade:

Reside em:

Estado Civil:

Religião:

Grau de instrução:

Profissão:

Tipo de vínculo profissional:

profissional liberal/autônomo     profissional de empresa privada

funcionário público                       desempregado

outros \_\_\_\_\_

Nome cônjuge (iniciais):

Idade:

Natural de:

Profissão:

Grau de instrução:

Profissão:

Tipo de vínculo profissional:

profissional liberal/autônomo     profissional de empresa privada

funcionário público                       desempregado

outros



**APÊNDICE 2**  
**Primeira entrevista (durante o último mês da gestação)**

Questões Norteadoras:

1. Conte-me sobre suas expectativas para o nascimento do bebê.
2. Como você se imagina no papel de pai?
3. Descreva aspectos positivos e dificuldades que imagina com a experiência da paternidade.
4. Você tem sentido algum tipo de alteração, sintoma e/ou desconforto físico?  
(Caso sim) Algum deles se aproxima de algo que sua companheira/esposa tem sentido?

**APÊNDICE 3**  
**Segunda entrevista (primeiro mês após o nascimento do bebê)**

Questões norteadoras:

1. Conte-me como está sendo sua experiência como pai.
2. Como você se percebe no papel de pai.
3. Descreva aspectos positivos e dificuldades que tem vivenciado com a paternidade.
4. Conte-me sobre o que você esperava que seria a experiência da paternidade e o que de fato está vivenciando.
5. Você tem sentido algum tipo de alteração, sintoma ou desconforto físico e/ou emocional após o nascimento de seu filho?

#### APÊNDICE 4

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

**Título:** Um estudo qualitativo sobre o puerpério e o pai: vivências da paternidade

**Introdução:** Sabe-se que diante de um processo de gestação, homens e mulheres vivenciam uma realidade que pode trazer diversas repercussões emocionais importantes.

**Objetivos:** compreender a vivência de homens que se tornam pais pela primeira vez, identificando possíveis dificuldades emocionais experimentadas.

**Procedimentos:** você será submetido a duas entrevistas, com duração de aproximadamente 1h e meia, em local de sua conveniência, que a pesquisadora agendará previamente. A primeira ocorrerá no último mês de gestação de sua companheira e a segunda no primeiro mês após o nascimento do bebê de vocês. Ambas as entrevistas serão gravadas para serem melhor estudadas em sua íntegra.

**Risco e benefício:** a pesquisa não lhe trará nenhum risco físico. Em alguns casos poderá surgir algum desconforto em virtude da gravação ou de conteúdos que surjam, ficando resguardada a vontade do participante de interromper a entrevista ou não falar sobre determinado conteúdo; bem como terá o acolhimento necessário da própria pesquisadora, que também tem experiência de manejo clínico. A pesquisa trará benefício ajudando o meio científico a compreender melhor como os homens vivenciam a experiência da paternidade, para que assim sejam pensadas em possibilidades de intervenções psicológicas que auxiliem esta população diante de possíveis dificuldades identificadas.

**Participação e não participação:** você poderá desistir da participação a qualquer momento, sem que isso lhe traga qualquer prejuízo.

**Sigilo e confidencialidade:** será garantido o sigilo de sua identificação, ou seja, em nenhum momento seu nome ou qualquer outro dado que possa identificá-lo será revelado. A gravação da entrevista ficará somente de posse da pesquisadora, sendo posteriormente transformada em dados que não serão divulgados com qualquer possibilidade de identificação dos participantes. Os dados obtidos (somente os dados) serão divulgados posteriormente de uma forma geral em eventos científicos ou publicados em revistas científicas nacionais ou internacionais.

**Custo, não remuneração e compensação:** você não terá nenhum custo ao participar da pesquisa, nem terá nenhum recebimento ou remuneração.

( ) Sim, declaro que fui orientado pela pesquisadora responsável e compreendi as informações oferecidas e concordo em participar desta pesquisa.

Nome completo: \_\_\_\_\_

R.G.: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

## Contatos:

1. Pesquisadora Responsável:  
Ms. Simone Kelly Niklis Guidugli  
<mailto:simone13@usp.br>  
Tel. (11) 9.8540.1435
  
2. Orientadora:  
Profª Drª Isabel Cristina Gomes  
isagomes.usp@gmail.com
  
3. Comitê de Ética em Pesquisa – Instituto de Psicologia Universidade de São Paulo:  
[ceph.ip@usp.br](mailto:ceph.ip@usp.br)  
Telefone: (11) 3091-4182

## ANEXOS

## ANEXO 1 - Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa

USP- INSTITUTO DE  
PSICOLOGIA DA  
UNIVERSIDADE DE SÃO



**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** Um estudo qualitativo sobre o puerpério e o pai: vivências da paternidade

**Pesquisador:** SIMONE KELLY NIKLIS GUIDUGLI

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 18638519.2.0000.5561

**Instituição Proponente:** UNIVERSIDADE DE SAO PAULO

**Patrocinador Principal:** UNIVERSIDADE DE SAO PAULO

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 3.518.159

**Apresentação do Projeto:**

O projeto é bem apresentado, e trata do tema: as vivências emocionais do homem em sua paternidade. Traz dados sobre os estudos em mulheres que experimentam o ciclo gravídico/puerperal, mas há poucas publicações enfocando a experiência do homem no processo de acompanhamento de suas companheiras, bem como sua própria vivência da paternidade

**Objetivo da Pesquisa:**

A pesquisadora divide os objetivos em

**Geral:** compreender a vivência emocional e subjetiva do homem no processo de paternidade, antes e depois do nascimento do filho.

**E Específicos:** Identificar as principais repercussões emocionais na vivência do pai e identificar possíveis quadros psicopatológicos no puerpério, como a Depressão Puerperal Paterna.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Apresenta os riscos, afirmando que não haverá risco físico. Tal afirmação chama a atenção, pois sendo uma investigação como a apresentada não haveria mesmo risco físico. Porém a pesquisadora complementa a informação de que em alguns casos pode surgir algum desconforto em virtude da gravação ou de conteúdos que surjam, e acrescenta que fica resguardada a vontade do participante de interromper a entrevista ou não falar sobre determinado conteúdo. Afirma ainda que o participante terá o acolhimento necessário, pela própria pesquisadora, que também tem experiência clínica. Em relação aos benefícios, a pesquisadora não apresenta nenhum com

**Endereço:** Av. Prof. Mello Moraes, 1721 - Bloco G - Sala 27

**Bairro:** Cidade Universitária

**CEP:** 05.508-030

**UF:** SP

**Município:** SAO PAULO

**Telefone:** (11)3091-4182

**E-mail:** ceph.lp@usp.br

USP- INSTITUTO DE  
PSICOLOGIA DA  
UNIVERSIDADE DE SÃO



Continuação do Parecer: 3.518.159

respeito aos participantes, mas ao que ela denomina "meio científico" de forma que pretende ajudar para que sejam pensadas possibilidades de intervenções psicológicas que auxiliem esta população diante de possíveis dificuldades identificadas.

à ciência.

**Benefícios:**

A pesquisa trará benefício ajudando o meio científico a compreender melhor como os homens vivenciam a experiência da paternidade, para que assim sejam pensadas em possibilidades de intervenções psicológicas que auxiliem esta população diante de possíveis dificuldades identificadas.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Esta adequada e bem descrita inclusive a metodologia ser aplicada.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

O TCLE é completo e traz todas as informações indispensáveis.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

O projeto está aprovado.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Considerações finais a critério do CEP:

Diante do exposto, o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS nº 510 de 2016, na Resolução CNS nº 466 de 2012 e na Norma Operacional nº 001 de 2013 do CNS, manifesta-se pela aprovação do projeto de pesquisa proposto.

Situação: Protocolo aprovado.

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1396129.pdf	07/08/2019 16:51:14		Aceito
Declaração de Pesquisadores	Declaracao_Pesquisador_Simone.pdf	07/08/2019 16:50:42	SIMONE KELLY NIKLI GUIDUGLI	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de	TCLE.pdf	07/08/2019 16:47:10	SIMONE KELLY NIKLI GUIDUGLI	Aceito

**Endereço:** Av. Prof. Mello Moraes, 1721 - Bloco G - Sala 27  
**Raio:** Cidade Universitária **CEP:** 05.508-030  
**UF:** SP **Município:** SAO PAULO  
**Telefone:** (11)3091-4182 **E-mail:** ceph.ip@usp.br

USP- INSTITUTO DE  
PSICOLOGIA DA  
UNIVERSIDADE DE SÃO



Continuação do Parecer: 3.518.159

Ausência	TCLE.pdf	07/08/2019 16:47:10	SIMONE KELLY NIKLIS GUIDUGLI	Aceito
Folha de Rosto	folhaderosto1.docx	12/07/2019 11:33:01	SIMONE KELLY NIKLIS GUIDUGLI	Aceito
Cronograma	Cronograma.pdf	12/07/2019 11:25:25	SIMONE KELLY NIKLIS GUIDUGLI	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Paternidade_final.pdf	10/07/2019 22:55:50	SIMONE KELLY NIKLIS GUIDUGLI	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

SAO PAULO, 20 de Agosto de 2019

---

**Assinado por:**  
**Jose de Oliveira Siqueira**  
(Coordenador(a))

**Endereço:** Av. Prof. Mello Moraes, 1721 - Bloco G - Sala 27  
**Bairro:** Cidade Universitária **CEP:** 05.508-030  
**UF:** SP **Município:** SAO PAULO  
**Telefone:** (11)3091-4182 **E-mail:** ceph.lp@usp.br